

CURSO DE VERÃO – ANO XXVIII

Coleção TEOLOGIA POPULAR

- Curso de verão* — *Ano I* (Introdução ao AT; Êxodo; Cristologia; leigos e ministérios; fé e política; culturas oprimidas)
Curso de verão — *Ano II* (Profetismo; edesiologia; religião do povo; movimento popular; comunicação)
Curso de verão — *Ano III* (NT e evangelho de Marcos; batismo e eucaristia; história da Igreja no Brasil; a mulher)
Curso de verão — *Ano IV* (At, 1Cor, Ap; liturgia; ecumenismo; educação e trabalho)
Curso de verão — *Ano V* (Gn 2-3; feminismo; sexualidade; culturas e juventude)
Curso de verão — *Ano VI* (Comunidade; Espírito Santo; ética; ecologia e moradia)
Curso de verão — *Ano VII* (Cidadania; pentecostalismo e novos movimentos religiosos)
Curso de verão — *Ano VIII*: A cidade: um desafio para as Igrejas e movimentos populares
Curso de verão — *Ano IX*: Trabalho — Crise e alternativas
Curso de verão — *Ano X*: Por uma ética da liberdade e da libertação
Curso de verão — *Ano XI*: Espiritualidade e Mística
Curso de verão — *Ano XII*: Culturas e inculturação
Curso de verão — *Ano XIII*: Brasil, 500 anos: por um jubileu de justiça e de esperança
Curso de verão — *Ano XIV*: Construir e celebrar a justiça e a paz em tempos de exclusão e violência
Curso de verão — *Ano XV*: Produzir a esperança: Projetos de sociedade e utopia do Reino
Curso de verão — *Ano XVI*: Saúde: Cuidar da vida e da integridade da criação
Curso de verão — *Ano XVII*: Água é vida: Dom de Deus e responsabilidade humana
Curso de verão — *Ano XVIII*: Educar para a justiça, a solidariedade e a paz
Curso de verão — *Ano XIX*: Comunicações: Ética e Cidadania
Curso de verão — *Ano XX*: Ecologia: Cuidar da vida e da integridade da criação
Curso de verão — *Ano XXI*: Juventude: Caminhos para outro mundo possível
Curso de verão — *Ano XXII*: Arte e Educação Popular
Curso de verão — *Ano XXIII*: Política e Comunidades Humanas: por uma prática popular transformadora
Curso de verão — *Ano XXIV*: A vida: desafio à Ciência, Bíblia e Bioética: do genoma humano às células-tronco
Curso de verão — *Ano XXV*: Religiões construtoras de justiça e de paz
Curso de verão — *Ano XXVI*: Redes Digitais: tecendo relações, construindo comunidades, exercendo cidadania
Curso de verão — *Ano XXVII*: Juventudes em foco: por políticas públicas inclusivas em trabalho, educação e cultura
Curso de verão — *Ano XXVIII*: Juventude e relações afetivas

Ana Cristina Canosa
Edward Guimarães
Marcelo Barros
Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira
José Oscar Beozzo e
Cecília Bernardete Franco (orgs.)

CURSO DE VERÃO — ANO XXVIII

JUVENTUDE E RELAÇÕES AFETIVAS

CESEEP



CENTRO ECUMÊNICO DE SERVIÇOS À EVANGELIZAÇÃO
E EDUCAÇÃO POPULAR — CESEEP
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 993 cjto. 205 – Bela Vista
01317-001 São Paulo – SP
tel./fax: (11) 3105-1680
ceseep@ceseep.org.br
www.ceseep.org.br

Direção editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Organização
Pe. José Oscar Beozzo

Coordenação editorial
Cecília Bernardete Franco

Revisão e texto da contracapa
Pe. José Oscar Beozzo

Capa
Anderson Augusto de Souza

Editoração, impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Curso de verão XXVIII: Juventude e relações afetivas / José Oscar Beozzo e Cecília Bernardete Franco (orgs.). – São Paulo: Paulus, 2014. – (Coleção Teologia popular)

Vários autores.
ISBN 978-85-349-4046-7

1. Amor - Aspectos sociais 2. Corporeidade 3. Identidade 4. Identidade (Psicologia) 5. Juventude 6. Juventude - Conduta de vida I. Beozzo, José Oscar. II. Franco, Cecília Bernardete. III. Série.

14-09580

CDD-261

Índices para catálogo sistemático:

1. Juventude e relações afetivas: Teologia social 261

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 – Fax: (11) 5579-3627
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4046-7

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
<i>Pe. José Oscar Beozzo</i>	
SEÇÃO I: MAPEANDO A REALIDADE DAS RELAÇÕES AFETIVAS	19
1. Corporeidade e identidades: mapeando o universo da sexualidade humana e das relações afetivas	21
<i>Ana Cristina Canosa</i>	
SEÇÃO II: RELAÇÕES AFETIVAS NO HORIZONTE DA ÉTICA	45
2. Relações afetivas, sexualidade (gênero) e família no horizonte da reflexão ética	47
<i>Edward Guimarães</i>	
SEÇÃO III: BÍBLIA, TEOLOGIA E PASTORAL.....	95
3. Integrar a sexualidade no nosso projeto de vida	97
<i>Marcelo Barros</i>	
4. Igreja e sociedade – CF 2015.....	143
<i>Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira</i>	

A P R E S E N T A Ç Ã O

José Oscar Beozzo¹

*Eis que eu vos dou um novo mandamento:
amai-vos uns aos outros, como eu vos amei:
amai-vos assim uns aos outros.
Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos,
se tiverdes amor uns pelos outros.
Jo 13,34-35*

*O ágape, que é distinto do eros,
designa um amor que não busca a si mesmo,
mas que se preocupa com o bem do outro, por ele mesmo.
Laurence Devillairs²*

Juventude e relações afetivas é o tema do Curso de Verão de 2015. Será abordado no horizonte da corporeidade, da espiritualidade e da sua rica diversidade.

Indagar-se sobre o afeto e a sexualidade é tocar na dimensão maior do amor humano, a de sua grandeza e contradições, sendo capaz de aproximar-se com respeito de suas diferentes formas de expressão e vivências, sem a ilusória pretensão de desvendar inteiramente seu mistério.

¹ José Oscar Beozzo, com formação em filosofia, teologia, ciências sociais e história social, é vigário da paróquia São Benedito, em Lins, membro da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA) e coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEP). Autor, entre outros livros, de *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II*, São Paulo: Paulinas/EDUCAM/UVA, 2005, e *Tecendo memórias e gestando futuro – História das Irmãs Negras e Indígenas Missionárias de Jesus Crucificado – MJC* (livro preparado conjuntamente com Ir. Maria Raimunda R. Costa, Ir. Maria Fidêncio Espírito Santo e Ir. Geralda F. Silva), São Paulo: Paulinas, 2009.

² L. DEVILLAIRS, “Le christianisme n’est pas un puritanisme”, em *ÉTUDES*, mar 2014, p. 61.

A casa do ser humano é sua *corporeidade*, que se exprime na busca por sentido mais profundo na *espiritualidade* e no incessante afã por tornar-se sujeito respeitado e reconhecido no seu direito à própria *identidade* não mero objeto na teia de relações sociais e pessoais no seio da família, dos círculos de amigos, no trabalho, no lazer e na aventura das escolhas amorosas.

A banalização das relações afetivas, com sua superexposição nas redes sociais; a fragilização da família; a exploração do corpo feminino na publicidade; os preconceitos e discriminações no campo da sexualidade; o inveterado machismo e patriarcalismo de nossa sociedade e o tráfico de pessoas e de órgãos humanos constituem violações de direitos, afronta à dignidade humana e dilema perante os caminhos para superá-los. A reflexão ética é chamada a iluminar as tarefas na construção de outro mundo possível também nessa esfera.

Com este tema desafiador das *relações afetivas*, o Curso de Verão completa o triênio de estudos voltados para a juventude.

Escolhemos, para a abertura da apresentação, duas frases: uma do evangelho de São João e uma da filósofa francesa Laurence Devillairs.

Entre o mandamento novo de Jesus, na última ceia, e a epígrafe de Devillairs há uma pronunciada afinidade eletiva.

No evangelho de João, a medida do amor, que somos chamados a praticar, é a do amor sem limites que Jesus demonstrou por nós. Ele explicita claramente essa medida: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida pelos amigos” (Jo 15,13).

Gratuidade e reciprocidade são as marcas desse amor. É ainda sinal e prova de que somos seus discípulos: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35).

Por sua vez, a Primeira Carta de São João busca ali a definição do mistério mais íntimo do próprio Deus: “Deus é amor” (ágape: *ἀγάπη*).

É desse amor ágape que nos fala Paulo na Carta aos coríntios: “O amor (ágape) é paciente, o amor é prestativo. Não é invejoso, não se vangloria, não se incha de orgulho. Não é rude, não é interesseiro. Não se irrita facilmente, não planeja o mal. – O amor não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha” (1Cor 13,4-8).

Devillairs parte, por sua vez, da distinção entre eros (Ερως) e ágape (αγάπη). Este está centrado no “outro” e nas suas necessidades, e não na busca de si mesmo.

Por outro lado, não é menos rica e importante na experiência humana a dimensão do amor sensível, *Eros*, que é experimentada no encantamento que a beleza desperta, na paixão que suscita, no prazer que provoca. O amor sensível pode entrar por cada um dos cinco sentidos, verdadeiras janelas da alma, como nos evoca Edward Guimarães no seu texto.³

Os gregos, ao falarem do amor, além de eros e ágape, apontavam para uma terceira forma, a *philia* (φιλία), o amor de amizade. Aristóteles, em 350 a.C., ao escrever a sua *Ética a Nicômaco*, dedica à amizade todo o Livro VIII. Para ele, a amizade é sentimento e ao mesmo tempo virtude que se conquista e se constrói quotidianamente, para que se torne duradoura. A amizade pede tempo e dedicação perseverante, condições escassas nos dias de hoje, atropelados que somos pelo turbilhão de solicitações múltiplas e simultâneas e pelo caráter evanescente e rotativo das relações entre as pessoas.

O livro da Sabedoria nos diz: “Amigo fiel é proteção poderosa, e quem o encontra, encontra um tesouro. Amigo fiel não tem preço, não há medida para indicar o seu valor. Amigo fiel é remédio para a vida e os que temem ao Senhor o encontrarão” (Sb 6,14-16).

Quando o Curso de Verão tomou por tema *Juventude e relações afetivas*, queria aproximar-se desse rico universo coberto por essas várias formas de experiências e relacionamentos.

A temática toca uma das dimensões decisivas na formação do ser humano como pessoa: suas relações afetivas. Elas o envolvem antes mesmo do seu nascimento, no amplexo de pai e mãe que se encontram na entrega mútua, que pode levar ao surgimento de uma nova vida. O novo ser herda do pai e da mãe todo o seu patrimônio genético, que veio se acumulando e modificando ao longo de muitas

³ E. GUIMARÃES, “Relações afetivas, sexualidade (gênero) e família no horizonte da reflexão ética”, em J. O. BEOZZO, C. B. FRANCO, *Juventude e relações afetivas*, São Paulo: Paulus, 2014, pp. 82-84.

gerações. Ao mesmo tempo, é um ser inteiramente novo, distinto dos seus antepassados e de seus pais, único na sua identidade, ao combinar de modo irreproduzível duas diferenças. Sua identidade é assim plasmada não apenas pelos vínculos de sangue, mas também pelos laços de afeto que o cercam, ainda no seio materno, das conversas que a mãe e familiares com ele já entabulam, das cantigas que lhe são cantadas, das orações e cuidados, ânsias e sonhos com que é esperado. Por outro lado, violências no próprio nascedouro da vida, gestações atribuladas e sofridas podem deixar marcas duradouras no nascituro.

Cada ser humano está destinado, por sua vez, a alçar seu próprio voo, primeiro tateante e indeciso, depois mais firme e decidido, na conquista da sua liberdade e na construção de sua própria trajetória de vida e de novas relações que não serão mais “dadas” no seio de sua família, mas “eletivas”, partindo de suas próprias escolhas. Adolescência e juventude são momentos privilegiados dessas relações eletivas em termos de amizade, de enamoramento ou de compromisso mais definitivo, que a Bíblia descreve como ruptura perante uma anterior teia de relações: “Por isso, o homem deve deixar pai e mãe e unir-se à sua mulher e se tornarem uma só carne” (Gn 2,24).

A temática desses três anos está do mesmo modo entrelaçada. Ao tratar das redes sociais, abordamos a malha densa e quase infinita em que se movem hoje as pessoas no universo da comunicação digital. O face a face da comunicação oral já havia sido alterado, quando esta pode processar-se por meio de um código que não exigia mais a presença. A invenção da escrita modificou para sempre as condições da comunicação humana. O Pe. Antonio Vieira (1608-1697) traduziu de modo magistral a revolução e a magia da escrita: “O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive. No livro seguimos nossa conversação com mortos, com mudos, surdos e cegos”.

O telefone e hoje o celular reabriram o caminho para a conversação a distância, mas passando agora por uma nova revolução tecnológica. Não se trata apenas da “arte” da escrita, mas sim da mediação de uma nova tecnologia para intermediar a comunicação.

A internet permitiu que voz e imagem pudessem se juntar num diálogo a dois ou a muitos nas videoconferências, e tornar presentes os ausentes, não importando mais as distâncias, já que os satélites envolveram toda a terra na intrincada teia das infovias. As redes digitais criaram a conversação simultânea com dezenas e mesmo centenas e milhares de pessoas ligadas no Facebook ou no Twitter. Os seguidores de uma pessoa, os visitantes de um blogue podem ser milhares ao mesmo tempo e de maneira anônima ou visível aos demais.

Essa comunicação, porém, é volátil e pode evaporar-se no minuto seguinte.

Alguns se gabam de ter duzentas ou trezentas pessoas entre seus “amigos” no Facebook. Famosos podem ter milhares de seguidores no Twitter. Entretanto, quem possui trezentos amigos no “Face” pode, na verdade, não ter nenhum. A comunicação é, por sua vez, virtual e não mais direta e tangível; quando cai o “sistema”, é interrompida imediatamente.

Enredados hoje na dispersão dos desejos e da atenção, podemos nos esgotar no borboletear estéril por tantas flores, sem tecer laços duradouros e profundos com nenhuma delas.

Há um risco crescente de que as pessoas se fechem sobre si mesmas. Muitos jovens, adolescentes e mesmo crianças ficam horas a fio grudados ao seu celular, ao seu *tablet* ou computador. Não estabelecem mais diálogos com pessoas concretas, nem mesmo no seio da família. Seus jogos e diversões são individuais e sua interlocução passa por aparelhos. Todo o seu universo tornou-se virtual; para eles, o virtual tornou-se o real. Criam-se indivíduos constantemente conectados, mas cada vez mais isolados e ensimesmados. Viramos clones de uma sociedade que não conhece mais laços, não sejam funcionais e é movida exclusivamente por interesses individuais em feroz competição e cuja escala de valores coloca o dinheiro e o sucesso econômico e profissional no topo de suas prioridades.

O filósofo Emmanuel Mounier contrapõe ao indivíduo a pessoa: “Assim como a primeira preocupação do individualismo é centrar o indivíduo sobre si mesmo, a primeira preocupação do personalismo

é descentrá-lo, para o colocar nas largas perspectivas abertas pela pessoa”.⁴ E prossegue:

Pela experiência interior, a pessoa surge-nos como uma presença voltada para o mundo e para as outras pessoas, sem limites, misturada com elas numa perspectiva de universalidade. As outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer. Não existe senão para os outros, não se conhece senão pelos outros, não se encontra senão nos outros. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O *tu* e adentro dele, o *nós*, precede o *eu*, ou pelo menos, acompanha-o. É na natureza material (e a ela estamos parcialmente submetidos) que a exclusão reina, porque um espaço não pode ser ocupado duas vezes ao mesmo tempo. Mas a pessoa, no mesmo movimento que a faz ser, *ex-põe-se*. Por isso, é por natureza comunicável e até mesmo, só ela o é. É preciso partir deste fato primitivo. Do mesmo modo que o filósofo que começa por se encerrar no pensamento nunca encontrará uma saída para o ser, assim aquele que começar por se encerrar no eu nunca encontrará o caminho para os outros. Quando a comunicação se enfraquece ou se corrompe, perco-me profundamente eu próprio: todas as loucuras são uma falha nas relações com os outros – o *alter* torna-se *alienus*, torno-me também estranho a mim próprio, alienado. Quase se poderia dizer que existo para os outros, ou numa frase-limite: ser é amar.⁵

Seguimos Mounier na sua compreensão de que a infraestrutura de relações humanizadas

[...] funda-se numa série de atos originais que não tem equivalente em nenhuma outra parte do universo;

⁴ E. MOUNIER, *O personalismo*, 2ª ed., São Paulo/Lisboa: Livraria Duas Cidades/Livraria Moraes, 1964, p. 62-63.

⁵ *Ibidem*, p. 65.

- 1° *Sair para fora de nós próprios.* A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponível para os outros [...] só liberta o mundo e os homens aquele que se libertou de si próprio. Os antigos falavam da luta contra o amor-próprio. Nós o chamamos, hoje, egocentrismo, narcisismo, individualismo.
- 2° *Compreender.* Deixar de me colocar sempre no meu próprio ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. Não me procurar numa pessoa escolhida e igual a mim, não conhecer os outros apenas com um conhecimento geral (o gosto pela psicologia não é interesse pelos outros), mas captar com a minha singularidade a sua singularidade e num esforço de recolhimento. Ser todo para todos, sem deixar de ser e de ser eu; porquanto há uma maneira de tudo compreender que corresponde a nada amar e nada ser; dissolução nos outros, não compreensão dos outros.
- 3° *Tomar sobre nós, assumir o destino,* os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros, “sofrer na nossa própria carne”.
- 4° *Dar.* A força viva do ímpeto pessoal não está nem na reivindicação (individualismo pequeno-burguês), nem na luta de morte (existencialismo), mas na generosidade e no ato gratuito, ou seja, numa palavra, dádiva sem medida e sem esperança de recompensa. A economia da pessoa é uma economia da dádiva, não da compensação ou do cálculo. A generosidade dissolve a opacidade e anula a solidão da pessoa, mesmo quando esta nada recebe em troca: contra a fileira cerrada dos institutos, dos interesses, dos raciocínios, ela é, em todo o sentido da palavra, perturbadora. Desarma as recusas, oferecendo aos outros um valor a seus próprios olhos elevado, exatamente no momento em que eles esperariam ser expulsos como coisa indesejável, e assim os prende à sua comunicação; daí o valor libertador do perdão, da confiança. Só nada consegue contra certos ódios mais misteriosos do que o interesse, e que parecem dirigidos contra o próprio desinteresse.

5° *Ser fiel*. A aventura da pessoa é uma ventura constante desde o nascimento à morte. As dedicações pessoais, amor, amizade, só podem ser perfeitas na continuidade. Essa continuidade não é uma exibição, uma repetição uniforme, como sucede na matéria ou nas generalizações lógicas, mas um contínuo renovamento. A fidelidade pessoal é uma fidelidade criadora.

Essa dialética das relações pessoais aumenta e confirma o ser de cada um de nós.

Trato o outro como objeto, quando o trato como ausente, como um repertório de informações que me podem ser úteis (Gabriel Marcel) ou como instrumento à minha disposição; quando o classifico definitivamente, isto é, para empregarmos exata expressão, quando me desespero dele. Tratá-lo como sujeito, como ser presente, é reconhecer que não o posso definir nem classificar, que ele é inesgotável, pleno de esperanças, esperanças de que só ele dispõe; é acreditar. Desesperar de alguém é desesperá-lo. Ao contrário, a crença, que a generosidade permite, é infinitamente fecunda.

O amor plenamente realizado é criador de distinções, é reconhecimento e afirmação do outro enquanto outro. A simpatia é ainda afinidade da natureza, o amor é uma nova forma de ser. Dirige-se ao sujeito para além da sua natureza: quer a sua realização como pessoa, como liberdade, quaisquer que sejam seus dons ou defeitos, que não são essenciais a seus olhos; o amor é cego, mas duma cegueira extralúcida.

Libertando aquele que é chamado, a comunhão liberta e confirma aquele que chama. O ato de amor é a mais forte certeza do ser humano, o “cogito” existencial irrefutável: amo, logo o ser é, e a vida vale (a pena ser vivida). Não me confirma apenas pelo movimento em que o afirmo, mas pelo que o outro me entrega.⁶

⁶ E. MOUNIER, *O personalismo*, 2ª ed., São Paulo/Lisboa: Livraria Duas Cidades/Livraria Moraes, 1964, p. 65-68.

Parece que, na trajetória da modernidade, fomos modificando profundamente nossa percepção do ser humano. Passamos do aforismo racionalista e individualista de Descarte, “penso, logo existo”, para o mote da civilização industrial, “trabalho, logo existo”. Entramos agora no da sociedade sob a ditadura do consumismo, “consumo, logo existo”, para desembocar, enfim, no da atual globalização digital em que “estou plugado, logo existo”, e se não estou no Facebook ou no Twitter, deixo de existir. Na China, multiplicam-se as clínicas em que adolescentes são compulsoriamente internados para tentar curá-los da total dependência, não de drogas, mas de estar o tempo todo “plugados”, sem saber mais viver sem seus *tablets* e *smartphones*. Como utilizar esses novos meios que ampliaram horizontes e insuspeitadas possibilidades de encontros, informações, de iniciativas e redes sem deixar de construir relacionamentos reais e tangíveis, de pessoa a pessoa, capazes de construir universos de sentido e de destino, de solidariedade e corresponsabilidade? É para essa aventura que convidamos os que, presencial ou digitalmente, pelo livro, DVD ou ao vivo, pela internet, participarão do Curso de Verão.

Na Seção I: Mapeando a realidade das relações afetivas, a palavra estará com os próprios jovens para um diálogo com alguém que os acompanha de perto, Ana Cristina Canosa. Atuando em programas de TV, no consultório e na docência universitária, Ana Cristina é psicóloga, terapeuta e educadora sexual; coordenadora e professora do Curso de Pós-graduação em Educação Sexual da UNISAL, e lida diariamente com os jovens e com a temática que desenvolve: “Corporalidade e identidades: mapeando o universo da sexualidade humana e das relações afetivas”.

A Seção II: Relações afetivas no horizonte da ética abre o diálogo em torno da questão que sempre nos inquieta: o que deve guiar a conduta humana? Quais são os valores que a orientam? Como comportar-me neste universo dos sentimentos, emoções e laços afetivos? Edward Guimarães, teólogo, professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC de Minas Gerais e coordenador do Centro Superior de Estudos Teológicos e Pastorais – CESTEP, aborda o tema “Relações afetivas, sexualidade (gênero) e família no horizonte da reflexão ética”.

Na Seção III: Bíblia, teologia e pastoral, teremos duas contribuições. A primeira é do monge e biblista Marcelo Barros, com a desafiante proposta de se viver a sexualidade como caminho espiritual, que unifique a pessoa. Ele escolheu como horizonte do seu estudo “Integrar a sexualidade no nosso projeto de vida”. A segunda é de Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira, sociólogo, professor do Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Minas, membro de ISER-Assessoria e da coordenação do Movimento Nacional Fé e Política, que irá tratar de tema crucial, o dos desdobramentos da nossa fé no mundo e na sua transformação.

Pode servir-nos de guia nessa sessão Igreja e Sociedade – CF 2015, o parágrafo inicial do último documento do Concílio Ecumênico Vaticano II (1965-2015), a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, Alegria e Esperança: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1).

Finalizando, queremos exprimir toda a nossa gratidão às pessoas, famílias, comunidades e instituições que sustentam com seu entusiasmo e generosa entrega a caminhada do Curso de Verão, de modo especial aos voluntários e às voluntárias que se preparam durante todo o ano e assumem a responsabilidade pela infraestrutura, a organização e metodologia do curso nesse projeto de formação dos setores populares na sociedade e nas Igrejas.

A gratidão estende-se às muitas entidades parceiras do CESEEP nesta jornada, em que destacamos a PUC-SP, à qual reiteramos nosso profundo agradecimento na pessoa de sua reitora, Prof. Ana Maria Cintra, e do Prof. Wagner Lopes Sanchez, coordenador do Departamento de Ciências da Religião, designado para acompanhar o curso. Nosso reconhecimento estende-se à Fundação São Paulo, na pessoa do Pe. José Rodolfo Perazzolo, por esta longa e fecunda parceria entre a universidade e o Curso de Verão.

A Sérgio Rezende, responsável pelo TUCA, reiteramos nossa gratidão pelo acompanhamento amigo e fraterno, assim como pela solicitude e prontidão com que sempre atendeu às necessidades do curso.

Para as questões práticas, só podemos dizer muito obrigado ao Sr. Clemildo Pinto da Rocha, que, de maneira competente e solícita, cuida da parte técnica do teatro. Com sorriso sempre aberto, atende a todas as solicitações e resolve os mais variados imprevistos com o som, a iluminação, os cenários.

Parceiros fiéis nessa empreitada de cada ano são os que se ocupam da comunicação e a vêm aperfeiçoando continuamente: a Paulus Editora, que publica o livro do curso; a Rede Rua de Comunicação, que prepara o DVD com os conteúdos dos assessores e atividades do curso e ainda cuida com a Rádio Cantareira e a equipe de comunicação da transmissão *on-line* das palestras no Tuca e da interação com os mais de três mil internautas que, a distância, acompanharam o curso no ano passado. Livro e DVD são instrumentos pedagógicos preciosos para todo o trabalho de repasse do curso em comunidades e grupos, por todo o país.

Há ainda uma retaguarda generosa que estabelece laços de acolhida e afeto e garante a realização do Curso de Verão. São as muitas famílias e comunidades de diferentes Igrejas cristãs, que abrem as portas de suas casas para receber os participantes de outras cidades do estado de São Paulo e de outras regiões do país. Deus lhes pague por oferecerem pouso, alimentação e carinho aos participantes de fora. Dele ouvirão com toda certeza aquela palavra consoladora: “Vinde benditos do meu Pai! Recebam por herança o Reino que lhes foi preparado, desde a criação do mundo [...] Pois era estrangeiro e me acolheram!” (Mt 25,34-35).

Enfatizamos que, em todos esses anos, o intuito maior do Curso de Verão foi, e continua sendo, contribuir para a formação das pessoas, especialmente dos jovens, e colaborar para que assumam, com entusiasmo e com mais preparo, a tarefa de animadores e de formadores de novas lideranças e em suas comunidades, movimentos sociais, conselhos municipais. Auguramos que caminhem na fidelidade aos valores da educação popular, do ecumenismo, do serviço aos setores populares, dentro do espírito de gratuidade do mutirão.

Para tanto, o CESEEP oferece aos que, por razão de trabalho, distância, enfermidade, escassez de recursos, não estão podendo

participar presencialmente do curso, a possibilidade de fazê-lo na modalidade de curso a distância, com acompanhamento e orientação de educadores qualificados. Oito cursos encontram-se já disponíveis e o atual encontra-se em preparação, numa parceria entre o CESEEP e a Coordenação Central do Ensino a Distância (CCEAD) da PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio de Janeiro (RJ).⁷

Aos participantes do curso, damos-lhes as boas-vindas, na certeza de que construirão, junto com os assessores e as coordenações de suas tendas, mais este mutirão de educação popular, ecumênica, social e ambientalmente responsável. Expressamos ainda nossa sincera gratidão às congregações religiosas que abrem as portas de suas casas para hospedar os participantes, assim como às comunidades da Arquidiocese de São Paulo, na pessoa dos seus párocos e animadores, do seu Cardeal Arcebispo, Dom Odilo Pedro Scherer, e de seus bispos auxiliares; aos pastores, pastoras e bispos das igrejas e comunidades evangélicas que emprestam sua colaboração ao Curso de Verão. Estendemos nossa gratidão a tantas outras instituições e pessoas daqui de perto e de longe, que nos apoiam, de modo particular a *Missionszentrale der Franziskaner*, da Alemanha, que contribui para os gastos dos encontros de formação dos monitores e demais voluntários. Neste ano, o Fundo Nacional de Solidariedade da Campanha da Fraternidade está também colaborando com algumas bolsas de estudo para jovens com dificuldades, junto com aquelas outras pessoas que estão solidariamente contribuindo para o Fundo de Bolsas do CESEEP.

É, pois, em espírito de ação de graças e de gratidão para com todas as pessoas e instituições que conosco colaboram que entregamos aos participantes do curso e aos demais leitores este livro do 28º Curso de Verão.

José Oscar Beozzo

São Paulo, 12 de setembro de 2014.

⁷ Os interessados num desses cursos de verão *on-line* podem inscrever-se diretamente pelo site do CESEEP, <<http://www.ceseep.org.br>>, ou entrar em contato com o CESEEP – Cursos a distância pelo e-mail: c.distancia@ceseep.org.br.

Seção I

Mapeando a realidade
das relações afetivas

1.

CORPOREIDADE E IDENTIDADES: MAPEANDO O UNIVERSO DA SEXUALIDADE HUMANA E DAS RELAÇÕES AFETIVAS¹

Ana Cristina Canosa²

O tema do Curso de Verão deste ano é “Juventude e relações afetivas”. Fui gentilmente convidada para abordar o tema *Corporeidade e identidades: mapeando o universo da sexualidade humana e das relações afetivas*.

1. A relação com o corpo – a corporeidade

É através do corpo que o indivíduo se compõe e se expressa. A sexualidade é uma dimensão fundamental da pessoa, aquilo que a constitui como homem ou mulher. No corpo, a sexualidade se revela não somente no desejo e nas sensações eróticas, mas nos movimentos e formas que demonstram, além da história pessoal e da identidade de gênero, as emoções e os afetos. O corpo também é fortemente influenciado pelos códigos culturais, os quais nem sempre respeitam a diversidade humana, e isso pode causar aprisionamento da expressão afetiva e sexual. Integrar corpo-pessoa e corpo-cultura não é tarefa fácil, e depende de maturidade emocional.

Desde o nascimento, a sexualidade se faz presente: enquanto cresce e se desenvolve, a criança vai registrando aos poucos as sensações de

¹ Baseado no capítulo de mesma autoria: “Relações amorosas na adolescência: uma reflexão para educadores”, em L. PESSINI, R. ZACHARIAS (orgs.), *Ética teológica e juventudes: interações recíprocas II: sexualidade – drogas – redes sociais virtuais*, cap. 5, Aparecida: Santuário, 2014 (no prelo).

² Ana Cristina Canosa é psicóloga, especialista em Educação Sexual e Terapia Sexual, diretora e editora da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH) e coordenadora do curso de pós-graduação em Educação Sexual do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal).

prazer advindas das mais variadas fontes: alimentos, objetos, toque, afagos, brincadeiras com outras crianças, entre outras. Ela também incorpora códigos de conduta, sobre a dualidade bom/ruim, certo/errado. Com relação ao comportamento sexual, atualmente os adultos têm mais compreensão sobre a natureza curiosa, lúdica e sensorial da sexualidade infantil; quanto mais a criança pode exprimir livremente essa natureza, respeitando alguns limites sociais e pessoais (preventivos), mais bem-aceita ela se torna e entende que seu corpo é sexuado e bom. Também a criança começa a expressar suas emoções e aprende, com influência do meio em que vive, como pode manifestá-las, o que pode ou não esperar do outro, além do que consegue ou não dar de si mesma para o mundo.

É na puberdade, no entanto, que o corpo se modifica sexualmente de maneira notória: os hormônios sexuais provocam mudanças e preparam meninos e meninas para a capacidade reprodutiva, o que não significa ter maturidade emocional para tal. Na adolescência, o desejo sexual aparece de maneira mais clara, impulsionando a busca no outro do prazer de estar junto. Muitas descobertas se sucedem, não sem conflitos. Como o adolescente tem sua identidade reforçada (e diluída) nos grupos, é também na experiência com os outros que o corpo busca aceitação.

O ideal de padrão de beleza magro, esculpido em músculos sutis e formas delineadas, tem provocado sérios agravantes e severos questionamentos sobre a manutenção de um corpo dentro de tais padrões estéticos, refletidos nas atitudes, nos hábitos e na sexualidade de adolescentes e jovens.³ Nicolino (2012) reforça que a existência de um único “modelo ideal” de corpo é que é um problema, pois pode resultar em baixa autoestima, em distúrbio dismórfico corporal, distúrbios alimentares (bulimia, anorexia, entre outros), depressão e, em casos extremos, levar à morte, tal como ocorre com certa frequência na sociedade atual.

³ A. S. NICOLINO, “Primazia da beleza feminina e juventude empobrecida: notas de uma relação conflituosa”, em *Interface* (Botucatu. Online), v. 15, 2012, p. 32-48.

Como esse corpo é visto, sentido e representado, é baseado em um conceito de beleza bastante difundido – que não é o corpo real da maioria das brasileiras: corpos esqueléticos, com aspecto desnutrido, ou seja, um protótipo feminino praticamente inalcançável. Nicolino (2012) reforça que dificilmente se possui esse corpo divulgado, e a publicidade se aproveita desse fato para mostrar o sucesso das práticas para exercitar o corpo ou o êxito de cirurgias estéticas ou reparadoras. Além disso, a publicidade explora a imagem da mulher magra como sendo possuidora de outras virtudes, como independência, beleza e saúde. O corpo masculino passou, na última década, a também ser moldado pelos códigos culturais em termos de força e beleza, perdendo pelos e ganhando músculos e se revelando como um corpo desejável, primazia antes do universo feminino, na relação desejado/desejante estabelecida culturalmente por questões de gênero.

Em todos os domínios da vida social, o corpo tem se transformado cada vez mais em objeto, ou seja, centro das preocupações ideológicas e tecnológicas. O corpo é, portanto, um mecanismo de sedução. Segundo estudos,⁴ os exageros cometidos com o objetivo de atingir esse corpo ideal estão relacionados à falta de atenção recebida pelo adolescente, já que a imagem corporal pode ser considerada um cartão de visita e, possivelmente, um pedido de amor. O excesso de vaidade e a beleza proporcionam o benefício de ser olhado e admirado, por exemplo, já que a aparência física é, muitas vezes, entendida como uma expressão de identidade pessoal. Por isso, e o que nos preocupa, a proximidade sexual entre duas pessoas pode perder a sua inteireza, descaracterizando outras importantes características que o corpo tem: emoção, sentimento, caráter, intenção.

Muitas vezes, a beleza é considerada a maior razão de atratividade de uma pessoa para outra, sendo a inteligência vista de forma negativa ou indiferente. Concorro com Nicolino⁵ que uma sociedade centrada na supervalorização corporal frequentemente não se preocupa com

⁴ FIATES; SALLES, 2001 *apud* A. NICOLINO, "Primazia da beleza feminina e juventude empobrecida: notas de uma relação conflituosa", em *Interface* (Botucatu. Online), v. 15, 2012, p. 35.

⁵ *Ibidem*, p. 36.

outros elementos fundamentais para o convívio humano, como respeito, amizade, companheirismo, cuidado com o outro, afetividade, entre outros.

Nessa fase de amadurecimento psicológico, corpóreo e sexual, é importante que sejam evidenciadas as individualidades e particularidades dos corpos dos adolescentes, a fim de que eles percebam a própria beleza e reconheçam a beleza do outro, que saibam descobrir o próprio corpo e o do outro e que tenham noções de saúde para se cuidar melhor. As diferenças entre seus corpos são o que os faz especiais, e não a adequação a padrões estéticos midiáticos.

A descoberta diária do corpo e da sexualidade na juventude faz da corporeidade humana um campo de manifestação diversa, dinâmica, em constante transformação, descontínua e peculiar. E é por isso que as instabilidades biológicas e emocionais devem ser compreendidas e analisadas individualmente, pois a história de vida de cada jovem evidencia a complexidade das relações humanas, as imposições sociais e as formas de sentir, vivenciar e interagir consigo e com os outros.

2. As relações amorosas – O caminho do amor

Geralmente, o amor surge nas relações familiares e avança para as relações de amizade. Os sentimentos aparecem aos poucos, e o desejo da aproximação física se consolida geralmente na época da puberdade, por ocasião do apelo hormonal, e na adolescência, pelas manifestações psíquicas e socioculturais características. O amor, como sentido de bem-querer, tem que lidar com o ímpeto do desejo e nem sempre os dois andam juntos. Autonomia (desejo sexual) e compromisso (amor) se confundem, ou estão separados em muitas ocasiões na vida dos jovens, sendo o maior desafio da atualidade a conscientização de que o amor à vida e ao humano deve estar presente mesmo em relações que ocorrem exclusivamente baseadas no desejo corpóreo.

Quando esse desejo aproxima os corpos, o beijo na boca é a primeira manifestação. Antigamente, só acontecia após incontáveis paqueras, trocas de olhares, cartas, aproximações etc. O beijo na boca selava uma relação que tinha, culturalmente, a proposta do início de um namoro.

Atualmente, o beijo possui outras significações: manifestação de prazer, de experimentação, de brincadeira, de valorização de autoestima e aceitação grupal. Ele não significa necessariamente a continuidade de uma relação nem tem, implícita, a fidelidade, sendo um “contrato informal e temporário”. O beijo na boca e os famosos *amassos* fazem parte do novo vocabulário amoroso da juventude: “ficar”.

Pinto (2001) afirma que: “O ficar é uma invenção genial porque permite ao adolescente que está começando a se conhecer como ser sexual experimentar esta iniciação sem grandes temores ou grandes riscos”,⁶ mas não se pode “banalizar” as relações, cair na falta de encantamento. Afinal, há uma sensação muito boa na paquera, no investimento amoroso, que permite o sonho, a paixão, o enamoramento.

Estabelecer compromisso, numa cultura com poucos modelos de comprometimento, em que há promessas não cumpridas e as pessoas buscam sempre favorecimento pessoal, demanda posicionamento e aceitação da importância que o outro tem em nossa vida. Em tempos de liberdade sexual, ficar com muitas pessoas em detrimento de uma só pode ser encarado como lúdico e por vezes fortalecimento do ego. Namorar é ter que lidar com muitos sentimentos, é estar sujeito não somente a “gozar” o que a vida tem de melhor, mas também a sofrer. Em uma sociedade na qual tudo parece muito rápido, intenso e fantástico, ater-se a uma relação com profundidade emocional pode, infelizmente, parecer pouco importante. O duelo entre autonomia e compromisso começa a acontecer no campo dos afetos fora da família, envolvendo agora as sensações eróticas propriamente ditas.

Muitos namoros adolescentes se iniciam com o “ficar”. Eles vão “ficando” e de “ficantes” se tornam namorados. Esse processo nem sempre é formalizado com um “pedido” oficial, mas é reconhecido pela constância dos encontros, pela apresentação do outro ao grupo social e familiar, pelo *status* que um adquire na vida do outro. Quando os adolescentes resolvem namorar, geralmente fazem votos de fidelidade comum.

⁶E. B. PINTO, *Sexualidade: um bate-papo com o psicólogo*, São Paulo: Paulinas, 2001, p. 2.

A monogamia é uma norma estabelecida pela cultura, e não um comportamento instintivo do ser humano. Escolhe-se ser monogâmico por uma série de questões que vão desde o medo de perder o parceiro até convicções religiosas ou ideológicas. Quanto mais maduros, mais o ser humano percebe que amor e desejo são sentimentos distintos e fica cada vez mais claro que ser monogâmico é uma escolha de foro íntimo.

Atualmente, discutir variação sexual dentro das relações de compromisso é quase um tabu, embora elas aconteçam com frequência, portanto a traição é vivenciada com culpa e silêncio, e quando ocorre, pode gerar inúmeros conflitos conjugais, morais, agravados se aquele que trai adota um comportamento não preventivo e acaba contaminando seu parceiro com uma DST. Por isso, é preciso que os votos de monogamia e lealdade sejam levados a sério. Sobre esse tema, Gonçalves afirma que:

Se para os adultos a questão da infidelidade é difícil de ser encarada, para um grupo de adolescentes pode ser mais ainda, devido à necessidade de afirmarem seus pontos de vista, sua moralidade e crenças em um mundo mais harmônico e verdadeiro. Mas mesmo que os adolescentes reajam de forma contrária à infidelidade nas relações de namoro, isso não significa que elas não ocorram. Ocorrem. Até por que a fase da adolescência é a de experimentação, e namoros longos podem provocar uma sensação de aprisionamento.⁷

Diferenciar fidelidade de lealdade é uma boa maneira de contextualizar, de refletir sobre esses conceitos. Ser infiel é ter uma relação com alguém que não seja a pessoa com quem você mantém uma relação estável. Ser desleal é mais do que isso. É, por exemplo, ter uma relação extraconjugal e não usar preservativo; é trair o parceiro e contar para todo mundo; é trair a relação de confiança mútua, a promessa

⁷ A. C. C. GONÇALVES, "Relações amorosas na adolescência: uma reflexão para educadores", em L. PESSINI, R. ZACHARIAS (orgs.), *Ética teológica e juventudes: interpelações recíprocas II – sexualidade – drogas – redes sociais virtuais*, cap. 5, Aparecida: Santuário, 2014 (no prelo).

de não ferir o outro voluntariamente, de não cuidar da relação, de não pensar no outro e preservá-lo⁸.

Já que a paixão que arrebatava os namorados coloca, no plano ideal, a tentativa de evitar sofrimentos e de concretizar planos juntos, o namoro é recheado de promessas. Na adolescência, os namoros muitas vezes se mostram extremamente simbióticos e passionais. A simbiose caracteriza um estado de sentir-se “uno”.

Devido à pouca maturidade, à insegurança e à decorrente incapacidade de expressar os próprios sentimentos e as emoções, muitos jovens têm recorrido à violência para assegurar a importância na vida do outro. O parceiro quer sustentar a relação “à força”. Para que isso não aconteça em nenhum relacionamento, é preciso abrir o diálogo entre os parceiros, pois ninguém é obrigado a ficar com outra pessoa, muito menos sob intimidação.⁹ Pinto¹⁰ tem a mesma impressão: “Tenho observado, principalmente entre os mais jovens, um incremento do ciúme [...]. Parece que as pessoas andam se tornando mais possessivas, mais controladoras e, por isso, mais sofredoras e mais causadoras de sofrimentos. [...] O amor precisa de confiança”.

O fenômeno da violência é agravado não somente pelas questões socioeconômicas, mas também pelas mudanças nos papéis de gênero. Desde que a mulher alcançou espaço público e luta por direito de igualdade, há forte movimento contrário que tenta manter uma ideologia machista calcada nas concepções de domínio e supremacia masculina. De acordo com a pesquisa Mapa da Violência,¹¹ nos últimos 30 anos 92 mil mulheres foram assassinadas no Brasil; 41% (quase metade dos assassinatos) dessas mortes ocorreram na própria residência. Segundo o Instituto Sangari, de 1997 a 2007, 41.532 mulheres foram vítimas de homicídio. Entre os homens, só 14,7%

⁸ *Idem*.

⁹ A. C. C. GONÇALVES, M. RIBEIRO, R. ZACHARIAS, “Olhando para o futuro: educação e prevenção em saúde sexual”, em A. DIEHL, D. L. VIEIRA, *Sexualidade: do prazer ao sofrer*, São Paulo: Roca, 2012, p. 685.

¹⁰ E. B. PINTO, *Sexualidade: um bate-papo com o psicólogo*, São Paulo: Paulinas, 2001, p. 78-79.

¹¹ INSTITUTO SANGARI *apud* P. CARRANO, *Brasil de Fato*, 14 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/11941>>. Acesso em: jul. 2014.

homicídios aconteceram na própria residência. E entre as mulheres, 40%.¹² Infelizmente, o modelo de violência como resolução de conflitos na relação amorosa e fraterna passou a ser reproduzido pelos jovens. Para se impor diante dos namorados ou de outras garotas que julgam rivais, jovens de todas as classes sociais exercem seu poder por meio da força física, copiando um modelo masculino:

[...] nove em cada dez adolescentes afirmaram praticar ou sofrer violência no namoro. E quem mais bate são as meninas. Quase 30% delas disseram agredir fisicamente o parceiro. São tapas, puxões de cabelo, empurrões, socos e chutes [...] Metade da amostra é das classes A e B.¹³

Antes que se perpetue a errônea crença de que as mulheres são culpadas por tudo, que estão masculinizadas, que as meninas “se jogam” nos rapazes etc., há que se entender que as pessoas desenvolvem autonomia como um todo, não somente em uma área ou outra. Não há mais lugar para frases feitas e preconceituosas se desejarmos entender a desigualdade de gênero como um fenômeno histórico. Afinal, se essas jovens estudam, trabalham, colaboram com o orçamento, vão e vêm, nada mais esperado que também se manifestem sexualmente, desejando rapazes ou moças. Da mesma maneira, o fenômeno da violência feminina é reflexo de uma inserção social, onde o corpo-cultura manifesta sua raiva, medo e frustração de maneira aprendida.

Para construir uma cultura da paz, primeiro é necessário desconstruir. O amor acontece na relação com o outro, é um ato da vontade individual. Amar sem ferir é um bonito exercício de humanização.

Outro problema que pode ocorrer é que muitos casais de namorados se afastam do grupo de amigos e das necessidades individuais, o que pode vir a ser negativo no futuro, quando, arrefecido o sentimento arrebatador da paixão, se virem destituídos de desejos individuais, vontades próprias, relações de amizade. É preciso, então, flexibilizar

¹² *Ibidem*.

¹³ N. ZIEMKIEWICZ, M. MENDONÇA, C. GUIMARÃES, “Elas batem. Eles apanham”, em *Época*, 31 out. 2011.

a relação, já que um namoro instituído dessa maneira, em fase escolar ou universitária, pode atrapalhar o interesse pelo aprendizado, pela eleição vocacional, pela prática esportiva, pelo convívio familiar e outras questões importantes do projeto de vida.

Há, também, pares que acabam adotando o estilo de vida do outro, e isso pode ser bastante perigoso quando ele é funesto e temerário, como quando um é usuário de drogas ou é envolvido com a marginalidade.

Ocorre também o efeito contrário – a intensa repulsa por um relacionamento –, quando o jovem afirma que só vai namorar “depois que terminar de estudar”. Isso pode significar que, para ele, o namoro serve como fantasia de preenchimento do vazio existencial e fuga da vivência e das escolhas necessárias nesta fase da vida, e que ele não vai conseguir administrar duas responsabilidades em sua vida – estudo e namoro.

Nem todos os namoros, no entanto, são assim. Há casos inversos, em que os jovens parecem “aquietar-se” quando estão namorando, já que a responsabilidade que aprendem a ter na relação amorosa é projetada para os outros aspectos da vida. Aprendem, então, a dar valor ao estudo, ao trabalho, às tarefas cotidianas.

Pais afetivos, que permitem o namoro e acolhem o parceiro do filho, mas mantêm vigilância nos estudos e nas regras familiares, propiciam um melhor equilíbrio nessas empreitadas: a vontade de namorar e a realização dos outros trabalhos da vida. O namoro “dentro de casa” é uma maneira de acolher o filho por inteiro, inclusive na sua necessidade instintiva e primordial de vivenciar o mundo afetivo. Há famílias que permitem as experiências eróticas, outras não, e isso depende de como os adultos as direcionam. Os pais devem ajudar seus filhos para que passem para a fase da vida adulta, buscando ponderação e discernimento sobre quando devem proteger e quando devem impulsioná-los a resolver os próprios problemas, alçando voo. Deve-se estimular a autonomia emocional, a autonomia financeira, o exercício profissional e a capacidade de vivência de uma relação afetivo-sexual com responsabilidade.

Assim como a família tem sua função como principal educadora, a escola e outras instituições devem ter sua função de educadoras

formais, de promover o desenvolvimento cognitivo e preparar a pessoa para o convívio social. As instituições de ensino podem também acolher esses casais, do mesmo jeito que acontece na família, em que o jovem precisa respeitar o limite das outras pessoas, sua intimidade, suas necessidades, eles têm também que aprender a limitar sua demonstração erótica, em respeito aos colegas, às outras crianças, ao ambiente social. Para tanto, deve haver regras claras sobre esses namoros, e elas devem ser respeitadas por ambos.

É preciso lembrar, infelizmente, que os namoros se findam, isso é fato. E isso ocorre por diversas razões. Alguns se esgotam assim que o fogo da paixão se extingue; outros, porque se encontra outro parceiro. Há aqueles que resolvem sair em busca de novas aventuras, outros ainda têm que terminá-los por causa da distância da faculdade ou do local de intercâmbio. Infelizmente, há namoros que morrem, quando um morre: por doença grave, acidente, violência, por abuso de drogas e de álcool.

Com a popularidade das redes sociais, outros desafios se estabelecem, já que a vida do parceiro pode ser facilmente rastreada. Muitos casos de pornografia de vingança (*revenge porn*) são motivados pelo sentimento de rejeição – uma das partes disponibiliza na internet fotos da intimidade do outro. É o corpo, tão íntimo, exposto sem licença ou autorização. Há casos de suicídios causados por *revenge porn*. Jovens expostos, por vergonha e medo, não conseguem ir mais à escola ou à universidade; mudam de bairro e até de cidade para fugir das humilhações sexuais. O *revenge porn* é feito por impulsividade e imaturidade do parceiro, e as redes sociais são os instrumentos perfeitos para esse tipo de atitude.¹⁴

Nesse caso, é preciso fortalecer as discussões sobre ética, cidadania, gênero e o tênue limite entre o público e o privado na internet.

Felizmente, nascem outros amores e outros relacionamentos. Hoje não recai sobre os jovens a necessidade da manutenção do namoro

¹⁴A. C. C. GONÇALVES, "Relações amorosas na adolescência: uma reflexão para educadores", em L. PESSINI, R. ZACHARIAS (orgs.), *Ética teológica e juventudes: interpelações recíprocas II – sexualidade – drogas – redes sociais virtuais*, Cap. 5, Aparecida: Santuário, 2014 (no prelo).

para a realização de projetos futuros. É possível namorar várias pessoas durante a vida até que se encontre alguém para partilhar uma vida a dois.

3. A importância de conhecer sobre sexo e sexualidade

“A World Association for Sexology (WAS) aprovou, em 1999, a Declaração dos Direitos Sexuais: a liberdade sexual, autonomia sexual, privacidade sexual, igualdade sexual, prazer sexual, expressão sexual e a livre associação sexual.”¹⁵

O contato com a sexualidade acontece inicialmente na família, e ela é o principal agente formador da concepção de sexualidade do jovem não somente pelas ideias transmitidas sobre o conhecimento do corpo, do sexo e da relação sexual, mas também por meio de todas as falas e ações que se referem à relação de gênero e como elas se estabelecem na vida amorosa/familiar. A família, no entanto, não consegue dar conta de todos os aspectos envolvidos no tema sexualidade, a escola e outras instituições formadoras são coparticipantes no processo de desenvolvimento de um “saber sexual”, que se desenvolve mais profundamente na infância e juventude. Além disso, o contexto sociocultural, político, econômico e religioso do jovem também contribui para essa formação.

As concepções sobre o que é ser homem e ser mulher e o modo como o jovem lida com a sexualidade são revividos nas relações amorosas da vida adulta e se tornam fonte de possíveis conflitos e problemas na vida sexual quando, principalmente, o sexo for encarado como sujo, violento ou ação para a sujeição. Por isso, a família e as outras instituições formadoras devem contribuir para uma visão de sexualidade positiva, prazerosa e responsável.

Orientar sexualmente não é dizer o que é “certo” ou “errado”. É dinamizar as ideias, já que isso auxilia os jovens a se informar de maneira correta e, com isso, aprender a lidar melhor com sua sexualidade sem

¹⁵ A. C. C. GONÇALVES, M. RIBEIRO, R. ZACHARIAS, “Olhando para o futuro: educação e prevenção em saúde sexual”, em A. DIEHL, D. L. VIEIRA, *Sexualidade: do prazer ao sofrer*, São Paulo: Roca, 2012, p. 663.

culpa; a destruir mitos e corrigir informações inadequadas; a não criar fantasias que geram ansiedade e, no futuro, podem trazer prejuízos emocionais, sexuais e de relacionamento; a crescer na afetividade; a conhecer melhor o próprio corpo; a proteger-se contra o abuso sexual e a aceitar e respeitar as pessoas em todas as suas diferenças.

Conhecer sobre sexualidade é ter acesso às descobertas de vários campos de estudo, desde fenômenos biológicos e fisiológicos até as questões psicológicas, antropológicas e legais: a resposta sexual humana, as disfunções sexuais, os fármacos, a diversidade sexual, os estudos de gênero, as pesquisas sobre o comportamento sexual de crianças, jovens, adultos e idosos, as diferenças culturais de comportamento, a luta pela igualdade de direitos na aceitação do diferente, entre outros.

Ainda existem pessoas que acreditam que facilitar o conhecimento sobre a sexualidade, incluindo seu caráter prazeroso, estimula a sexualidade das crianças, ou ainda que na juventude é preciso reforçar somente as consequências indesejadas do exercício da sexualidade, como a contaminação por DSTs e Aids e a gravidez não planejada. Falar sobre sexualidade é mais do que isso, é considerar o processo de interiorização dos conceitos, as emoções e o mundo das imagens que excitam, provocam. Por serem mais livres para a iniciação sexual, sem estar, necessariamente, em uma relação de compromisso (namoro), a primeira relação sexual dos jovens ocorre, na maioria dos casos, por volta dos dezesseis anos. Resultados obtidos na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2012¹⁶ apontam que 28,7% dos escolares já tiveram relação sexual, sendo a proporção de 40,1% de meninos e de 18,3% para as meninas. A pesquisa de Marinho *et al.* (2009)¹⁷ com 2790 jovens de três capitais do Brasil encontrou a média de idade para a iniciação sexual de 16,2 anos para os rapazes

¹⁶ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2012*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/default.shtm>>. Acesso em: 2 nov. 2013.

¹⁷ L. F. B. MARINHO, E. M. L. AQUINO, M. C. C. ALMEIDA, "Práticas contraceptivas e iniciação sexual entre jovens de três capitais brasileiras", em *Cad. Saúde Pública*, vol. 25, supl. 2, Rio de Janeiro, 2009.

e 17,9 para as jovens. Mais da metade dos pesquisados se iniciaram sexualmente numa relação eventual.

Muito se discute sobre o sexo sem compromisso por questões morais, principalmente religiosas. Há também um desconforto familiar, já que as gerações anteriores vivenciaram momentos diferentes com relação a esse tema. A reprovação está na maneira de os jovens conduzirem o próprio erotismo e na experimentação com várias pessoas. A questão que se apresenta diante da iniciação sexual dos jovens é: por que se faz sexo? Há muitas motivações para além da esfera biofisiológica. Pode ser por prazer, para sentir-se aceito, para estabelecer intimidade, por amor ao outro, para se sentir desejado, por influência do grupo, entre outras. Essa pergunta não pode facilmente ser respondida sem íntima reflexão, o que para a maioria dos jovens pode ser difícil. “Num constante jogo entre o pensar e o agir, entre se encontrar e se perder, a relação sexual tem variadas motivações e as sensações na maior parte das vezes se sobrepõem à razão. É bastante comum que a iniciação sexual aconteça de maneira não planejada, principalmente para as jovens.”¹⁸ Uma pesquisa realizada por Carroll¹⁹ com 21.773 estudantes da Carolina do Sul revelou que meninas com sobrepeso ou obesas têm 3 vezes mais chance de se iniciarem sexualmente com menos de 13 anos e são 30% mais propensas a ter múltiplos parceiros na adolescência, comparadas às meninas que se encaixam no padrão de beleza daquela cultura. A hipótese é que, por terem baixa autoestima, “oferecem” o sexo como forma de terem proximidade corporal e afetiva com os rapazes. Fica claro que o corpo-pessoa e corpo-cultura estão intimamente ligados e misturados e que, sim, os padrões de beleza influenciam a constituição da identidade sexual.

Mais do que aprender a fazer sexo com prazer, respeito, intenção, consciência, afeto e negociação com o outro, é importante também

¹⁸ A. DIEHL, A. C. C. GONÇALVES, J. R. RODRIGUES, D. L. VIEIRA, “A interface da sexualidade e do uso de álcool e outras drogas na promoção da prevenção”, em A. DIEHL, N. B. FIGLIE (orgs.), *Prevenção ao uso de álcool e drogas: o que cada um de nós pode e deve fazer*, Editora Artmed, 2014, p. XX-XX (no prelo).

¹⁹ L. CARROLL, “Heavy girls likelier to have sex early”, NBC News.com, 26 mai. 2010. Disponível em <http://www.nbcnews.com/id/37344482/ns/health-childrens_health/t/heavy-girls-likelier-have-sex-early/>. Acesso em: 14 jul. 2014.

fazer sexo seguro. E aprender a fazer sexo seguro passa não somente pelo acesso à informação sobre contracepção e ao preservativo, como principalmente por aprender a cuidar de si e do outro. Sensação de onipotência (nada vai acontecer comigo), de urgência (tudo para hoje), pressão do grupo, desmistificação do papel paterno e materno, busca pelo novo, ambiguidade entre razão e sentimento e o abuso de álcool e drogas tornam o jovem vulnerável a fazer sexo sem proteção. Nupaid's (1991) afirma que:

A associação de drogas quando relacionada com a idade de início da atividade sexual mostra que quanto maior o número de drogas, mais precoce é o início da atividade sexual. Entre os usuários de apenas uma droga ilícita a idade média de início da atividade sexual foi de 15,6 anos (igual aos não usuários de drogas ilícitas), enquanto para usuários de duas ou três drogas ilícitas, a idade média de início da atividade sexual foi menor, respectivamente, 14,7 e 15 anos.²⁰

O uso de drogas e álcool, ligado ao exercício da sexualidade, encontra, na ansiedade característica da adolescência, forte motivador. O medo do mau desempenho, de ser rejeitado e de ultrapassar inibições impele os jovens a entorpecer o corpo e a mente. O enfrentamento das inseguranças que qualquer encontro amoroso provoca é um desafio que amadurece e promove comunicar-se com o outro de maneira verdadeira, trocando experiências, sensações e emoções. Quando o corpo é entendido como um objeto que pode ser manipulado, modificado a qualquer instante, também se fomenta a fantasia de que é possível sempre ter mais prazer, mais sensações, viver algo mais incrível. E assim o jovem vai se tornando vulnerável a fazer sexo em situações de risco, além de fragilizar o seu corpo. Segundo o Programa Nacio-

²⁰ NUPAIDS *apud* S. SCIVOLETTO, R. K. TSUJI, C. H. N. ABDO, S. QUEIRÓZ, A. GUERRA DE ANDRADE, W. F. GATTAZ, "Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de 2º grau de São Paulo", em *Rev Bras Psiquiatr*, 21 (2), 1999, p. 91.

nal de Prevenção de DST/Aids,²¹ a faixa etária de maior incidência da Aids em ambos os sexos é de 20 a 59 anos; os dados da pesquisa chamam atenção para o fato de que há bastante conhecimento sobre prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis, no entanto há crescimento da transmissão do HIV. Na faixa etária de 13 aos 19 anos, o número de casos de Aids é maior entre as mulheres, sendo prevalente a transmissão sexual.

A proposta deste texto é que a sexualidade deve ser vista como um dos modos de ser e de se comunicar com os outros. É ela que possibilita o encontro com o outro. É ela que nos impele a sairmos de nós e abrimo-nos à relação com o diferente. Diferentemente da sexualidade animal, a sexualidade humana se caracteriza por poder ser assumida e integrada na personalidade e, portanto, fazer parte do nosso projeto de vida. Como ninguém se realiza sozinho, mas somente com alguém e/ou para alguém, a sexualidade humana deve ser orientada para o amor. É importante também considerar que a experiência da conjunção entre amor e sexo é, para muitos, a mais realizadora, principalmente quando se obtém prazer sexual, além do relacional.²²

4. Relações homoafetivas

Nem todo contato sexual com pares indica orientação homoafetiva. Muitas vezes é a curiosidade, a proximidade afetiva com um(a) amigo(a) ou uma situação erótica desavisada que tem como desfecho o contato sexual. É preciso ter calma para avaliar se o prazer obtido no contato condiz de fato com uma orientação do desejo mais específica e clara. Gonçalves *et al.* (2012) afirmam que:

Embora o contato homossexual tenha sido uma forma de amor sempre presente ao longo da história da humanidade,

²¹ BRASIL, Programa Nacional de Prevenção de DST/AIDS. AIDS no Brasil. 2010. Dados e pesquisas. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/aids-no-brasil>>. Acesso em: mai 2014.

²² A. C. C. GONÇALVES, M. RIBEIRO, R. ZACHARIAS, "Olhando para o futuro: educação e prevenção em saúde sexual", em A. DIEHL, D. L. VIEIRA, *Sexualidade: do prazer ao sofrer*, São Paulo: Roca, 2012, p. 663.

a rejeição à homossexualidade persiste, porque também o preconceito tem raízes profundas. Não é por outro motivo que a sociedade tenta enquadrar desde muito cedo meninos e meninas no padrão de comportamento estabelecido para uma construção de gênero baseada na heteronormatividade. Assim, os pais esperam que seus meninos sejam viris, se dediquem a brincadeiras brutas e se interessem por assuntos ditos de homem, assim como as meninas devem ser dóceis, meigas e se dedicar a atividades mais delicadas. Quando nos deparamos com atitudes diferentes, é compreensível que apareça um certo “mal-estar”. Sabemos que o diferente sempre está sujeito a sofrimentos. Ir contra o modelo social vigente não é tarefa fácil!²³

O processo de formação da identidade sexual é longo. Acredita-se que se inicia entre os três e seis anos de idade e se consolida durante a adolescência para a maioria da população, embora muitas pessoas possam apresentar transtornos de identidade de gênero e de orientação sexual mais tarde na vida.

Há no mínimo quatro dimensões que compõem a sexualidade humana. A biológica diz respeito a nascermos machos ou fêmeas; a psicológica, de nos sentirmos homens ou mulheres; a sociocultural, de sermos femininos ou masculinos, lembrando que essa é bastante mutável, já que é construída pela cultura. E ainda temos a orientação afetivo-sexual, que é para onde aponta o nosso desejo, que pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual. Nascer macho não garante sentir-se homem, como é o caso, por exemplo, dos transexuais, que nascem num corpo com um sexo biológico, mas sentem-se pertencentes ao sexo oposto (dimensão psicológica). Nascer macho, sentir-se homem e ter comportamento de gênero masculino também não “garante” que a orientação seja heterossexual. Ser fêmea, sentir-

²³ A. C. C. GONÇALVES, “Relações amorosas na adolescência: uma reflexão para educadores”, em L. PESSINI, R. ZACHARIAS (orgs.), *Ética teológica e juventudes: interpelações recíprocas II – sexualidade – drogas – redes sociais virtuais*, Aparecida: Santuário, 2014, p. XX (no prelo).

-se mulher e ter comportamento “dito” masculino também não está diretamente relacionado a uma orientação homoafetiva, e assim por diante. Gonçalves *et al.* afirma que:

A diversidade sexual, que inclui Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) refere-se à condição existencial das pessoas. A orientação sexual (hetero, homo ou bissexual) nem sempre é algo claro para todas as pessoas; pode ser vivenciada de maneira predominante ou exclusiva, em alguns casos, predominante e não exclusiva, em outros, nem predominante nem exclusiva em tantos outros, mas momentânea e ocasional; é, portanto, algo que vai se estabelecendo mais claramente ao longo da vida (2014, p. XX).

Viver a descoberta do desejo por alguém do mesmo sexo pode ser bastante difícil para os jovens de hoje, já que é preciso primeiramente compreender se o que se sente pelo outro do mesmo sexo é amizade, curiosidade ou desejo predominante. Pode ser angustiante imaginar-se apresentando um(a) namorado(a) do mesmo sexo para a família, ou para o grupo de amigos, e bastante frustrante recolher-se aos “guetos”, na medida em que se reduzem as relações com o mundo e se reforça um sentimento de marginalidade. “Esses medos podem angustiar muito nossos jovens, a ponto de sentirem-se forçados a ter relacionamentos heterossexuais” (Gonçalves *et al.*, 2014, p. XX).

Mesmo que seja difícil compreender o desejo por pessoas do mesmo sexo, é preciso aceitá-lo e respeitar suas diferenças. Há em boa parte das nossas “juventudes” uma atitude compreensiva e integradora, por vivermos em tempo de maior liberdade sexual. Por outro lado, sabe-se também que nessa fase, em que se busca afirmação de identidade e formação de concepções acerca da vida, grupos de jovens se agarram ferozmente a alguns conceitos, mantendo atitude preconceituosa e muitas vezes violenta contra aqueles que lhes desagradam. A homofobia é, segundo o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil (2012): “[...] preconceito ou discriminação (e demais violências daí

decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas. A lesbofobia, a transfobia e a bifobia serão compreendidos pela homofobia, para melhor fluência no texto”.²⁴

O mesmo relatório esclarece que, em 2012, foram registradas 3.084 denúncias de homofobia (9% a mais do que no ano anterior) de 9.982 (aumento de 46,6%) violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas e 4.784 suspeitos.²⁵ E, em relação à faixa etária das vítimas: “A maioria concentra-se na população jovem, com 61,16% de vítimas entre 15 e 29 anos”.²⁶

É importante que se garanta o direito de existir, e uma pessoa não existe se tem que oprimir parte de si mesma. Ninguém é não sendo. Por isso, é importante rechaçar essas tentativas “curativas”, já que nem a medicina nem a psicologia consideram a homossexualidade uma doença ou um desajuste. É saudável que todas as pessoas possam transitar bem por todos os grupos, ressaltando a importância da pessoa em si mesma, e não de sua orientação sexual. Deve-se reprimir atitudes de *bullying* e auxiliar aqueles que as estão sofrendo, indicando ajuda terapêutica se necessário.

Reconhecer a diversidade sexual é garantir o respeito aos direitos sexuais e promover o respeito ao cidadão, independente da sua orientação sexual ou identidade de gênero. Ações educacionais de promoção do reconhecimento da diversidade sexual encontram respaldo, por exemplo, na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, no Programa Nacional de Direitos Humanos II, no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres e no Programa Brasil sem Homofobia.²⁷

²⁴ SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS, *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil*. 2012, p. 10. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em: abr. 2014.

²⁵ *Ibidem*, p. 18.

²⁶ *Ibidem*, p. 26.

²⁷ A. C. C. GONÇALVES, M. RIBEIRO, R. ZACHARIAS, “Olhando para o futuro: educação e prevenção em saúde sexual”, em A. DIEHL, D. L. VIEIRA, *Sexualidade: do prazer ao sofrer*, São Paulo: Roca, 2012, p. 672.

5. Casamento, paternidade e maternidade

A juventude tornou-se uma etapa fundamental para o amadurecimento da escolha da parceria conjugal. Atualmente, outras questões se interpõem ao casamento: carreira profissional, realizações pessoais, viagens etc. É cada vez mais comum o casamento acontecer depois dos 25 anos, não acontecer ou mesmo concretizar-se na forma de união estável.

Os casamentos que se iniciam na adolescência movidos pela paixão são vividos com uma intensidade arrebatadora porque se soma à paixão a passionalidade da adolescência. Como uma fase já repleta de turbulências, essas uniões precisam sobreviver a várias mudanças – de humor, de crenças, de objetivos e de desejo, entre outras –, o que não é tão fácil assim.

Interromper os estudos, uma carreira profissional ou um projeto pessoal para assumir uma relação estável pode ser um fardo muito grande a ser carregado durante a adolescência e a juventude. Atualmente, há uma tendência de as pessoas se unirem com o objetivo de satisfazer algumas de suas necessidades, sem abandonar a própria individualidade. Não é mais preciso “anular” a própria existência em nome do equilíbrio da vida conjugal e familiar. Negociar autonomias e manter um projeto comum, sem o qual o casal dificilmente segue adiante, é um desafio.

É preciso lembrar que os casamentos que se estabelecem na adolescência e mesmo no início da juventude geralmente acontecem por motivos distintos: imposição familiar, gravidez, vontade de sair da casa dos pais, necessidade de apoio emocional e paixão. Noutros casos, é resultado da baixa autoestima de um dos parceiros. É como se a pessoa não se sentisse preparada para enfrentar o mundo sozinha, precisando sentir-se cuidada, protegida, desejada. Há também uniões de apoio mútuo, principalmente entre aqueles que se sentem rejeitados pela família e pela sociedade. Há ainda pessoas que se casam para conquistar posição social e bens materiais.

A tendência atual é recorrer ao divórcio quando um casamento não “funciona” mais. O processo de divórcio é rápido, favorecendo que as pessoas possam ir desatando os laços da união conjugal com mais

facilidade. O fenômeno dos recasamentos é também comum, o que demonstra a vontade que as pessoas têm de coabitar com alguém a fim de partilhar emoções, desejos, projetos e muitas vezes constituir família. Ter nova união é também busca de felicidade. Acredito que não haja casamentos que se mantêm com violência constante, física ou emocional. Nem aqueles que guardam aparência social. No entanto, também acredito que, no mundo das relações rápidas e fugazes, muitos não compreendem o sentido da união conjugal e não se comprometem verdadeiramente com a felicidade do outro e os projetos em comum. O casamento se dá no vazio e na manutenção de individualidades, e por isso tem grandes chances de naufragar.

A decisão de constituir família deve ser sempre do casal. A experiência clínica e de estudos revela que o desejo unilateral de ter filhos é gerador de conflitos, agravado quando a decisão é forçada por uma gestação, ou pela ausência dela. Ter um filho é uma alegria muito grande, mas uma responsabilidade imensa, afinal a criança precisa do acolhimento e cuidado do adulto de maneira intensa e constante. Além disso, para se educar com afeto e coerência, os responsáveis devem desenvolver a amorosidade, a paciência e ter sempre o espírito e a mente abertos para buscar informações, fazer reflexões a fim de tomar decisões acerca da vida física, emocional e social de seus filhos. Por isso, quanto mais imaturos são os pais, mais difícil será a educação de um filho.

Vários fatores podem ser responsáveis pelo acontecimento de uma gestação na adolescência e juventude: antecipação da menarca, que pode levar à iniciação sexual mais cedo; iniciação sexual sem devida orientação sobre os riscos e consequências; desconhecimento sobre as questões da sexualidade; pouca participação da família, da escola e dos serviços de saúde no processo educativo dos adolescentes, sendo os próprios colegas a principal fonte de informação sobre sexualidade; questões familiares nas quais os pais se negam a aceitar a iniciação sexual de seus filhos, não interferindo de forma positiva nesse acontecimento; dificuldade na prática da contracepção por falta de conhecimento ou pela necessidade de motivação e planejamento; recusa, de alguns profissionais, sobre a orientação e a concessão dos

métodos – direito garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) –; influência da mídia; falta de objetivos e planos para o futuro; baixa escolaridade.

O baixo nível educacional é causa e também consequência da gestação, já que boa parte das adolescentes deixa de estudar quando engravida, ou então é expulsa de forma velada ou literal das escolas. Outras jovens perdem o interesse escolar e abandonam os estudos, o que minimiza seus desejos de profissionalização, colocando as relações amorosas em evidência. A difícil adaptação às mudanças na passagem da infância para a vida adulta faz muitos adolescentes procurarem a união conjugal e a maternidade/paternidade como meios de escapar dos conflitos.

Independente da situação, deve-se evitar ter atitude preconceituosa com relação à maternidade/paternidade, pois, como apresentado, nem todos os casos são vivenciados com tristeza e prejuízo e nossa sociedade já olha para as jovens mães com um olhar preconceituoso ou de comiseração. Acolhimento, respeito, incentivo e esclarecimento são atitudes positivas perante a maternidade. Outro ponto muito importante é pensar na paternidade adolescente como um fenômeno que precisa de maior cuidado e atenção, já que o olhar é voltado para a jovem mãe e não para o pai, que se sente impelido a “assumir a criança”, mas não é acolhido nem auxiliado na construção da paternidade.

É importante fazê-los refletir sobre as necessidades de um bebê nos primeiros anos de vida e a importância de ser cuidado pela mãe e pelo pai, em contraponto às possibilidades das experiências da vida do jovem, nos campos profissionais, de lazer, de amizade e de realização pessoal.

Muitas famílias assumem os filhos de seus jovens. Outras os rejeitam. Nenhuma das duas atitudes é satisfatória, já que a primeira isenta o jovem de assumir a responsabilidade e cuidado com os filhos, impedindo seu crescimento pessoal, e na segunda o jovem não recebe o apoio necessário e passa a se sentir solitário, diminuindo sua autoestima e tornando-o vulnerável ao abatimento e à depressão.

Considerações finais

A sexualidade é considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) um dos quatro fatores que determinam a qualidade de vida, seguido da convivência familiar, vida profissional e prática de lazer. É imprescindível, portanto, que se dê a devida atenção a esta dimensão da vida, considerando-a como parte essencial para a busca de nossa felicidade.²⁸

Ser uma pessoa sexualmente feliz é uma construção feita ao longo do tempo. Não se limita a fazer sexo genital, pois muitos abstinências podem ser saudáveis e se realizar na amizade e nas trocas afetivas. Também não significa ter uma quantidade de sexo que seja comum ao que se diz socialmente. Todos os parâmetros para se caracterizar transtornos na sexualidade não são medidos pela quantidade de sexo por semana, nem pelo tempo de controle de ereção ou ejaculação, nem por orgasmos alcançados. Leva-se mais em consideração o sentimento de realização e adequação para a pessoa e seu parceiro.

Sentir-se sexualmente adequado passa pela aceitação do próprio corpo, o conhecimento das funções sexuais e da resposta sexual humana. Também é imperativo ter uma identidade que seja coerente com a orientação do desejo.

Quanto mais uma pessoa se sente livre para amar e merecedora do amor do outro, mais conseguirá dar valor ao seu corpo e à sua saúde, negociando posturas de proteção, prazeres, emoções. Menos se submeterá ao capricho do outro, sujeitando-se a fazer sempre *por amor ao outro*.

O exercício da sexualidade, no sentido genital e afetivo, é uma descoberta dessa fase transitória entre a infância e a vida adulta. Adolescentes e jovens mergulham nas múltiplas motivações do desejo. Drogas, álcool, ansiedade, onipotência, força do grupo e estímulo da cultura são alguns coadjuvantes que podem atrapalhar as relações afetivo-sexuais dos jovens, colocando-os em risco físico e emocional.

²⁸ CMBA, "Compreendendo a sexualidade", em *Dicas de Saúde*. Disponível em: <<http://www.cmba.org.br/dicas/saude/sexualidade-sexo-qualidade-de-vida-cultura>>. Acesso em: jul. 2014.

Cada grupo de jovens pode expressar a sexualidade de maneira muito distinta. E é por isso que não se considera uma única juventude, mas “juventudes” para mostrar o caráter plural desse grupo no Brasil e no mundo. De qualquer modo, as juventudes atuais gozam de maior liberdade sexual e afetiva e, por isso mesmo, são chamadas a fazer escolhas a todo instante.

Quanto mais o diálogo franco sobre sexualidade for expandido, mais pessoas, em especial os jovens, serão auxiliadas no sentido de valorizar a sua existência e a experiência com o outro, associando prazer e responsabilidade.

É fácil chegar à conclusão, portanto, de que o amor é um ato da vontade; e toda relação, mesmo as de vínculos frágeis e fugazes, deve considerar a valorização da vida e ser envolvida por amorosidade.

Referências bibliográficas

- BRASIL. Programa Nacional de Prevenção de DST/AIDS. AIDS no Brasil. 2010. Dados e pesquisas. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/aids-no-brasil>>. Acesso em: mai 2014.
- CARROLL, L. *Heavy girls likelier to have sex early*. NBC News.com. May, 26, 2010.
- CMBA. “Compreendendo a sexualidade”. In: *Dicas de Saúde*. Disponível em: <<http://www.cmba.org.br/dicas/saude/sexualidade-sexo-qualidade-de-vida-cultura>>. Acesso em: jul. 2014.
- DIEHL, A.; GONÇALVES, A. C. C.; RODRIGUES Jr, O. M.; VIEIRA, D. L. “A interface da sexualidade e do uso de álcool e outras drogas na promoção da prevenção”. In: DIEHL, A.; FIGLIE, N. B. (orgs.). *Prevenção ao uso de álcool e drogas: o que cada um de nós pode e deve fazer*. Editora Artmed (no prelo).
- GONÇALVES, A. C. C. “Relações Amorosas na adolescência – uma reflexão para educadores”. In: PESSINI L.; ZACHARIAS R. (orgs.). *Ética teológica e juventudes: interpelações recíprocas II - sexualidade – drogas – redes sociais virtuais*. Cap. 5. Aparecida: Santuário, 2014 (no prelo).
- GONÇALVES, A. C. C.; RIBEIRO, M.; ZACHARIAS, R. “Olhando para o futuro: educação e prevenção em saúde sexual”. In: DIEHL, A.; VIEIRA, D. L. *Sexualidade: do prazer ao sofrer*. Cap. 30. São Paulo: Roca, 2012, p. 663.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2012*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/default.shtm>>. Acesso em: 2 nov. 2013.
- INSTITUTO SANGARI. “Mapa da Violência”. In: CARRANO, P. *Brasil de Fato*. 14/2/2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/11941>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- MARINHO, L. F. B.; AQUINO, E. M. L.; ALMEIDA, M. C. C. “Práticas contraceptivas e iniciação sexual entre jovens de três capitais brasileiras”. In: *Cad. Saúde Pública*, vol. 25, supl. 2. Rio de Janeiro, 2009.
- NICOLINO, A. S. “Primazia da beleza feminina e juventude empobrecida: notas de uma relação conflituosa”. In: *Interface* (Botucatu. Online), v. 15, 2012, p. 32-48.
- NUPAIDS *apud* SCIVOLETTO, S.; TSUJI, R. K.; ABDO, C. H. N.; QUEIRÓZ, S.; GUERRA DE ANDRADE, A.; GATTAZ, W. F. “Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de 2º grau de São Paulo”. In: *Rev Bras Psiquiatr*, 21 (2), 1999, p. 91.
- PINTO, E. B. *Sexualidade: um bate-papo com o psicólogo*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil*. Ano 2012, p. 10. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em: 3 abr. 2014.
- ZIEMKIEWICZ, N.; MENDONÇA, M.; GUIMARÃES, C. “Elas batem. Eles apam”. In: *Época* (31/10/2011), p. 94.

Seção II

Relações afetivas
no horizonte da ética

2.

RELAÇÕES AFETIVAS, SEXUALIDADE (GÊNERO) E FAMÍLIA NO HORIZONTE DA REFLEXÃO ÉTICA

Edward Neves M. B. Guimarães¹

*De tudo, ao meu amor serei atento, antes, e com tal zelo, e
sempre, e tanto, que mesmo em face do maior encanto, de
se encante mais meu pensamento.*

Vinícius de Moraes

*Olhe a figura singular da vela, sem um lamento sendo con-
sumida. Que teu labor (tua vida) se torne igual ao dela: quei-
mar de amor para iluminar a vida.*

Décio Guimarães

Introdução

Com o saudoso mestre João Batista Libanio aprendemos, entre tantas outras lições, a arte de cultivar o amor pelas palavras.² Ao longo da vida, descobrimos a preciosidade desse aprendizado. Se por um lado a linguagem torna-se, com frequência, fonte de

¹ O autor é mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professor de Cultura Religiosa do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua na coordenação do Centro Superior de Estudos Teológicos e Pastorais (CESTEP) e na secretaria executiva do Observatório de Evangelização PUC Minas. Ajuda na coordenação e é professor de Teologia Sistemática no Curso de Especialização Teologia do Centro Loyola de Espiritualidade, Fé e Cultura e no Curso de Especialização em Catequética do Instituto Regional de Pastoral Catequética CNBB/PUC Minas (IRPAC). Membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) e da Comissão de Catequese do Regional Leste II. Com João Batista Libanio, é autor de *Linguagens sobre Jesus. As linguagens das juventudes e da libertação*, São Paulo: Paulus, v. 4, 2013.

² Além da etimologia, Libanio incentivava muito a seus orientandos mergulhar na leitura dos clássicos da literatura mundial. Segundo ele, os grandes romances carregam o poder de lapidar a sensibilidade do leitor e ampliar seus horizontes de comunicação e expressão. Para conhecer melhor as orientações desse exímio educador, indicamos *Introdução à vida intelectual*, São Paulo: Loyola, 2001, e *A arte de formar-se*, São Paulo: Loyola, 2001.

mal-entendidos, por outro, enquanto *homo loquens*,³ desenvolvemos, através dela, uns com os outros, refinados e complexos mecanismos de comunicação. Então, trilhar as veredas da etimologia dos vocábulos mostra-se excelente ponto de partida para quem deseja assimilar e/ou ampliar as ricas possibilidades de compreensão e expressão das ideias. Começemos por aqueles que compõem o título desta reflexão: “relação afetiva”, “sexualidade” (gênero), “família”, “reflexão ética”.

A expressão relação afetiva une dois termos latinos: *relatus*, “aquilo a que se refere”, particípio passado do verbo *referre*, que significa “levar consigo, apresentar, relacionar”, e *affectus*, que pode ser traduzido por “disposto, inclinado a”, particípio passado do verbo *afficere*, que significa “fazer algo a alguém, influir sobre, tocar, comover o espírito, produzir impressão”. O primeiro, em contexto interpessoal, significa simplesmente conexão, enlace, vínculo ou ligação íntima entre pessoas. Já o segundo indica o sentimento de afeição ou inclinação para alguém no nível da família, da amizade, da paixão e até mesmo da mera simpatia social. Traduz, além disso, aquilo que internamente gera gestos e sentimentos de carinho quase espontâneos, confiança, intimidade e saudade quando distantes; um termo perfeito para expressar o amor cultivado entre pessoas ou destas para com outros seres vivos. As relações afetivas caracterizam-se pela presença marcante dos sentimentos de carinho, atenção, zelo, cuidado, delicadeza e bem querer no vínculo entre as pessoas e destas com os demais seres vivos. A pessoa afetiva é, sobretudo, aquela que, nas relações com os outros, mostra-se terna, carinhosa, solícita, amável e cuidadora.

A dimensão afetiva é lugar privilegiado para avaliarmos a saúde psíquica da pessoa. Ela explicita o alicerce interior com o qual lidamos com as vivências sociais. Ela concretiza uma espécie de base interna

³ A expressão latina *homo loquens* traduz a rica dimensão criativa de linguagens, realidade não apenas presente, mas constitutiva da vida humana. Somos intrinsecamente seres de fala, de comunicação e expressão. Desenvolvemos inúmeras e fantásticas formas de explicitar o que acontece dentro de nós, sentimentos, desejos de compreensão, de ter vez e voz para o consenso e o dissenso, no contexto social onde estamos inseridos.

capaz de possibilitar ou criar obstáculos na conquista da maturidade e do equilíbrio humano nas relações. Como veremos, a base da sexualidade humana tem fundamento na afetividade.

Embora não haja padrão cultural universal, pode-se dizer que as relações afetivas mostram-se imaturas, desequilibradas, e até mesmo doentias quando, devido ao baixíssimo índice de autoestima, existe comprometimento profundo da autonomia de um ou mais sujeitos nelas envolvidos, bem como quando estes se deixam dominar por sentimentos possessivos, de rivalidade e/ou de ciúme compulsivo. Nesses casos, as relações afetivas tornam-se marcadas pela dependência do outro ou pela incidência de manifestações de violência.

O vocábulo sexualidade veicula complexidade interessante em sua história. Sua origem situa-se no termo latino *sexus*, que por sua vez deriva-se do verbo latino *seccare*, que significa “dividir, partir, cortar”. Em nossa língua, há o verbo seccionar, ou seja, separar em seções, dividir, cortar. No contexto humano, a sexualidade indica, primariamente, que o conjunto das pessoas pode ser dividido ou agrupado segundo a organização anatômica e/ou fisiológica dos órgãos de geração. Por exemplo, distinguem-se dois grupos, o do sexo masculino e o do sexo feminino. Dito de outro modo, constata-se, a princípio, dois segmentos, duas seções, dois cortes do ser humano como tal, o masculino e o feminino.

A sexualidade humana refere-se também a um dos instintos animais básicos presentes na vida do ser humano, a atração sexual e suas manifestações na vida ou conduta das pessoas. Ela compreende tudo que concerne ou diz respeito à dimensão sexual constitutiva de nosso existir. O termo sexualidade traduz, para alguns autores, a intrínseca incompletude do indivíduo fora da relação com o outro. Somos constitutivamente “relação”, ou seja, o “eu” se estabelece à medida que se relaciona com o “tu”, com o que ele não é. Nesse processo se identifica, se diferencia e se percebe enquanto tal.

Com a revolução sexual, sobretudo a partir da década de 70 do século passado, os cientistas sociais passam a usar o termo sexo não apenas para se referir à divisão biológica de homem/macho e

mulher/fêmea, mas também ao gênero.⁴ Chamam a atenção para os papéis sociais atribuídos a uma pessoa, baseados em seu sexo aparente e/ou em outros fatores contingentes. O termo *gênero* vem do latim *genus*, que significa tipo, espécie ou gênero. Nele envolve-se a construção social e cultural de cada um dos sexos, bem como seus relacionamentos interpessoais, transcendendo, portanto, a restrita análise biológica da sexualidade humana. Nas sociedades patriarcais, uma compreensão estreita e unilateral da sexualidade humana justificou mecanismos de dominação violenta do homem sobre a mulher, bem como suscitou variada gama de preconceitos e discriminações sociais em relação à mulher, aos gays, lésbicas, bissexuais, transexuais etc.

Percebe-se, atualmente, enorme variação de atitudes culturais, entre e dentro das sociedades, bem como, e não poderia deixar de ser, nas religiões em relação a sexo, gênero e sexualidade, bem como quanto à identidade e aos papéis sexuais.⁵

Segundo o teólogo André Musskopf,

"[o que] sexo, gênero, sexualidade e todas as outras características que compõem as identidades dos seres humanos têm

⁴ O termo "gênero" começa a ser usado no meio científico em 1950, nos estudos sobre transexualidade desenvolvidos por pesquisadores norte-americanos. Seu uso solucionava dificuldades conceituais no estudo de pacientes que nasciam com o sexo biológico ambíguo, ou quando o sexo do nascimento não coincidia com a identidade sexual. Mas o termo só ganha evidência quando surge o debate em torno do conceito e quando incorporado ao campo da reflexão feminista. Na literatura feminista, atribui-se a origem da noção de gênero a Simone de Beauvoir, quando esta disse que "não se nasce mulher, torna-se mulher". Tal afirmação contempla a distinção clara entre as esferas biológica e sociocultural, ideia mais tarde desenvolvida pelas feministas como nova noção histórica e sociológica. Na década de 1970, as feministas americanas começaram a usar "gênero" para enfatizar o caráter social das distinções fundadas sobre o sexo e a rejeitar o determinismo biológico implícito nos termos "sexo" ou "diferença sexual". Na década seguinte, o termo ganha centralidade no debate feminista, com status de conceito teórico, instrumental crítico e político extremamente útil na análise das diferenças e desigualdades entre os sexos. Com isso, optar pelo conceito passou a ser decisão de ordem epistemológica que implicava dada opção teórica. No Brasil, a reflexão sobre gênero ganha visibilidade no início de 1990, quando se explicita a preocupação com o aspecto relacional de gênero com ênfase nas diferenças e assimetrias de poder, distanciando-se das explicações polarizadas sobre papéis sexuais. Cf. M. F. ARAÚJO, L. B. SCHRAIBER, D. D. COHEN, "Penetração da perspectiva de gênero e análise crítica do desenvolvimento do conceito na produção científica da saúde coletiva", em *Interface – Comunicação, Saúde, Educação* (vol. 15, n. 38), 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180119940028>>. Acesso em: abr. 2014.

⁵ Cf. M. L. HEILBORN, "De que gênero estamos falando?", em *Sexualidade, gênero e sociedade*, CEPESC/IMS/UERJ, ano 1, n. 2, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v1n2/06.pdf>>. Acesso em: abr. 2014.

em comum é que elas são significadas em nossos corpos". E "a corporeidade não se refere apenas ao corpo humano como conjunto dos órgãos e partes, mas ao ser humano integral enquanto presença corporal e a sua relacionalidade consigo mesmo, com outras pessoas, com a natureza e com a divindade. É a forma como existimos e damos significado à nossa existência".⁶

As reflexões sobre gênero encontram terreno fecundo no campo da teologia moral. Há vasta produção original. Esta tem conseguido libertar, ampliar, inovar e mesmo criar novos horizontes na investigação teológica acadêmica, nas práticas pastorais e nas posturas religiosas e eclesiais. Tem conseguido promover autêntica revisão do olhar, da compreensão e dos posicionamentos tradicionais das diversas sociedades, religiões e Igrejas no campo da sexualidade.⁷

A palavra *família*, igualmente, possui intrigante etimologia e evolução histórica surpreendente. Vem do latim *familia*, que significa "o conjunto das propriedades de alguém, incluindo parentes e escravos". O termo deriva-se de *famulus*, que significa "escravo doméstico". Em seguida, passa a designar as pessoas que vivem juntas, numa mesma habitação, relacionadas, por criação ou geneticamente, e sujeitas a alguém que sobre elas possui autoridade, um *paterfamilias*. A este, todos os membros da família devem respeito e obediência. Aos poucos, a compreensão do termo passa por profundas transformações, até chegar ao que a sociologia define como grupo social caracterizado

⁶ Cf. A. S. MUSSKOPF, "Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram", em *Tempo e presença digital*. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/artigos.asp?cod_bolelim=9>. Acesso em: 10 mai. 2014.

⁷ A título de exemplo, dentre outros, veja: R. R. RUETHER, *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*, São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1993; L. Z. MACHADO, "Gênero, um novo paradigma?", *Cadernos Pagu*, n. 11, 1998, p. 107-125; VV.AA., "A Palavra na vida: hermenêutica feminista e gênero", em CEBI, n. 155/156, São Leopoldo, RS, 2000; I. GEBARA, *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*, Petrópolis: Vozes, 2000; C. CONTI, "Hermenêutica feminista", em T. SCHNEIDER (org.), *Grande sinal. A mulher e a criação teológica*, Petrópolis: Vozes, 2001; SOTER, *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*, São Paulo: Paulinas/Loyola/Soter, 2003; W. DEIFELT, "Deus no corpo: uma análise feminista da revelação", em L. E. TOMITA, M. BARROS, J. M. VIGIL (orgs.), *Teologia latino-americana pluralista da libertação*, São Paulo: Paulinas/ASETT, 2006; I. GEBARA, *O que é teologia feminista*, São Paulo: Brasilien-se, 2007; J. ALISON, *Fé além do ressentimento. Fragmentos católicos em voz gay*, São Paulo, É realizações, 2010; A. S. MUSSKOPF, *Via(da)gens teológicas – Itinerários de uma teologia queer no Brasil*, São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

pela residência comum, pela cooperação econômica e pela reprodução; grupo criado por vínculos de parentesco ou matrimônio presente em todas as sociedades; estrutura ou arranjo social que proporciona proteção, companhia, segurança, socialização, constituído ou não por laços sanguíneos, cuja forma e papel variam segundo cada sociedade; espaço histórico e simbólico no qual e a partir do qual se desenvolve a divisão social do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres, ainda que isso assuma formas diversas nas várias sociedades.⁸

Entre as funções sociais da família, merecem destaque: procriar e perpetuar a espécie; prover economicamente seus membros e cuidar de sua base emocional, afetiva e psicológica; educar, socializar e fornecer cidadãos para a coletividade; apoiar e ajudar no desenvolvimento das potencialidades; promover a continuidade da cultura, dos costumes morais, religiosos e das relações sociais. Trata-se, portanto, de núcleos com vínculos de afeto importantes para os seus integrantes, bem como para o corpo social como um todo e devem ser reconhecidas e respeitadas como tais, independentemente de sua estrutura ou configuração.

Reconhecemos, ao longo da história, grande variedade de organizações, estruturas ou arranjos familiares. A família vive as interferências do mundo social, das novas realidades históricas, das novas subjetividades e das novas mudanças culturais. Entre os grandes desafios do mundo contemporâneo, destaca-se entender e delimitar os significados e os sentidos da célula básica das sociedades. Nas sociedades contemporâneas urbanizadas, são visíveis os graves impactos sociais quando as políticas públicas de saúde, educação, moradia, saneamento básico, transporte, entre outras, não chegam a todas as famílias. Se a vida humana é dinâmica e criativa, revela-se igualmente frágil e sensível. Cabe-nos aprender a bem cuidá-la e protegê-la daquilo que a ameaça, especialmente em relação às pessoas mais vulneráveis, os pobres e marginalizados, crianças, idosos, doentes, portadores de necessidades especiais e os “sem família”.⁹

⁸ Cf. C. SARACENO, *Sociologia da família*, Lisboa: Editorial Estampa, 1997, p.14.

⁹ Há inúmeros estudos que comprovam: programas sociais emergenciais de transferência de renda, tais como o Bolsa Família, políticas de crédito para agricultura familiar, cooperativas

Por fim, a expressão reflexão ética. Nela conjugam-se dois vocábulos distintos e fecundos. Primeiro, reflexão, que deriva da conjunção do prefixo *re*, indicativo de repetição, e do radical *flettere*, que significa “ação de inclinar-se sobre alguma coisa; curvar, dobrar, vergar”. Juntas, *reflettere*, incluem o ato de curvar-se para contemplar, inquirir ou buscar o sentido de algo e a repetição constante dessa mesma ação. Em contexto humano, expressa os processos mentais, pessoais e/ou comunitários, de recorrentemente nos debruçarmos, com abertura crítica dialógica, sobre nossos pensamentos em relação a qualquer assunto. Segundo, ética, que vem do grego *éthos* e significa “morada da ação humana, hábito, costume”. Indica, portanto, aquele saber que tem por objetivo específico buscar continuamente a excelência no agir humano em vista da realização do bem, tanto do indivíduo quanto da coletividade. Por meio dela, desenvolvem-se hábitos, fundamentados em valores e princípios, capazes de tornar viável e plausível a morada do homem no planeta e na sociedade. Trata-se de realidade dinâmica diferente do instinto, pois construída histórica e socialmente a partir da sabedoria elaborada por meio do cultivo da reflexão sobre situações vividas, individual e coletivamente, na sociedade onde nascemos e vivemos.

Entendemos por reflexão ética, portanto, toda reflexão crítica e autocrítica destinada a avaliar tradições, princípios, valores, concepções, posturas e costumes já estabelecidos e reconhecidos pelo meio social onde estamos inseridos, bem como em relação às problematizações a elas desferidas. Incluem-se aqui também as reflexões sobre novas propostas lançadas pelas pessoas em vista de melhor concretizarmos o reto agir e/ou aperfeiçoarmos o bem viver para os indivíduos e para as coletividades. Trata-se, então, de construção participativa, dialogal, aberta ao aperfeiçoamento, consciente

populares, ampliação das políticas de reforma agrária e urbana, ampliação e aperfeiçoamento do SUS, médicos da família, programas de bolsa e/ou financiamento de estudos (Prouni e Fies), cotas para estudantes oriundos de escolas públicas, entre tantas outras, têm-se mostrado fundamentais especialmente para que os socialmente excluídos conquistem acesso à cidadania. Apesar de receberem críticas de alguns, pelos seus resultados, elas precisam ser incentivadas, ampliadas e acompanhadas de outras políticas de inclusão social rumo à conquista da cidadania plena para todos.

de sua incompletude e da necessidade de corresponsabilidade coletiva.

Embora a dimensão ética esteja presente em todos os campos da Teologia, há área voltada exclusivamente para alimentar e aprofundar a reflexão ética. Trata-se da Ética Cristã ou Teologia Moral. No centro desta, encontramos o conceito de pessoa. Cada ser humano carrega em si mesmo, de modo gratuito e inalienável, valor e igual dignidade, fundados no próprio dom da vida, revelado em Jesus de Nazaré como o dom de sermos todos amados, filhos e filhas de Deus. Desde esse conceito, à luz da Palavra de Deus, nasceram diversos desdobramentos que consolidaram rica tradição. Entre os seus diversos ramos, merecem destaque a Ética Teológica Fundamental, a Bioética Cristã, a Ética Cristã da Sexualidade, a Ética Teológica Social. A tradição cristã católica, a fim de orientar o agir dos cristãos em sociedade, elaborou a chamada Doutrina Social da Igreja.

A seguir, organizamos nossa reflexão em duas partes. Na primeira, levamos a sério as implicações nascidas do reconhecimento da ambivalência sempre presente em todos os aspectos da realidade humana. Na segunda, apontamos pistas úteis que auxiliem na caminhada rumo à conquista da utopia: “Um outro mundo possível!”.

1. Refletir, com lucidez e coragem, a ambivalência presente na caminhada humana

Fica mal com Deus quem não sabe dar; fica mal comigo quem não sabe amar.

Geraldo Vandré

Nada de humano se constrói sem ambiguidade. A afetividade, no relacionar-se com os demais, frequentemente se banaliza ao não acolher o outro no seu mistério. Triunfa o narcisismo sobre a atitude de respeito diante de outra liberdade. Passa por cima desta, em troca de gozo e benefício próprios.

J. B. Libanio

O ser humano encontra-se em estado constante de itinerância e autoconstrução. Muitos chegam a caracterizá-lo como ser inacabado.

Na filosofia, há autores que o definem enquanto tensão dialética entre duas dimensões: natureza e cultura. Pela primeira, ele compartilha a condição de ser de necessidades, frágil e mortal como os demais seres vivos; pela segunda, encontra-se em contínuo processo de autoconstrução, pelas influências do meio social, pelos mecanismos de ensino-aprendizagem e, sobretudo, pela extraordinária capacidade de inteligência, consciência, autonomia, vontade, habilidade e criatividade.¹⁰ Na teologia, do mesmo modo, há autores que o concebem enquanto unidade complexa, dialética e inconstante, composta de diversas dimensões. Fala-se de “unidade na pluralidade”. Sua situação existencial concretiza-se no desafio constante de conquistar e manter, no cotidiano, equilíbrio dinâmico entre as diversas dimensões que lhe são constitutivas. Dentre estas, mencionemos a dimensão física, a afetivo-sexual, a psíquica, a histórica, a familiar, a sociopolítica, a ecológica, a volitiva, a criativo-sapiencial, a comunicativa, a lúdica, a religiosa.¹¹ Na tradição judaico-cristã, acolhe-se o ser humano enquanto unidade “corpo-alma-espírito”. Enquanto corpo, ele é ser no mundo dotado de instintos, desejos e inclinado, pelos cinco sentidos, à descoberta e à busca, geralmente diária, do prazer de viver. Enquanto alma, é dotado do sopro divino da vida, com o dom da consciência, inteligência, criatividade e vontade, chamado a criar cultura e aprender a conviver e amar. E, por fim, enquanto espírito, é dotado de abertura radical para a transcendência, com sede de infinito e eternidade, chamado a tornar-se, livremente, interlocutor do próprio criador.

O ser humano revela-se portador da capacidade de tomar consciência de que a vida, apesar de mostrar-se frágil e efêmera, é bem mais que as perceptíveis realidades histórica e material. Ele se encanta, se apaixona e vive, conforme indica a bela canção de Gonzaguinha “O que é, o que é”, a “cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”. A complexa realidade, estruturante da condição humana, funda-se

¹⁰ Cf. M. L. ARANHA, M. H. P. MARTINS, *Filosofando – Introdução à filosofia*, São Paulo: Moderna, 1993.

¹¹ Cf. G. RUBIO, *Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, São Paulo: Paulus, 2006; B. MUNDIN, *O homem, quem ele é*, São Paulo: Paulus, 2001.

no desejo infinito. Por isso, tem sempre diante de si a vastidão do horizonte. Vive em busca da felicidade. Do mesmo modo, possui radical abertura, dialogante e interativa, com o meio, onde se encontra situado e com a percebida realidade transcendente. Essa última pode ser captada na contemplação das produções artísticas e, sobretudo, enquanto *homo religiosus*,¹² na criação de ritos e símbolos, nas vivências religiosas e/ou existenciais profundas. Quando percebe e experimenta uma presença transcendente que o ultrapassa e envolve, realidade que simultaneamente o amedronta, atrai e fascina, geralmente a acolhe, nomeia e cultiva.

O ser humano, ao tomar consciência de si e do outro, experimenta a força da subjetividade. Deseja construir o seu próprio caminho, pois descobre, interagindo com os demais, a capacidade singular de escrever a própria história.

Ao longo de seu caminhar, experimenta a delicadeza fascinante da generosidade humana, a força atrativa do sorriso acolhedor e das mãos afetivas que espalham sensibilidade, carinho, cuidado e atenção. Sente atração pela bondade original encarnada nos gestos de tantas pessoas que se dispõem, gratuitamente, a servir. Ao mesmo tempo, constata a presença da brutalidade destruidora irradiada do egoísmo e diversas manifestações provocadas por pulsões de agressividade e violência presentes nas relações humanas. Essa ambiguidade cintilante e paradoxal mostra-se em todos os âmbitos e níveis da vida humana: em casa, na escola, no trabalho, no templo, na rua. Para usar imagem bíblica, o ser humano dá-se conta de que trigo e joio coexistem, convivem e dividem o mesmo espaço no interior de cada pessoa. Nada parece escapar dessa realidade existencial. A ambivalência manifesta-se onipresente nas relações que se estabelecem na família, com amigos, com namorados, com colegas de escola ou de trabalho, no comércio e até mesmo na religião. Percebe-se tal dualidade atuante tanto nas posturas alheias quanto nas próprias.

¹² Com a expressão latina *homo religiosus*, desejamos traduzir tanto a abertura radical para o transcendente quanto a capacidade extraordinária de criar ritos, símbolos e tradições religiosas. Para aprofundar essa dimensão presente e fecunda ao longo do fenômeno humano, sugerimos K. RAHNER, *Curso fundamental da fé*, São Paulo: Paulus, 1989.

Quando assume, como projeto de vida, ser cada dia uma pessoa melhor e procurar pautar seu agir pelo bem, pela justiça e pelo amor, tal constatação implica a necessária e contínua autovigilância, bem como o cultivo da reflexão crítica e autocrítica, do discernimento e da conversão diária. No Evangelho, há, de forma recorrente, este convite realista: “vigiai e orai para não cairdes em tentação”.¹³ Na linguagem religiosa, alerta-se sobre as constantes tentações do mal ou do demônio. Cremos que tal forma de falar indica simplesmente o reconhecimento da ambivalência sempre presente na caminhada humana. Mas, se somos continuamente tentados a praticar o mal, do mesmo modo, sempre poderemos deliberar pela concretização do bem. Eis o preço da liberdade e da consciência e, sobretudo, da capacidade de amar. Como seres dotados de livre-arbítrio e autodeterminação, a encruzilhada, ou seja, momentos ou situações de escolha, opção e decisão, estarão sempre presentes ao longo do caminho. Tirar isso do ser humano significa destituí-lo de sua condição, embrutecê-lo e animalizá-lo.

Cientes da condição humana, aproximemo-nos, com lucidez e coragem, da temática que aqui nos propomos aprofundar.

1.1. Afetividade: estrutura profunda de equilíbrio/desequilíbrio, amor/egoísmo, sempre presente no interior das dinâmicas das relações humanas

Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.

Antoine de Saint-Exupéry

Ótimo que tuas mãos ajudem o outro a levantar voo, mas que elas jamais se atrevam a tomar o lugar das asas.

Dom Helder Camara

O ser humano, enquanto ser de sentimentos, descobre paulatinamente a importância da generosidade, da atenção, do cuidado e, sobretudo, do amor nas relações que estabelece. O amar e ser amado, com cada vez maior profundidade, destaca-se entre as grandes lições a serem aprendidas ao longo da vida.

¹³ Cf. Mc 13,33-37; 14,38; Mt 25,13; 26,41; Lc 22,40.46; Ef 6,18.

Ele possui complexa estrutura interna que lhe permite não apenas sentir o pulsar da vida, mas, com aguçada sensibilidade, deixar-se afetar pelos encontros e experiências vividas. Essa interioridade faz com que desenvolva refinada memória poética, para recolher e guardar tudo o que lhe for marcante. Por um lado, quando as experiências são vivenciadas de forma encantadora, emocionante e gratificante, provocam-lhe intensa saudade, gosto de felicidade e desejo de repetição, por outro, quando violentas, cruéis e destrutivas, causam-lhe asco, repulsa e mal-estar.

O dom da afetividade faz com que a pessoa não se torne indiferente aos encontros e experiências. Quando se encontra diante de alguém triste, com fome ou em dor, a sensibilidade afetiva provoca-lhe, geralmente, sentimentos de compaixão e desejos de concretizar, com urgência, atitudes solidárias em busca de ajudar e transformar tal realidade. Quando se depara com cenas de violência, covardia e maldade, a sensibilidade afetiva provoca-lhe sentimento de indignação, mobiliza forças para tomar alguma medida a impedir tal situação e suscita coragem para lutar contra a situação injusta. Igualmente, é a sensibilidade afetiva que ajuda a pessoa a dizer não ao que se mostra cruel, injusto e brutal e a sentir-se atraída pelo que expressa gratuidade, solidariedade, bondade, delicadeza, cuidado, carinho, amizade, bem-querer e amabilidade.

A afetividade, enquanto estrutura profunda que perpassa o sentir do ser humano, também pode ser compreendida como a base da sexualidade humana. Para compreendermos o papel substancial da afetividade na sexualidade de uma pessoa, Júlio César Faria Machado compara a sexualidade humana a um prato de comida, sendo a dimensão afetiva a comida propriamente dita, e a dimensão erótica, o tempero. É ela que oferece a base de sustentação.¹⁴

A afetividade, como tudo que é humano, apresenta-se marcada pela ambivalência. Por isso, o ser humano pode elaborar em seu interior, de forma consciente ou não, sutis mecanismos de chantagem emocional com objetivo de explorar, enganar, dominar e abusar da sensibilidade afetiva do outro. Nem por isso podemos claudicar dian-

¹⁴ Cf. J. C. F. MACHADO, *Sexo com liberdade*, Petrópolis: Vozes, 1994.

te do reconhecimento da presença da ambivalência. Se por meio da afetividade o ser humano pode tornar-se cruel, sem ela a pessoa seria fria e indiferente diante dos acontecimentos e até mesmo diante da mais aguda e plástica interpelação ética, o rosto e o olhar do outro.¹⁵

A afetividade não deixa a pessoa cair na indiferença social. Ela provoca equilíbrio ou desequilíbrio, desperta o amor ou o ódio, conduz ao perdão ou à vingança, revela a gratidão ou a ingratidão. Por isso, ela precisa ser cuidada e bem educada eticamente pela família, pela escola, pela sociedade, pela religião e pela arte. Cada um de nós precisa desenvolver o hábito de cultivar o autoconhecimento, cuidar, refletir e avaliar constantemente a situação em que se encontra a própria estrutura afetiva. Um amigo sincero, um diretor espiritual e, muitas vezes, um bom terapeuta fazem toda a diferença no desafio de conquistar e manter o equilíbrio afetivo. O mesmo pode ser dito do acesso à literatura, música, teatro e/ou cinema de qualidade, pois a arte possibilita e estimula a reflexão e o autoconhecimento.

1.2. Sexualidade: fonte de prazer/desprazer, realização/frustração, locus singular para a expressão do amar/dominar e de transmissão/negação do dom da vida

A perda de todo vínculo desumaniza-nos. E presenciamos o grau de degradação humana na sociedade atual por desconsiderar-lhe o papel. Se a libertação e a ruptura de muitos vínculos se fazem necessárias para o processo de autonomia e maturidade, no entanto, quando da maturidade, percebe-se a sua importância, já não pelo viés da necessidade imposta, mas pela compreensão social de seu sentido.

J. B. Libanio

A superação das repressões e rejeições indica antes processo a caminho que término alcançado.

J. B. Libanio

Abordar a sexualidade e indagar sobre seu sentido implica estar ciente de aproximar-se de uma das mais profundas fontes de prazer

¹⁵ Para aprofundar sobre o tema da interpelação ética que brota do rosto do outro, cf. E. LÉVINAS, *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*, Petrópolis: Vozes, 1997; *Humanismo do outro*

e realização, bem como de seu contrário, de desprazer e frustração na vida humana. Não dá para fazer tal empreendimento de forma superficial, pois ela perpassa a totalidade de cada pessoa. Aqueles que a banalizam ou mesmo tentam negar-lhe a centralidade na vida humana acabam, geralmente, pagando um alto preço por isso.

O ser humano revela-se constitutivamente alguém sexuado. O modo de ser humano configura-se sempre enquanto homem ou enquanto mulher. Isso, que pode parecer óbvio, no fundo demonstra que a sexualidade impede toda e qualquer neutralidade na relação com o outro. Cada pessoa, por ela e por causa dela, aproxima-se da outra como homem ou como mulher. E aqui não há referência ainda à atração sexual, hétero ou homossexual, entre as pessoas, bem como à complexa questão de gênero, ou seja, da construção social das identidades e papéis sexuais de homem e de mulher em cada sociedade. Afirma-se tão somente que toda e qualquer experiência ou interação de uma pessoa com outra pessoa sempre se faz enquanto homem ou mulher. Essa condição existencial determina, caracteriza e singulariza, de alguma forma, tudo o que é vivenciado. Embora todos sejam humanos, o homem experimenta e se relaciona de forma diferente da mulher. E quando se adentra mais ainda as profundezas da dimensão sexual, percebe-se maior complexidade e, portanto, a fragilidade de estabelecer padrões sexuais gerais, naturais e/ou culturais. Além da diferença visível entre a forma de os homens vivenciarem a sexualidade em relação às mulheres, torna-se cada vez mais perceptível, no contexto atual, a forma singular de cada pessoa lidar, experimentar e vivenciar a própria sexualidade.

Com isso, não se nega a realidade das influências do meio social na tomada de consciência, na construção da identidade, na significação e na normatização das vivências sexuais. Diferentemente dos outros seres vivos, o ser humano cria diversas configurações culturais.

homem, Petrópolis: Vozes, 1993; *Totalidade e infinito*, Lisboa: Edições 70, 1988. E como introdução ao pensamento deste autor, cf. P. C. NODARI, "O rosto como apelo à responsabilidade e à justiça em Lévinas", em *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 29, n. 94, 2002, p. 191-220.

Acolhe-se aqui a concepção de cultura como uma “segunda natureza humana”. A primeira seria a que abrange a condição física, biológica e hereditária do ser humano, geralmente definido como membro do reino animal, do filo dos cordados, da classe dos mamíferos, da ordem dos primatas, da família dos hominídeos, do gênero *homo*, da espécie *homo sapiens*. Já a segunda envolve o que é aprendido, construído e transformado socialmente. Cada agrupamento social elabora e consolida a sua forma de transmissão do legado cultural a novas gerações. Essa segunda natureza, para ser transmitida, precisa ser recebida e assimilada por meio de complexo e dialético processo de ensino-aprendizagem. O ser humano, no princípio, acolhe quase que passivamente as tradições que lhe são transmitidas. Num segundo momento, conquista, muitas vezes com sangue, suor e lágrimas, a condição de sujeito na autodeterminação desse processo. Passa, então, a questionar, transgredir, desconstruir, ressignificar, transformar, modificar e inovar em sua “natureza cultural”.

Acontece que “as duas naturezas humanas”, a biológica e a cultural, não existem de forma separada. Desde o início até o fim da vida de cada pessoa, elas implicam-se mutuamente, se condicionam, se influenciam e se modificam. A sexualidade humana, bem como todas as suas outras dimensões constitutivas, perpassa e abrange a totalidade da pessoa. Pode acontecer, em determinadas vivências, uma ser mais bem percebida ou explicitada que a outra, o que não significa que ambas não estejam presentes. Há consequências graves e importantes quando determinada sociedade ou grupo, religioso ou não, nega, despreza ou demoniza uma das duas naturezas ou uma das dimensões estruturantes da vida humana. Ao contrário do que muitos pensam, a sexualidade humana não está situada apenas na natureza biológica nem apenas na natureza cultural. Como dimensão constitutiva da vida humana, ela está presente na totalidade da pessoa.

A ambivalência manifesta-se, de modo visível e concreto, na dimensão da sexualidade humana. Se a sexualidade, por um lado, revela-se fonte de prazer e realização, por outro, sem contradição, mostra-se igualmente fonte de frustração e sofrimento.

Constatamos que a sexualidade contribui de incontáveis maneiras para o ser humano expressar para com o outro carinho, intimidade, afeto, atenção, zelo, cuidado e amor. É maravilhoso quando duas pessoas apaixonadas desenvolvem delicadezas, mimos, expressões de afeto e cercam-se de cuidados. O namoro consolida-se como tempo rico de experiências de convívio, momentos intensos de alegria, busca de conhecimento mútuo e crescimento na intimidade, período que favorece a construção de vínculos que podem durar por toda a vida. Na vida a dois, a sexualidade contribui de forma singular para fortalecer e amadurecer os vínculos que os unem, além de oportunizar experiências profundas de entrega e expressão do amar e ser amado.

No campo da sexualidade reconhecemos, de forma igualmente perceptível, um lugar de desilusões, desencantamentos e vazios existenciais. Muitas pessoas experimentam desprezo, abandono, traição e violência. As queixas são frequentes e recorrentes. A vivência da sexualidade transforma-se, muitas vezes rapidamente, em fonte de sofrimento. Tudo começa quando um dos parceiros surpreende-se com mudanças nas atitudes do outro, entre outras, passam a agredir, humilhar, violentar, desprezar, trair. Entre lágrimas e dor, narram-se mágoas e frustrações diante de experiências de abandono, dominação, traição e violência. Parceiros que outrora juravam um para o outro eterno amor, paradoxalmente, agora juram, raivosamente, eterno ódio. De toda intimidade antes compartilhada, restam, muitas vezes, apenas dor e mágoa. E tantas vezes, em meio a brigas, ficam os filhos a ampliar seja o número de vítimas do sofrimento, seja a extensão das consequências que afetam inocentes.

Como se não bastasse, a sexualidade humana frequentemente é transformada em mercadoria altamente lucrativa. Compra-se e vende-se prazer. Do mesmo modo, sem qualquer escrúpulo ético, reduzem-se pessoas a objetos de compra e venda. As sociedades contemporâneas, com inegáveis avanços na conquista de direitos e no reconhecimento da igual cidadania da mulher e dos homossexuais, não conseguiram abolir, entre tantos outros problemas, o tráfico de pessoas para exploração sexual, o “pornô-turismo”, envolvendo até

mesmo crianças; o alto índice de abortos clandestinos e a consequente mortalidade de mulheres pobres; a espiral de violência sexual, a perpetuação dos mecanismos machistas de dominação da mulher, com a frequente redução a “objeto de cama e mesa”; discriminação e violência contra homossexuais.

Entre as funções diversas da sexualidade humana, destacam-se, pela visibilidade social, a atração, união e reprodução sexual. Em torno da sexualidade, as pessoas estabelecem variadas formas de vínculos e laços. Se biologicamente a sexualidade possibilita, sobretudo, a troca de material genético e favorece o aperfeiçoamento das novas gerações e a perpetuação histórica da espécie, igualmente, ela promove a busca do outro, como parceiro, enseja experiências gratificantes de prazer, aguça a sociabilidade, favorece, frequentemente, a construção e a consolidação de vínculos afetivos e de arranjos familiares. Em torno do cuidado e proteção dos filhos, entre outros fatores, os parceiros sexuais desenvolveram diversas formas de consolidação de vínculos e papéis nos grupos sociais onde estão inseridos. Cada grupo social aprendeu, paulatinamente, a desenvolver mecanismos de cuidado e proteção, sobretudo para com as mulheres grávidas e as crianças.

Nas sociedades atuais, com rápidas e profundas transformações estruturais, cabe-nos eticamente a responsabilidade de avaliar e discernir, sobretudo no campo da sexualidade, dos vínculos socioafetivos e da realidade familiar, fatores que favorecem e ameaçam a dignidade da vida humana. E a partir do critério ético central, que se concretiza no cuidado e defesa da dignidade da vida, criar espaços participativos de reflexão e troca de ideias, bem como buscar alternativas para enfrentar os desafios contemporâneos. Aqui, revela-se importante conjugar dialeticamente, sem extremismos, de um lado o necessário processo de volta às fontes, para conhecer e recuperar tradições de sabedoria com a segurança e solidez de princípios e valores já experimentados e vividos pelas gerações que nos precederam, e a abertura crítica para acolher a beleza e a riqueza propostas pelas novas gerações capazes de corrigir miopias e superar limites, bem como oferecer pistas para os novos desafios.

1.3. Família: porto seguro/inseguro e plataforma de lançamento para a vida, locus privilegiado para aprender a amar e compartilhar a vida, a dor e a felicidade

Se um dia, já homem feito e realizado, sentires que a terra cede a teus pés, que tuas obras desmoronam, que não há ninguém à tua volta para te estender a mão, esquece a tua maturidade, passa pela tua mocidade, volta à tua infância e balbucia entre lágrimas e esperanças as últimas palavras que sempre te restarão na alma: minha mãe, meu pai.¹⁶

Rui Barbosa

Considera-se tradicionalmente a família como célula ou núcleo básico de constituição e consolidação do pacto social em cada sociedade. Trata-se do lugar de realização do nível pessoal e social de cada indivíduo adulto, bem como a matriz responsável por gerar, proteger e garantir educação básica estruturante para novos membros, tanto para os diversos níveis de organização social quanto para a divisão social do trabalho. A qualidade e a vitalidade da coesão social em cada sociedade estão direta e proporcionalmente relacionadas com a situação de saúde e de qualidade de vida das famílias que a constituem.

A família contemporânea, independentemente da forma de arranjo social, possui duas funções básicas, tanto no nível pessoal quanto no social, sendo uma em relação aos adultos nela envolvidos e outra em relação aos novos membros, os filhos. No tocante à primeira função, ela apresenta-se, sobretudo, como lugar de parceria, acolhida, aconchego, proteção, restauração das forças, reconhecimento mútuo, partilha, apoio afetivo e socioeconômico entre os membros. Quanto à segunda, ela configura-se como porto seguro e autêntica plataforma de lançamento para a vida. Leia, a título de exemplo, a carta de um pai à sua filha debutante:

¹⁶ Texto atribuído ao escritor Rui Barbosa, com presença recorrente em convites de formatura, objetivando, geralmente, expressar gratidão aos pais.

PLATAFORMA

Estimada filha,

O amor existe e está no meio de nós. Não podemos ver, quantificar ou provar sua existência. Mas temos o dom de experimentar, acolher, cuidar e fazê-lo crescer. O amor não pode ser comprado, pois se alimenta de gratuidade, atenção e liberdade. Em nosso meio, reconhecemos quando ele está presente e aprendemos que ele pode ser transformado pelas circunstâncias da vida. Seu crescimento e evolução dependem do tamanho do coração que forjamos nas relações familiares, com os demais seres humanos e com o mundo no qual vivemos. Porque você foi amada, pode amar a si mesma e aprender a amar o outro. Aprender a amar, disso se trata: eis a maior lição de nossa jornada!

O amor nasce com a vida, se aprimora nas vivências e se pratica a cada instante de nosso existir. No princípio com a mãe, depois com a descoberta do papai e de todas as figuras de amor do mundo: familiares, amigos e companheiros, pessoas que admiramos e que conquistam nosso coração. De modo especial, o amor se revela na experiência religiosa da pessoa, por sentir-se amada gratuitamente por Deus. Através de nossa religião, compreendemos através de Jesus de Nazaré que Deus não só é a fonte de todo amor, mas também que ele é o próprio Amor e está sempre conosco, impulsionando nossa liberdade para a luz, o bem, o amor, a justiça e para a felicidade.

Siga o seu caminho. A felicidade não está no fim do caminho, mas no jeito de caminhar. Suas dúvidas, inseguranças, receios e sofrimentos são normais. Afinal, a infância está ficando para trás, e crescer é um desafio constante. Não se esqueça: carregamos todas as vivências e somos o conjunto das experiências vividas! Por isso, tenha a coragem de aprender com cada experiência de sucesso ou fracasso, acerto ou erro. Você será a mulher que está construindo, a cada passo, desde o primeiro dia de sua vida. A mulher que

brota em você nada mais é que a menina transformada e sempre amada.

Espero que mamãe e papai tenham deixado muitas marcas positivas em muitas passagens do livro de sua vida. Páginas que valham a pena, de vez em quando, ser recordadas, relidas ou revisitadas. Mamãe e papai foram apenas sua plataforma de lançamento para a vida. Por isso, um dia, ficarão para trás. Você, desde os primeiros passos, em cada saída do meio familiar, em suas buscas, idas e vindas, foi construindo outra plataforma de lançamento para o mundo: sua autonomia e cidadania.

Não tema nem duvide. Confie, apenas! Coragem! Não tenha medo de ser feliz! Saiba que entre as duas plataformas há uma estrada de ida e volta e que nos encontra... nós e você. O caminho de ida é maior e mais desafiante, pois você, a cada dia, está conquistando o novo. Já o caminho de volta é menor e fácil, pois já está conquistado e o caminho você conhece.

Siga em frente, encontre, ame, lute, dance, conquiste; se cair, levante e aprenda a lição, persevere e seja firme na busca de realizar seus sonhos. E, quando sentir necessidade, volte e reabasteça. Na plataforma 1 você terá sempre seu lugar reservado e você sabe que poderá contar sempre conosco. Que Deus, estradeiro contigo, continue a abençoá-la e seja luz e força em seus passos.

*Com afeto e ternura, beijos,
Papai*

Cada pessoa nasce totalmente vulnerável e dependente de cuidados e proteção dos genitores ou substitutos, sobretudo ao longo das duas primeiras décadas.¹⁷ Diferentemente da maioria quase absoluta dos

¹⁷ Ao mensurar a dependência familiar estruturante em duas décadas, falamos em média, sem excluir os muitos casos de conquista da independência antes deste período, bem como a tendência crescente, sobretudo, nas sociedades ocidentais, de prolongar o tempo da adolescência/juventude e ampliar para três décadas ou mais a permanência e dependência dos filhos na casa dos pais. Alguns preferem denominar essa última tendência como "adullescência".

outros seres vivos, o ser humano forjou e aperfeiçoou culturalmente, entre os pais genitores ou adotivos e os filhos, laços sanguíneos e de responsabilidade e/ou cuidados socioafetivos que, geralmente, tendem a durar por toda a vida. Se os pais cuidam dos filhos, geralmente são, do mesmo modo, cuidados por eles na velhice.

A ambivalência manifesta-se de forma intensa e drástica no seio familiar. O que era para ser núcleo social restaurador, espaço propício para a realização pessoal e social, de acolhida, reconhecimento, partilha e apoio socioafetivo transforma-se muitas vezes em lugar infernal de dominação e violência. Para muitas pessoas, o próprio parceiro torna-se fonte de sofrimento, violência, exclusão, dominação, frustração e dor. Para os filhos, igualmente, o que era para ser um porto seguro e uma plataforma de lançamento para a vida concretiza-se como espaço de amplificação das dificuldades pessoais e sociais. Para inúmeras crianças, adolescentes e jovens, infelizmente, os genitores e/ou pais substitutos mostram-se fardo pesado de dominação, violência física, psíquica e sexual, tolhimento, causam baixa autoestima, insegurança, constrangimento. Como se não bastasse, na fase em que o ser humano tantas vezes volta ao estado de grande dependência afetiva e de vulnerabilidade social, os idosos são literalmente explorados ou abandonados pela própria família e, do mesmo modo, pelo Estado. As políticas públicas fazem da aposentadoria tempo de verdadeiro inferno. Além de explorados pelos inescrupulosos planos de saúde, o que os aposentados recebem não cobre nem os custos básicos com alimentação, manutenção da moradia e medicamentos. Outras vezes, seus rendimentos são destinados a suprir a necessidade de outros membros familiares exploradores ou mesmo socialmente excluídos. A fase senil, para muitos, transforma-se em experiência amarga de solidão, desprezo, abandono, violência e carência dos aspectos que são essenciais para uma vida digna.

Em nossa cultura recente, a família passou por profundas transformações e assumiu variadas formas de arranjos sociais. Cabe-nos perguntar, por um lado, em que medida tais mudanças favorecem ou dificultam o cumprimento das duas funções sociais básicas da família e, por outro, em que medida as sociedades contemporâneas em suas

múltiplas instituições sociais – famílias, escolas, religiões, polícias, grupos, associações, cooperativas, clubes e outras – já conseguem lidar, acolher, legitimar e proteger, em meio à diversidade, a dignidade e a cidadania de cada um de seus membros e garantir-lhes, por meio de legislação e políticas públicas estruturantes e eficazes, a qualidade de vida de seus núcleos familiares constitutivos.

A constituição brasileira, por exemplo, legitima e garante, no papel, a cidadania para cada brasileiro e sua família. Define como papel do Estado garantir para todos, entre outros, o direito de acesso à saúde, educação, lazer, transporte, habitação, saneamento básico de qualidade. Na prática, embora reconheçamos inúmeros avanços sociais nos últimos anos, a realidade das políticas públicas é gravemente deficitária. Ainda contemplamos diversas formas de violência, preconceito, discriminação e exclusão social, e com elas convivemos. Há milhares de “cidadãos de papel”¹⁸ e de famílias socialmente desassistidas: sem terra, sem casa, sem saneamento básico (água e esgoto tratados e canalizados), sem trabalho, sem acesso a saúde, educação, energia, lazer e transporte público dignos. O contexto urbano mostra-se cruel para com muitas crianças, adolescentes e jovens. Fala-se hoje da geração “nem... nem” em alusão aos milhares que nem estudam nem trabalham, e, portanto, não tem grandes perspectivas de inclusão social para o futuro. Cai-se facilmente na tentação ao “presentismo”.¹⁹ Muitos jovens, além de não terem acesso a educação de qualidade e capacitação profissional, não participam das benesses produzidas pelo sistema. Estes não têm acesso às novas tecnologias, não viajam de avião, não têm contato intercultural por meio de viagens, não visitam

¹⁸ Expressão consagrada por conhecido livro do jornalista Gilberto Dimenstein. Cf. G. DIMENSTEIN, *Cidadãos de papel*, 24ª ed., São Paulo: Ática, 2012.

¹⁹ Termo criado para expressar o fenômeno cultural da valorização extrema e quase absoluta do tempo presente. O que importa, nesse caso, é viver o agora e curtir o momento atual sem preocupar-se com o amanhã. Com isso, muitos perdem a perspectiva histórica e a capacidade de perceber a conexão entre causa e efeito, bem como a percepção das consequências de nossas ações para o futuro. Para aprofundar essa temática, sugerimos: Z. BAUMAN, *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001; G. LIPOVETSKY, *Os tempos hipermodernos*, São Paulo: Barcarolla, 2004; *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989; J. F. LYOTARD, *A condição pós-moderna*, 7ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

museus, não vão ao teatro, ao cinema, aos espetáculos e mostras de arte. Quando produzem arte, continuam, muitas vezes, marginalizados e excluídos socialmente. Com raríssimas exceções, o mesmo pode ser dito de milhares de jovens em relação ao esporte, trabalho, saúde, educação e lazer.

Conclusão

Procuramos apresentar aspectos primários e centrais para a reflexão ética sobre três dimensões estruturantes da vida humana: afetividade, sexualidade e família. Cientes da ambivalência sempre presente no fenômeno humano, constatamos, para além da presença de elementos negativos, a importância fundante dessas realidades, os valores e a beleza que delas emergem. Constatamos diversas e graves ameaças e apontamos desafios urgentes.

Indicamos que cabe a nós a responsabilidade ética de refletir e buscar alternativas viáveis para participarmos da construção de “outra sociedade possível”, estruturada na justiça, na inclusão social, na solidariedade fraterna e na sustentabilidade ecológica e avançarmos nessa direção.

Questões de aprofundamento

1. APONTE três fatores que auxiliam na conquista do equilíbrio afetivo. JUSTIFIQUE.
2. DESCREVA três condições básicas para que a vivência da sexualidade não se transforme em fonte de frustração na vida da pessoa. COMENTE.
3. “Os jovens, atualmente, vivem a sexualidade sem grilos.” CERTO ou ERRADO? JUSTIFIQUE com exemplos concretos e COMENTE.
4. “A realidade familiar, atualmente, está em crise.” CERTO ou ERRADO? JUSTIFIQUE com exemplos e COMENTE.
5. “A redes sociais contribuem significativamente para o amadurecimento afetivo-sexual dos jovens conectados.” CERTO ou ERRADO? JUSTIFIQUE com exemplos e COMENTE.

2. Contemplar e acolher, com fé, esperança e ousadia, a dignidade da pessoa humana

Andar com fé eu vou, que a fé não costuma faia.

Gilberto Gil

Iniciemos a segunda parte com o poema “Lateja forte nesse peito meu”, em que descrevo minha compreensão da experiência de interpelação ética:

LATEJA FORTE NESSE PEITO MEU

*Carrego no peito fortes sentimentos:
Perante a alegria, digo não à apatia
Entro na chuva e me deixo encharcar.
Ante a dor, Epicuro²⁰ não é meu mestre,
Rejeito toda forma de indiferença.*

*Emoções fortes ressoam em meu ser:
A cada passo, sim, eu verto lágrimas,
Experimento, na carne, o sofrimento.
Mas, em amálgama, sem contradição,
Sinto júbilo intenso e contentamento.*

*Vejo tanta gente amargurada
Perdida, sem saber pra onde ir.
Vejo tanta dor, cruento sofrimento:
Cabisbaixos, humilhados e em prantos,
Muitos, prostrados, ignoram do céu a razão.*

*Vejo compaixão no viver de muita gente
Solidárias, compartilham o próprio ser,
Solícitas, se convertem em ombro amigo.
Dos céus, são sacramentos de amor em seu agir
Presentes, procuram ajudar, promover, soerguer.*

²⁰ O filósofo Epicuro (354-213 a.C.) defendia o cultivo da indiferença como fonte de sabedoria.

*Não, não quero viver de qualquer jeito.
Não quero sentir vergonha dos meus passos.
Quando recordar os trechos já trilhados,
As lutas, fracassos e vitórias conquistadas,
Quero o gosto inebriante do vinho da alegria.*

*Como Francisco, Inácio, João, Teresa e Champagnat,
Gandhi, Luther King, Balduino, Luciano e Helder Camara;
Como Romero, Mandela, Desmond Tutu, Che e Dalai Lama,
Betto, Betinho, Beozzo, Boff, Libanio, Casaldaliga e Zilda Arns,
Quero desfraldar bandeiras: amor, justiça e paz.*

No título dessa parte, preferimos intencionalmente falar de pessoa humana. O termo *pessoa* significa, sobretudo, que cada um de nós porta singularidade concreta estampada no rosto e dignidade gratuita e inalienável. Independentemente das condições étnica, social, sexual, religiosa ou de qualquer outra natureza, somos todos humanos, com rosto, história, valor e dignidade que precisam ser reconhecidos, respeitados e garantidos. Tal reconhecimento revela-se fundamental em qualquer reflexão ética. Trata-se de condição básica para a construção da cultura da paz e para avançarmos rumo a uma sociedade justa, inclusiva e solidária.

Apresentaremos nas linhas a seguir algumas pistas concretas objetivando neutralizar ou impedir que o pessimismo antropológico não se instale na mente nem determine rumos sombrios na caminhada diante da constatação da presença incontornável da ambivalência na vida humana. A postura pessimista revela-se perversa por duas razões. Além de desmotivar e desanimar o sujeito, possui o poder de desmobilizá-lo para a luta e o enfrentamento dos desafios e urgências discernidos na jornada. Amar as potencialidades humanas revela-se pressuposto importante em toda empreitada educativa e ação afirmativa transformadora. Educadores, lideranças, agentes de transformação, revolucionários antropológicamente pessimistas mostram-se perniciosos e trágicos.

A ênfase no negativo – no que não tem dado certo na sociedade; violência e corrupção cometidas pelas pessoas; erros ou fracassos, so-

bretudo os percebidos e sublinhados na caminhada das organizações populares –, prática tão recorrente nos atuais meios de comunicação social, revela muito mais que inocente “cultura de urubu”.²¹ De fato, se a maior parte das ações humanas fosse violenta, sádica, perversa, corrupta e doentia, como é mostrado insistentemente pelos meios de comunicação, as sociedades e organizações humanas há muito já teriam se desintegrado e desaparecido. Não existe sociedade, agrupamento e organização coletiva sem um mínimo de acordo e coesão, sem pacto social. Como e por que permanecer junto quando a maioria dos motivos que os unem fracassa e indica o contrário? O ser humano mostra-se suficientemente inteligente para tomar decisões em vista da mudança quando as coisas não estão dando certo. A situação social contemporânea indica outra realidade. As pessoas tendem a viver cada vez mais próximas e organizadas em complexas estruturas urbanas.

É claro que há pactos sociais injustos, sociedades controladas por mecanismos subliminares de dominação e alienação, mantidas por refinada pedagogia do medo, dentre outras. Nem se pretende negar a existência de inúmeros e gigantescos problemas e desafios sociais, tais como déficits nas políticas públicas de saúde, educação, moradia, saneamento básico, transporte, lazer, altos índices de desigualdade social, espiral estratosférica de violência, corrupção, tráfico de pessoas, de órgãos, de drogas, de influência, agravamento de desequilíbrios sociais, ambientais e ameaças de perda da sustentabilidade futura.

Quando se trata de sistemas complexos como o fenômeno humano, o negativo não diz tudo nem descreve a maior parte da realidade. A relação entre as partes e o todo não pode ser simplificada, sob pena de se cometerem equívocos. Há muitas experiências boas, edificantes e transformadoras, acontecendo simultaneamente, o tempo todo. Basta um pouco mais de sensibilidade social e crítica para se aproximar das realidades locais e trajetórias pessoais para percebê-las e constatá-las.

²¹ Por “cultura de urubu” entenda-se aquela que vive à procura, pelo odor fétido que exala, de “carniças sociais”. Em seguida, procura transformá-las em espetáculos nobres por meio de manchetes sensacionalistas e/ou furos de reportagem meticulosamente medidos por índices de audiência disputados por privadas e comprometidas agências de notícia, emissoras de rádio e televisão, revistas, sites e outros meios de comunicação.

Há indicadores sociais que apontam para melhorias substanciais na qualidade de vida, conquistas sociais inegáveis e ricas e novas possibilidades de avançarmos em direção a sociedades mais humanas, justas, inclusivas, solidárias e ecológicas. Constatam-se, no nível micro, pequenas revoluções, conquistas, superações e vitórias sociais acontecendo. Há muitos processos de libertação em andamento. Captar e explicitar tais acontecimentos fortalece quem está na luta e anima quem se encontra mais fragilizado. O reconhecimento da crise das grandes utopias sociais não pode levar-nos a generalizações apressadas e insensíveis ao que ocorre nos âmbitos pessoal, familiar, local, comunitário, municipal, regional, estadual etc.

O anúncio cultural e hegemônico do pessimismo antropológico não é inocente. Ao contrário, a nosso ver, está a serviço de grupos dominantes interessados em manter seus históricos privilégios. Para isso, procuram, insistentemente, desmobilizar e desacreditar as diversas lutas sociais das pessoas e grupos excluídos. Citemos a título de exemplo as recorrentes campanhas para destruir a legitimidade social do MST, a partir da construção de uma imagem negativa e pessimista. Reconhecido como um dos grupos sociais mais bem organizados em vista de conquistas sociais, aparece como um grupinho de baderneiros, subversivos e invasores de terras alheias. Constata-se outro exemplo explícito e recorrente nas campanhas que, além de omitir os valores e a refinada sabedoria ancestral, apresentam os povos indígenas como atrasados, ignorantes, abandonados, doentes, um bando de pobres coitados dignos de dó, quase a implorar que a intervenção branca em suas terras aconteça e os salve de situação de desgraça. Um terceiro exemplo encontra-se na complexa realidade política, quando se insiste, de forma recorrente, na imagem negativa de que todo político é safado, corrupto e ladrão. Muitas pessoas passam a afastar-se e a desinteressar-se pelo que acontece nas campanhas, discussões e decisões políticas. E o que ainda é pior, reclamam e não participam das lutas políticas e partidárias, pois deixam de acreditar na capacidade de transformação.

Quando as pessoas são tomadas pelo pessimismo antropológico, facilmente tornam-se desanimadas, descrentes e desmobilizadas.

Tendem a perder a capacidade de acreditar nas próprias forças de transformação social, bem como na força coletiva das organizações populares.

A ênfase quase que exclusiva nas manifestações de desequilíbrio afetivo, nas vivências promíscuas, banalizadas, doentias e/ou violentas da sexualidade e nas realidades familiares desestruturadas, além de alimentar o nefasto pessimismo antropológico, omite e impede o acesso à parte, se não mais abrangente e predominante, certamente mais significativa da realidade. As grandes amizades e relacionamentos gratificantes, verdadeiras fontes de alegria, realização e crescimento humano, bem como a rica caminhada de superação de preconceitos e tabus sexuais, verdadeira revolução sexual, do mesmo modo, a beleza de núcleos familiares carinhosos e repletos de experiências de doação, afeto, cuidado, perdão etc., parecem não fazer parte constitutiva de nossas sociedades. Para muitos, trata-se de experiências raras e/ou exceções.

Em sua obra-prima, o renomado teólogo João Batista Libanio mostra a importância de matizar dialeticamente as reflexões extremas. Segundo ele, importa perceber e acolher a contribuição de cada polo, mas, ao mesmo tempo, criticamente captar unilateralismos, parcialidades, esquecimentos e omissões. É preciso superar tais posturas de modo dialético. Além de acolher a contribuição de cada lado e o que apontam de verdadeiro, mostra-se importante recolher a rica gama de experiências que não estão contempladas e não se reconhecem em nenhum dos polos opostos. Para isso, importa não temer os riscos do diálogo crítico e autocrítico. A busca de lucidez e o amor pelo conhecimento verdadeiro mostram-se bem mais importantes que o apego às próprias ideias e convicções prévias.²²

Na primeira parte, descreve-se a fé e a esperança como forças poderosas ao longo da caminhada e, sobretudo, na travessia dos tempos difíceis e/ou sombrios enquanto fontes de perseverança, coragem, intrepidez e teimosia. Em seguida, a partir da descrição da

²² Cf. J. B. LIBANIO, *Em busca de lucidez. O fiel da balança*, São Paulo: Loyola, 2008.

“metáfora da casa de dois andares, cada qual com diversas janelas, mas sem escada”, aponta-se para a educação cultural como caminho incontornável para desenvolver as ricas potencialidades e suscitar pessoas humanas capazes de assumir, com autonomia, projeto de vida pautado por postura ética e cidadã diante da vida. Por fim, apresenta-se, como postura ética central, o cultivo da abertura a cada pessoa humana e acolhida prévia de sua dignidade. O caminho ético fundamental concretiza-se, portanto, no deixar-se fecundar, entusiasmar e pautar-se, socialmente, pelo princípio estruturante da igual dignidade entre pessoas, povos e culturas. Como afirma o lema feminista: “diferentes sim, mas não desiguais” quanto ao valor e à dignidade.

2.1. Juventudes, esperança e fé

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá.

Gonzaguinha

Aos jovens sempre digo: cultivem visão planetária e coração universal. Deixem operar dentro de vós o milagre de serdes violentos como os profetas, exigentes como Jesus Cristo, revolucionários como o Evangelho, sem ferir o amor.

Dom Helder Camara

Segundo os dados do último censo, calcula-se que o Brasil tem em torno de 34,2 milhões de jovens entre 15 e 24 anos de idade, e a América Latina, 148 milhões.²³ Afetividade, sexualidade e família formam uma trilogia unitária muito presente na vida do ser humano. Em torno dela, configura-se uma realidade complexa e singular na trajetória de vida do jovem. As três estão intrinsecamente ligadas aos processos pessoais e sociais de conquista do equilíbrio, da maturidade e da cidadania. Elas fazem parte do conjunto que estrutura e sustenta o que denominamos realização e felicidade na vida de uma pessoa. No

²³ Cf. <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: mai. 2014. Se considerarmos como faixa etária característica da juventude dos 15 aos 29 anos, calcula-se o número de 148 milhões de jovens no continente latino-americano. Cf. <<http://www.adital.com.br/jovem/noticia.asp?boletim=1&lang=PT&cod=73884>>. Acesso em: mai. 2014.

livro *Linguagens sobre Jesus. As linguagens das juventudes e da libertação*, Libanio e eu explicitávamos:

O tempo da juventude, de modo especial na cultura ocidental, se tornou o período propício de preparação para a vida adulta. Nele, geralmente no início, o jovem recebe educação voltada para o ingresso na universidade ou para o âmbito profissional, caso da escola técnica. Em seguida, passa pelo seletivo e excludente processo de introdução no mercado de trabalho. Além disso, tal período favorece a solidificação da identidade pessoal, social e sexual, internalização de valores, referências e, sobretudo, iniciação no modo de vida adulta. O desafio de cada jovem não se reduz à conquista da autonomia em praticar as vivências típicas da fase adulta, mas em ser reconhecido enquanto tal, sentir-se acolhido, apoiado e inserido nesse universo e assumir as responsabilidades sociais próprias da pessoa adulta.²⁴

Segundo a antropóloga Regina Novaes, no Curso de Verão de 2013, o reconhecimento social da juventude como sujeito de direitos é muito recente em nossa história.²⁵ Percebe-se no contexto atual preocupante tendência a atenuar ou diminuir a responsabilidade social da família, da sociedade e do Estado em relação aos processos educativos, de construção da identidade, da autonomia e integração social e de conquista da cidadania, e, perpendicularmente, a intensificar e ampliar a responsabilidade, enquanto indivíduos, dos próprios jovens. Sem previsão das consequências sociais, percebe-se no contexto atual concentração desequilibrada no polo do indivíduo em detrimento do polo da sociedade. Propõe-se, de forma recorrente, diminuir a idade

²⁴ Cf. J. B. LIBANIO, E. GUIMARÃES, *Linguagens sobre Jesus. Linguagens das juventudes e da libertação*, São Paulo: Paulus, v. 4, 2013, p. 12.

²⁵ Enquanto sujeito de direitos, a juventude é uma invenção social que emergiu no final dos anos 1980. Cf. R. NOVAES, "Juventudes: políticas públicas, conquistas e controvérsias", em J. O. BEOZZO, C. B. FRANCO (orgs.), *Juventudes em foco: Por políticas públicas inclusivas, em trabalho, educação e cultura*, São Paulo: Paulus-CESEEP, 2012, p. 39-74.

da maioridade civil, com consequente antecipação da responsabilidade penal. Tende-se inclusive a dar maior rigor à criminalização dos delitos, sem ampliar a responsabilidade social com a educação dos jovens. Reconhece-se, inclusive, o crescimento da prática de extermínio de jovens, sobretudo de periferia, negros e pobres. Como Libanio e eu constatamos:

as instituições sociais – família, escola, religiões, grupos e empresas – dedicam cada vez menos atenção aos processos educativos voltados para: a conquista da autonomia e da gestão crítica e autocrítica da liberdade e da subjetividade; o cultivo da identidade em contexto plural e o necessário aprendizado da tolerância diante da diversidade e do respeito mútuo para com todos; o cuidado necessário²⁶ diante da fragilidade da vida e do planeta. Além disso, dá-se pouca atenção à educação para o amor, para a misericórdia e para a prática da justiça. E o que se mostra mais grave: os jovens não têm recebido referências cidadãs.²⁷

Como se não bastasse, há uma grave contradição social, pois:

as interpelações mercadológicas, que chegam aos jovens, insistem na importância de ser esperto; em ser melhor que os outros, para conquistar espaço na sociedade; em se dar bem economicamente, a qualquer preço, enquanto condição para o sucesso, para o acesso aos bens de consumo, para o viver com prazer e conforto, enfim, para a conquista do “sonho da felicidade”.²⁸

Acontece que o ser humano é, simultaneamente, indivíduo e sociedade. Mostra-se capaz de se tornar sujeito da própria história, mas, ao mesmo tempo, recebe forte influência do meio em que vive, onde

²⁶ Título sugestivo de livro recente do renomado teólogo brasileiro Leonardo Boff. Cf. L. BOFF, *O cuidado necessário*, Petrópolis: Vozes, 2012.

²⁷ Cf. J. B. LIBANIO, E. GUIMARÃES, *Linguagens sobre Jesus. Linguagens das juventudes e da libertação*, São Paulo: Paulus, v. 4, 2013, p. 12-13.

²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 13.

é reconhecido e se reconhece e no qual estabelece relações afetivas, sociais, políticas, econômicas e religiosas.

Nesse contexto de desafios, desejamos apresentar a fé e a esperança como dimensões estruturantes da vida humana. Sem elas, a dinâmica da vida fica comprometida, pois a pessoa tende a perder, no processo histórico, a visão prospectiva, bem como a claudicar diante do peso das dificuldades. Sem elas, facilmente o ser humano cede ante a tentação do saudosismo – quando idealiza as coisas e deseja voltar a determinado passado a enfrentar as dificuldades presentes – ou do “presentismo” – quando cultiva o hábito de apostar todas as fichas, frequentemente de modo imaturo, na vivência do aqui e agora, de forma desconectada de qualquer previsão ou compromisso com o planejamento do futuro.

Na sabedoria judaico-cristã, “a fé é a certeza daquilo que ainda se espera, a demonstração de realidades que não se veem”.²⁹ Fé significa basicamente crer, confiar, capacidade de entregar-se a alguém, a um ideal, causa, luta ou projeto de vida. Trata-se de uma conquista que não é realidade simples nem fácil. Além disso, após ser conquistada, pode facilmente ser perdida diante da experiência do erro, do fracasso, da traição e da decepção, realidades muito presentes em toda caminhada humana. Se reconhecemos na criança a tendência quase espontânea de confiar, no adolescente/jovem, a tendência inverte-se, e o desconfiar passa a predominar. Trata-se do processo de formação da identidade e da consciência crítica. Já na pessoa adulta, consciente e crítica, geralmente a confiança é conquista que exige tempo e vivência. Da fé, nascem experiências fundamentais na vida humana: a de confiar no outro, em si mesmo, no futuro melhor que a realidade presente e, se quiser, no Mistério de Deus como fonte última de sentido para esta vida e para além dela.

A crença é realidade que faz parte estruturante da vida humana. Sem confiança mínima, ou seja, desconfiando-se de tudo e de todos, a vida se torna insuportável. Como configurar a vida sem confiar

²⁹ Cf. Hb 11,1.

nos que trabalham, sobretudo, nas áreas da saúde, da educação, do comércio? Ninguém estabelece relação estável e equilibrada sem confiança no outro. A fé confiante no outro está presente e qualifica o nível de profundidade e maturidade das relações afetivas, sexuais, familiares e sociais, de trabalho, na saúde, no trânsito, no comércio, na religião e no esporte.

A esperança é chama frágil que não se pode apagar. Caso aconteça, viria o desespero e até mesmo a entrega para a morte. Quando o povo afirma que “a esperança é a última que morre”, a define como fonte última de resistência e coragem e, portanto, realidade que deve ser cultivada e cuidada, sob pena de cairmos em situação de desespero. Do mesmo modo, a sabedoria popular proclama que “quem espera sempre alcança”, indicando a importância do cultivo da atitude de espera paciente, na busca do sucesso ou do êxito, em qualquer empreendimento. Muitas reflexões já foram elaboradas para explicitar o importante papel da esperança na vida humana.³⁰ O ser humano possui dimensão utópica estruturante que o faz ser radicalmente aberto e mobilizado, de forma esperançada e criativa, para o futuro. Conhecer e preservar as próprias fontes de esperança mostra-se importante para si mesmo e para o outro, sobretudo quando a pessoa se encontra no olho do furacão, ou seja, quando passa por tempos difíceis. A esperança concretiza-se como combustível necessário para o tempo da travessia, para o que acontece quando estamos em algum ponto entre o crer-desejar-planejar-começar e o chegar-alcançar-vencer-concluir.

Fé e esperança de mãos dadas, como fontes que sustentam os horizontes de busca, fazem a diferença na vida da pessoa. No nível pessoal, elas consolidam a estrutura interna propícia para ajudar, sobretudo, a superação de dificuldades, os processos de retomada, a perseverança e o empenho em relação a alguma meta proposta. No nível coletivo,

³⁰ A título de exemplo, no campo da Filosofia, indicamos os três volumes da obra de E. BLOCH, *O princípio esperança*, Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. UERJ, 2006. Digno de nota é que essa obra monumental foi escrita durante o exílio no Estados Unidos, no período de 1938 a 1947, sendo revista em 1953 e 1959, com publicação definitiva em 1959. No campo da Teologia, indicamos a interessante obra de J. MOLTSMANN, *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*, São Paulo: Loyola, 2005.

não é diferente. Um grupo formado por pessoas mais autoconfiantes e esperançadas em relação ao futuro mostra-se mais capaz, sereno, criativo e empenhado nos momentos de crise e de desafio. Tal grupo tende a possuir forte tendência ao empenho e dedicação na superação de barreiras e empecilhos.

Na vivência da afetividade e da sexualidade, pode-se dizer o mesmo. O tempo da juventude é, geralmente, marcado pela intensidade, pelo ímpeto e por uma ansiedade natural em conseguir realizar os desejos. Por isso, aprender a ser confiante e a esperar mostra-se ferramenta fundamental na difícil arte de conquistar a maturidade: aprender a ter paciência, saber esperar e lidar com o tempo, com os sentimentos e as emoções próprias e dos outros. Tão importante quanto conhecer o funcionamento, os limites e as possibilidades do corpo humano é conhecer sua estrutura interior. Conhecer alguém com certa profundidade exige saber lidar com a tensão entre confiança e desconfiança e, sobretudo, com o tempo de cada um. Acontece que o tempo humano não pode ser reduzido ao cronológico e quantitativo, pois possui dimensão simbólica e qualitativa. A vida humana implica ritos e símbolos. Estes singularizam uma vivência, um encontro, um relacionamento, uma pessoa. Passar um tempo com alguém que amamos, por exemplo, significa bem mais que um conjunto prolongado de horas. Com ritos e símbolos, um dia, um lugar, um objeto e mesmo uma pessoa passam a ser, aos nossos olhos, totalmente diferentes e bem mais significativos, pelo que provocam em nosso coração, do que todos os outros juntos.

Afetividade, sexualidade e vida em família envolvem, entre outras realidades profundas e significativas, a construção da intimidade e dos vínculos ou laços de confiança, o respeito à privacidade, ao jeito e ritmo de cada um, o tempo necessário à compreensão do outro, aprender a perdoar e a superar mal-entendidos. Como conquistar tais realidades estruturantes de cada relação sem o cultivo de “fé na vida, fé no homem, fé no que virá”, sem a capacidade de esperar que as coisas sejam diferentes e melhores do que antes, e que eu e o outro tenhamos o poder de nos aperfeiçoar e de superar dificuldades, de aprender com erros e fracassos?

2.2. A metáfora da casa humana

*Por uma cultura da não violência e do respeito a toda a vida;
por uma cultura da solidariedade e uma ordem econômica
justa; por uma cultura da tolerância e uma vida de veracidade;
por uma cultura de igualdade de direitos e de companheirismo
entre homem e mulher.*

Hans Küng

Segundo grandes tradições religiosas, a grandeza, a delicadeza e as maravilhas da criação revelam a face amorosa do Deus da vida, que cria e sustenta a autonomia da criação por amor, com amor e para o amor. Deus, portanto, não é “pura emanção de energia” ou espécie de “ser absoluto inacessível, indiferente e distante da vida”. Ao contrário, a beleza da criação revela Deus como presença amorosa e discreta que sustenta a autonomia, sem intervir de fora no dinamismo da vida. A pessoa percebe, então, com os olhos da fé, por detrás das criaturas, a transcendência de Deus. Encanta-se com a gratuidade terna da presença amorosa, sustentadora e impulsionadora do “Deus estradeiro conosco”. Quando acontece o encontro pessoal com o Mistério, a pessoa experimenta como proposta, sem qualquer violência, de forma livre e responsável, o convite de acolher e participar ou não da comunhão amorosa com Deus. Essa estrutura dialogal entre proposta e resposta revela a dimensão pessoal e vertical da fé.

Simultaneamente, a pessoa experimenta como um chamado divino a proposta de ser sujeito da própria história e acolher o dom de sentir-se parte de um todo maior, participar da criação, cuidar, defender e promover a dignidade da vida. Além disso, sente-se chamada a alegrar-se com os companheiros de caminho, relacionar-se, aprender a amar e ser amado, irmanar-se nas buscas de felicidade, realização e plenitude. Assim, percebe a dimensão horizontal da experiência da fé.

A vida humana, enquanto dom repleto de possibilidades, pode ser comparada aos processos que acontecem dentro de uma casa de dois andares, com muitas janelas com possibilidade de se abrirem para o horizonte, mas com um detalhe intrigante, nela não há escada de um andar para o outro. Que imagem misteriosa é essa? Que significam

esses dois andares, com suas diversas janelas? Por que a inexistência de uma escada? Continuemos com essa misteriosa narrativa.

a) As instigantes janelas no primeiro andar

O primeiro andar dá acesso, pura e simplesmente, à dimensão biológica. Revela que o ser humano é ser de desejo, faminto de experiências novas. Descobre-se, nesse andar, cinco janelas profundamente lúdicas. Cada qual com seu poder singular de fazer a pessoa experimentar prazer e alegria no viver. As janelas desse andar correspondem às maravilhas dos cinco sentidos presentes na vida humana.

A primeira representa os olhos. Trata-se da janela do ver. Logo após o nascimento, a pessoa abre essa janela e descobre a beleza do rosto da mãe, do pai e dos outros familiares. Mais tarde, descobre as características da própria feição. Ao longo da vida, vai descobrindo sempre novos prazeres com essa janela. Num dia, a beleza do céu estrelado; noutro, do brilho da lua; depois, do esplendor do pôr do sol... Com surpresa, percebe a delicadeza da paisagem, das formas e cores de cada planta, com suas folhas, flores, frutos, raízes ou sementes; de cada animal, pedra, morro e cachoeira. Experimenta a alegria de viver, quando observa e distingue os matizes das cores ou contempla o brilho da lua crescente, minguate no crepúsculo, as cores bruxuleantes da aurora boreal, a beleza inesgotável do oceano. Enxerga as pegadas e as marcas deixadas pelas experiências vividas ao longo do caminho. Quem ainda não perdeu tempo olhando e admirando a preciosidade de um álbum de fotografias familiares ou a magia estética de uma obra de arte: quadro, escultura, vitral, mosaico, dança?

A segunda são os ouvidos. Trata-se da janela do escutar. Essa janela dá acesso a muitas dimensões de prazer. Acolher e deixar-se penetrar pelo timbre da voz ou pelo som do pulsar do coração da pessoa amada. Extasiar-se diante do primeiro choramingar do filho que nasce. Apreciar a sinfonia do canto dos pássaros, o som ritmado de uma cachoeira ou das ondas do mar quando se arremessam contra os rochedos. Reverenciar o badalo dos sinos, o toque do berrante ou a bateria de uma escola de samba. Escutar a harmonia da canção preferida. Ouvir os sons que brotam de uma festa familiar. Receber

aquele sincero “eu te amo” da pessoa com quem decidimos livremente compartilhar o caminho. Segundo Rubem Alves, os ouvidos são o nosso principal órgão sexual.

A terceira são as fossas nasais. Trata-se da janela do olfato. É agradável demais inebriar-se com o perfume de cada uma das diferentes flores. Deixar-se penetrar pelos cheiros que irradiam da pessoa amada quando estamos bem próximos. Acolher nas narinas o aroma que emana de cada prato que está sendo preparado na cozinha com amor. Discernir o cheiro característico de cada tipo de vinho ou o aroma do café quando amanhece o dia. Sentir o odor agradável do incenso que eleva até Deus a nossa prece. Tamanha fonte de prazer fez com que desenvolvêssemos refinada memória olfativa.

A quarta representa a boca e a língua. Trata-se da janela do sabor. Por ela descobre-se quanto é maravilhoso saborear a ceia de Natal ou o apetitoso almoço de Páscoa em família. Provar das comidas típicas de determinada região ou cultura estrangeira. Degustar as delícias e guloseimas da casa da vovó. Compartilhar deleitoso chocolate numa noite fria ou sorvetes sortidos numa tarde tropical. Dar um beijo gostoso e sentir o hálito da pessoa amada. Poder cantar e comunicar o que está dentro de nós. Há quem diga, inclusive, que a boca fala daquilo de que o coração está cheio.

A quinta refere-se ao maior órgão do corpo humano, a pele. Trata-se da janela do tato. Através dela, descobre-se quão extraordinárias são as sensações produzidas pela troca de afeto, brotadas do toque, do abraço, do carinho e da intimidade cultivados com a pessoa amada. Receber massagem nos pés depois de longo e árduo dia de trabalho. Sentir o frescor do corpo depois de um mergulho gostoso no mar. Renovar-se por meio da magia de um banho. Entregar-se completamente na cama depois de intensa jornada de atividades. Na tez, a pessoa experimenta, literalmente, os climas da vida.

Todo o corpo humano testemunha o fato de ser criado para o prazer, para sentir em si o pulsar da vida, saborear cada momento da existência, experimentar cada passo da jornada da vida. Nesse sentido, a pessoa é o seu corpo. A dimensão de corporeidade mostra a sua importância diária em cada uma das cinco janelas.

Não se pode esquecer que há beleza e feiura, luz e trevas, sons agradáveis e horríveis, gostos apetitosos e os que embrulham o estômago só de neles pensar, cheiros atraentes e repulsivos, há prazer e dor... Do mesmo modo, há tristeza, desgosto, desprazer, frustração nos cinco sentidos. Realidades difíceis e constantes também fazem parte da totalidade da vida.

A natureza biológica está caracterizada no primeiro andar. Acontece que o ser humano é bem mais que um corpo sensibilizado com cinco instigantes janelas de prazer.

b) As surpreendentes e transformadoras janelas do segundo andar

Há pessoas que vivem quase a totalidade de seus dias no “primeiro andar” da casa. Levam a existência em busca, exclusivamente, do que dá prazer. Trata-se de vida humanamente limitada, epidérmica, superficial ou simplesmente animal. Elas possuem, igualmente, as janelas do “primeiro andar”, mas suas casas possuem apenas um andar. O ser humano, ao contrário, carrega um dom singular que lhe oferece amplas possibilidades. Acontece que, para conquistá-lo, desenvolvê-lo e apreciar as ricas possibilidades que a vida lhe oferece, bem como ampliar os horizontes de realização, importa ascender ao “segundo andar”. Que andar é esse? Calma. Primeiro precisamos de uma escada.

Para construir a escada, a pessoa precisa da ajuda de outras, pois nenhuma casa humana vem com escada pronta. Na planta original, há o lugar para ela ser construída. Não se trata, portanto, de defeito, mas de estratégia do criador. Ele não queria que ninguém subisse sozinho ao segundo andar. Se assim fosse, surgiria a ilusão de poder ser feliz sozinho. A escada é construída com a educação cultural. Ela tem que ser recebida de outros. Cada um a recebe na relação que estabelece com os outros. A ausência de escada revela que o ser humano é relação e somente por meio dela se constitui enquanto tal. Através de complexo processo de ensino-aprendizagem, cada um constrói a escada da cultura em sua casa. Ela dá ao ser humano o poder de explorar o andar de cima.

Uma vez na parte de cima, descobre-se a existência de quatro grandes “janelas”. Estas têm o poder de transformar, significar e ampliar a

forma de experimentar e compreender a vida. Favorecem experiências de humanização.

A primeira é a do senso de beleza. Trata-se da janela da estética, da arte. Ela descortina amplos horizontes na experiência dos sentidos. Educa para o discernimento, ao oferecer critérios para hierarquizar as diversas manifestações do belo. Por exemplo, com essa janela aberta, passa-se a perceber mais beleza nas pessoas do que nas coisas. Que a criança que dorme na marquise, mesmo desfigurada, encarna maior beleza que a imponência arquitetônica do prédio que a abriga. Provoca no sujeito a pergunta pelo sentido atribuído à beleza. A estética aguça a sensibilidade para buscar o próprio sentido da experiência humana diante das artes e do belo, bem como suscita, dentre outras, reflexão crítica sobre a indústria cultural, a instrumentalização do belo, o perigo da redução do belo ao estético, sobre a caracterização e discriminação do feio.

A segunda é a do senso de verdade. Trata-se da janela da filosofia, da busca do conhecimento verdadeiro em cada dimensão da vida e a consequente transformação em sabedoria para o bem viver. Essa janela, se mantida fechada, empobrece significativamente o viver da pessoa. Sem ela, a pessoa costuma permanecer na superfície das experiências, sem explorar o mais profundo de cada realidade. Abrir tal janela significa tornar-se mais crítico e menos ingênuo, mais exigente e menos arrogante, mais indagador e menos acomodado. Descobre-se a alegria de ser eterno aprendiz. Torna-se apaixonado pela busca da verdade e pelo sentido profundo das realidades e vivências. Passa-se a perceber que a felicidade não está no início nem no fim do caminho, mas no jeito de caminhar, no saborear e celebrar cada descoberta em cada passo do caminho.

A terceira é a do senso de bondade. Trata-se da janela da ética, da força do bem. Toda a casa é iluminada quando se escancara essa janela. Aprende-se que o bem é aquilo que realiza em plenitude a nossa humanidade. Além disso, avalia-se que o ter, o poder e o prazer adquirem sentido humano apenas quando geram o bem do outro e estão a serviço da promoção da dignidade da vida. Com essa janela aberta, passa-se a avaliar as próprias atitudes. Não se quer mais viver

de qualquer jeito. Experimenta-se o desejo de ser a cada dia pessoa melhor. Assume-se o empenhar-se e o caminhar nesta direção, como projeto de vida. Passa-se a desejar participar da construção da sociedade justa, generosa, inclusiva, fraterna, solidária e ecológica.

A quarta janela dá acesso ao senso de mistério diante da vida. Trata-se da janela da religiosidade, da religião e da fé, da busca do sentido da vida e de seu horizonte último. Uma pessoa pode viver sem cuidar da religiosidade, sem adesão a qualquer religião, sem fé e até sem a busca pelo sentido da existência. Mas tudo fica diferente quando essa janela é aberta. A vida adquire outro significado, pois mistura em sua compreensão a dimensão do dom com a dimensão da missão. Descobre-se que a vida é simultaneamente proposta e resposta. Percebe-se que a vida não é fruto do acaso e que há razão maior para estar aqui; “razões que a própria razão desconhece”. Ela suscita atitude de reverência diante do mistério da vida. A pessoa sente-se chamada a acolhê-la como algo além do seu ciclo natural: nascer, crescer, reproduzir e morrer. Os horizontes da vida são ampliados para além da pura materialidade dos fatos, no tempo e no espaço. A pessoa torna-se radicalmente aberta, transcendente e confiante de que ninguém está sozinho, por mais que pense estar. Abre-se para a experiência de que a vida é mais. Esta não caminha simplesmente para o fim, para a morte. Acolhe-se, no mais profundo de si, que há uma meta, há um sentido maior, que tudo perpassa e ilumina e para o qual todos caminham: Deus.

Percebe-se, então, que não basta viver a vida de forma reduzida a uma busca pelo prazer. Importa levar vida que tenha sentido e que o realize enquanto pessoa. Descobre-se, ao conhecer as janelas dos dois andares da casa, que cada pessoa nasce com importante tarefa: precisa construir um telhado com o mesmo material utilizado pelo criador na construção da casa, ou seja, com amor. Assume-se como tarefa urgente e irrenunciável aprender a amar e a ser amado.

c) A construção do telhado da casa como missão de cada pessoa

Toda casa precisa de cobertura. Numa casa “sem teto”, falta-lhe algo essencial. Torna-se inóspita, sem a mínima capacidade de abrigar

pessoas e protegê-las das intempéries da vida. Perderia, inclusive, a própria razão de ser abrigo hospitaleiro. Na “casa humana”, tece-se o telhado através do desenvolvimento da capacidade de amar. A experiência maior dessa vida é, de fato, sentir-se amado e aprender a amar, com cada vez maior profundidade.

Na busca de aprender a amar, duas realidades dão fundamento e sustentação à casa: a vida em família e a vivência da amizade. Nelas descobre-se o verdadeiro prazer de viver com a certeza de que foi criado por amor, com amor e, sobretudo, para o amor. Deus é amor e criou o ser humano para aprender a amar e participar de sua comunhão amorosa!

*2.3. Acolher como imperativo ético fundamental,
para a conquista da cidadania
e para a construção da sociedade justa,
inclusiva e fraterna, a igual dignidade de cada pessoa humana*

Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância.

Jo 10,10

Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Mt 5,6

Acolher como imperativo ético fundamental a dignidade de cada pessoa humana significa, sobretudo, reconhecer e defender, em situações de negação ou falta de clareza, de forma concreta, o valor da vida humana. Implica assumir como projeto de vida pessoal e de engajamento social a busca de eliminação de toda forma de preconceito e prática social discriminatória. Independente de quem seja a pessoa, previamente, como pressuposto, a sua dignidade é acolhida como valor inalienável. Como afirma Francisco, atual Bispo de Roma, “supõe a convicção de que um ser humano é sempre sagrado e inviolável, em qualquer situação e em cada etapa do seu desenvolvimento” (EG 213).³¹ “A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão

³¹ Cf. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, São Paulo: Paulus/Loyola, 2013, p. 124.

acima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando esses valores são afetados, é necessária uma voz profética” (EG 218).³²

Como se pode notar, o reconhecimento da dignidade de cada pessoa explicita uma das maiores utopias, tanto no nível pessoal quanto social. Tal constatação concretiza, imediatamente, dois aspectos diferentes para o reconhecimento e acolhida dessa realidade utópica.

O primeiro emerge quando olhamos no retrovisor da história. Ela deve provocar em cada um imediato compromisso com a memória dos fatos e acontecimentos. Na prática, significa o empenho cotidiano e assíduo para conhecer a história das grandes lutas e conquistas em favor da dignidade das pessoas. Conhecer a biografia dos grandes profetas, líderes e educadores sociais, bem como os passos já trilhados e os avanços na conquista da cidadania e no reconhecimento social da dignidade das pessoas. Por exemplo, podemos mencionar, dentre outros, a importância da luta e das conquistas das mulheres, dos quilombolas, povos indígenas, lavradores sem-terra, prostitutas, homossexuais, crianças em situação de rua, moradores de rua, portadores de necessidades especiais, idosos. Mesmo reconhecendo os grandes avanços e os passos importantes já conquistados, percebe-se que ainda não conseguimos concretizar a dignidade das pessoas em muitos aspectos e realidades. Isso significa que a dignidade de cada pessoa foi e continua a ser uma utopia.

O segundo aspecto brota quando olhamos para o futuro. Sentimo-nos interpelados eticamente a comprometer-nos com a continuidade em seus avanços. Unimo-nos a outros para dialogicamente discernir e mapear, no contexto contemporâneo, novos desafios e urgências em relação aos focos que mais ameçam a dignidade humana, seja no local onde estamos inseridos, seja noutros lugares. A pessoa experimenta dentro de si o chamado da interpelação ética em vista de propor mudanças, protestos, ações afirmativas, campanhas, abaixo-assinados, criar novas ONGs para responder às demandas surgidas e/ou irmanar-se, participar, de alguma forma, e apoiar as diversas

³² Cf. *Ibidem*, p. 126.

lutas que já existem. Aqui não há alternativas. Colocar-se a serviço dos excluídos da mesa da dignidade é a única forma de não violentar a consciência ética e desumanizar-se.

Por exemplo, nas temáticas aqui discutidas, em relação à afetividade, à sexualidade e à família, importa perguntar e perscrutar: Quem são e onde estão as pessoas mais vulneráveis em sua dignidade ao meu redor, em minha cidade, país e/ou continente? Há alguma luta já sendo travada para que eu possa apoiar e participar? Que passos já foram dados? Há perspectivas a curto, médio e longo prazo para avançarmos? Que avanços são possíveis? Que estratégias utilizar para transformar a realidade ameaçadora?

Exemplo bonito foi a atitude recente do Papa Francisco em Lampedusa, ao tomar conhecimento da realidade dos imigrantes. Ele não mediu esforços nem palavras para tornar mundialmente conhecida a trágica situação das pessoas envolvidas naquela triste situação. Ao mesmo tempo, como líder do cristianismo católico e enquanto Bispo de Roma, questionou a zona de conforto dos cristãos, sobretudo dos italianos. Além disso, denunciou profeticamente o sistema econômico perverso, bem como a indiferença da sociedade planetária em relação ao desafio ético que emerge das situações sociais que geram a necessidade de migrar.

Conclusão

Nessa parte, procuramos oferecer pistas para avançar em direção à educação ética e concretizar formas de participar da construção de uma sociedade mais justa, inclusiva, solidária e ecológica. Logo na abertura, sugerimos a apreensão poética da importante experiência da interpelação ética. Primeiro, apresentamos algumas contribuições da fé e da esperança na trajetória da vida humana. E vimos quanto elas ajudam na manutenção do horizonte utópico e na perseverança ao longo de certas travessias. Com fé e esperança, pode-se caminhar melhor em direção a outro mundo possível, sobretudo quando animados pela interpelação ética e balizados pelo horizonte utópico da igual dignidade das pessoas humanas. Segundo, através da metáfora da casa humana com dois andares e diversas janelas, necessitada da

construção da escada e, depois, do telhado, afirmamos a importância do árduo caminho da educação cultural e do aprender a amar, sustentados pelo pilar da vida em família e pelo laço da amizade. Por fim, apresentamos, com clareza e lucidez, o critério ético fundamental, ou seja, acolher a utopia da igual dignidade entre as pessoas e colocar-se a serviço, sobretudo, de quem se encontra sem acesso à mesa da dignidade. A partir daí, importa perguntar-se e perscrutar, no horizonte das vivências afetivo-sexuais e familiares, quem são, onde vivem e como ajudar as pessoas e grupos mais vulneráveis e irmanar-se nas lutas por cidadania juntamente com eles.

Para terminar, o belo poema do cantor Zé Vicente, que tantas vezes animou, com as suas canções, a caminhada do povo de Deus e os Cursos de Verão, e uma prece dedicada a você, leitor, que até aqui nos acompanhou:

É POR AMOR!

Zé Vicente

É por amor!

Sim, é por amor à vida que cantamos

E tantas vezes choramos também.

É por amor à vida que estamos lutando

E vamos andando lentamente para buscar a luz

E a liberdade das manhãs de sol.

É por amor!

Sim, é por amor à vida, evidentemente,

Que encaramos de frente essa imensa dor

Que se nos impõe nesse reinado amargo do ódio

e da violência presente!

É por amor à vida

Que estamos nas ruas, nas praças, nas estradas

E gritamos palavras de ordem de uma nova ordem!

Sim, é por amor!

É por amor à vida que marchamos nas madrugadas de lua nova,

Levando nos braços a fúria das tempestades.

Prontos a resgatar a terra que nos tomaram.

Vamos replantar as sementes e as flores

Que há séculos estão em cio!

É por amor!

Sim, é por amor à vida

Que profundamente doloridos recolhemos em nossos braços

Os que foram brutalmente feridos.

E quando já não pudermos devolver-lhes a respiração,

Nós comungaremos de seu sangue

E os faremos ressuscitar em milhares de vidas e sorrisos!

É por amor!

Sim, é por amor à vida que escrevemos nas pedras

Os poemas da esperança rebelde.

Que pichamos nos muros e nas portas

As frases corajosas de um futuro novo.

Que dançamos nas festas de sábado

No batuque do carnaval de um povo livre!

É por amor que nos abraçamos,

Que nos beijamos na esquina e já não tememos

Andar de braços dados seguindo a bandeira da paz

E da ternura consequente!

É por amor!

Sim, é por amor à vida

Que desesperadamente amamos!

A você, dedicamos a prece. Ela brotou-nos quando contemplávamos a beleza da vida humana pautada pelo bem viver inspirado na vida de Jesus de Nazaré:

INSPIRAÇÃO MATINAL

Que todo o seu ser (olhos, ouvidos, narinas, língua e tez) continue...

Apaixonado com as surpresas diárias da vida (não deixe que a pressa impeça a sabedoria);

Fascinado com a beleza do sorriso humano (captado de modo especial no rosto inocente das crianças ou sereno dos idosos);

Paralisado diante do caminho trilhado pelas lágrimas (até mesmo dos desconhecidos ou marginalizados);

Seduzido pela magia estonteante do nascente, do poente, da lua ou das noites estreladas;

Enamorado de cada uma das infinitas flores, frutos e sementes (não se esqueça das raízes, às vezes escondidas e dedicadas a simplesmente possibilitar e sustentar a vida);

Encantado com a diversidade incontável das formas de manifestação da vida (algumas precisam ser vistas através da lente do microscópio ou da dor da picada);

Mas, especialmente, maravilhado com as possibilidades sempre novas de captar, de modo ímpar e original, a arte teimosa de acreditar e brincar de ser feliz...

Que a presença amorosa de Deus seja experimentada como impulso vital para o amor, o cuidado e a justiça.

Questões de aprofundamento

1. APONTE pelo menos duas contribuições positivas da fé e da esperança na dinâmica concreta da vida humana, sobretudo pensando na realidade dos jovens.
2. INDIQUE pelo menos três experiências que estão ajudando os jovens no contexto atual a conhecer as janelas da cultura em vista do bem viver.
3. INDIQUE pelo menos três iniciativas positivas das juventudes que contribuíram ou contribuem para a conquista da cidadania e ajudam na construção da sociedade justa, inclusiva e fraterna. COMENTE.
4. PARE, PENSE e RESPONDA. “Os jovens de hoje, eticamente, estão bem mais conscientes que outrora?” CERTO ou ERRADO? JUSTIFIQUE com exemplos concretos e COMENTE.

Referências bibliográficas

- ALISON, J. *Fé além do ressentimento. Fragmentos católicos em voz gay*. São Paulo: É realizações, 2010.
- ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando – Introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARAÚJO, M. F.; SCHRAIBER, L. B.; COHEN, D. D. “Penetração da perspectiva de gênero e análise crítica do desenvolvimento do conceito na produ-

- ção científica da saúde coletiva”. In: *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 15, n. 38, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180119940028>>. Acesso em: abr. 2014.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. UERJ, 2006.
- BOFF, L. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CONTI, C. “Hermenêutica feminista”. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Grande sinal. A mulher e a criação teológica*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DEIFELT, W. “Deus no corpo: uma análise feminista da revelação”. In: TOMITA, L. E.; BARROS, M.; VIGIL, J. M. (orgs.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas/ASETT, 2006.
- DIMENSTEIN, G. *Cidadão de papel*. 24ª ed. São Paulo: Ática, 2012.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- GEBARA, I. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- HEILBORN, M. L. “De que gênero estamos falando?”. In: *Sexualidade, gênero e sociedade*, CEPESC/IMS/UERJ, ano 1, n. 2, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v1n2/06.pdf>>. Acesso em: abr. 2014.
- KAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1989.
- LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LIBANIO, J. B. *A arte de formar-se*. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. *Introdução à vida intelectual*. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. *Em busca de lucidez. O fiel da balança*. São Paulo: Loyola, 2008.
- _____. *Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais*. São Paulo: Paulus, 2011.
- LIBANIO, J. B.; GUIMARÃES, E. *Linguagens sobre Jesus. Linguagens das juventudes e da libertação*, v. 4. São Paulo: Paulus, 2013.
- LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- _____. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- NODARI, P. C. “O rosto como apelo à responsabilidade e à justiça em Lévinas”. In: *Síntese – Revista de filosofia*, v. 29, n. 94, 2002, p. 191-220.
- NOVAES, R. “Juventudes: políticas públicas, conquistas e controvérsias”. In: BEOZZO, J. O.; FRANCO, C. B. (orgs.). *Juventudes em foco: Por políticas pú-*

- blicas inclusivas, em trabalho, educação e cultura*. São Paulo: Paulus-CESEEP, 2012, p. 39-74.
- MACHADO, J. C. F. *Sexo com liberdade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MACHADO, L. Z. "Gênero, um novo paradigma?". In: *Cadernos Pagu*, n. 11, 1998, p. 107-125.
- MOLTMANN, J. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MUNDIN, B. *O homem, quem ele é*. São Paulo: Paulus, 2001.
- MUSSKOPF, A. S. "Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram". In: *Tempo e Presença Digital*. Disponível em: <www.koinonia.org.br/tpdigital/artigos.asp?cod_boletim=9>. Acesso em: 10 mai. 2014.
- _____. *Via(da)gens teológicas – Itinerários de uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- RUBIO, G. *Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2006.
- RUETHER, R. R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1993.
- SARACENO, C. *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- SOTER. *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Paulinas/Loyola/SOTER, 2003.
- VV.AA. *A Palavra na vida: Hermenêutica feminista e gênero*. CEBI, n. 155/156, São Leopoldo, 2000.

Seção III

Bíblia, teologia e pastoral

3

INTEGRAR A SEXUALIDADE NO NOSSO PROJETO DE VIDA

Marcelo Barros¹

Tornar nosso corpo carente conforme o seu corpo glorioso.

Fl 3,21

Introdução – Sexualidade: assunto incômodo

Na nossa sociedade, a sexualidade é um assunto que, de alguma forma, está presente na maioria dos diálogos, das campanhas de publicidade e principalmente na preocupação das pessoas. No entanto, parece haver o acordo de, sempre que possível, falar sobre ela pela tangente, como quando queremos abordar um assunto importante, mas o incluímos em meio a outros, para parecer que ele não é tão importante. De fato, o mundo atual gira em torno de publicidades eróticas e comercializa a chamada “liberdade sexual”, mas na realidade a sociedade se move de forma esquizofrênica entre liberação e repressão. A sociedade educa as pessoas para desejarem o assédio e, às vezes, até provocá-lo. Por outro lado, a lei assevera que o assédio sexual é desrespeito à liberdade e à dignidade do outro. As pessoas experimentam e praticam atos sexuais de maneiras cada vez mais novas e nem sempre são experiências verdadeiramente humanizadoras e prazerosas. Já os mais velhos, muitas vezes, fingem que ultrapassaram a fase do desejo e vivem as suas carências de forma mais disfarçada e reprimida. Os homoafetivos continuam reprimidos pela maior parte da sociedade.

¹ Marcelo Barros é monge, biblista e escritor. É coordenador latino-americano da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). Autor de diversos livros no campo de Bíblia, ecumenismo, diálogo entre as religiões e ecologia. Seu livro mais recente é *Evangelho e instituição*, São Paulo: Paulus, 2014.

Assim, a sexualidade é tratada como se fosse apenas genitalidade, algo isolado, independente de outros elementos da vida. Numa universidade da Espanha, no último ano de Anatomia, uma professora explicava o funcionamento dos órgãos genitais. Uma aluna perguntou por que as pessoas transam, ou seja, que sentido tem o ato sexual além da função reprodutora. A professora respondeu que só entendia de Anatomia e isso não era assunto para discussão.²

De fato, a explicação sobre os órgãos da reprodução não basta para explicar a sexualidade. Um mestre hindu escreveu que o sexo é a raiz da vida, um instinto básico do ser humano, o mais sexual de todos os seres vivos, porque o homem e a mulher são os únicos animais capazes de vivenciar a sexualidade de forma permanente, em todos os períodos e não apenas na época do cio ou nos dias de fertilidade. Isso já mostra que a sexualidade humana é maior do que apenas o instinto de conservação e reprodução da espécie e diz respeito a todo o seu ser e não somente à genitalidade. O cientista Guy Murchie explica que sexo não é o mesmo que reprodução. “A flor dente-de-leão se reproduz de forma prolífica sem sexo. O sexo é útil para a reprodução porque aumenta as variáveis e a adaptabilidade através da troca de genes, mas vai bem além disso. A conjunção sexual é um processo aleatório, um ato de misturar as cartas do baralho.”³

De fato, a vida afetiva e sexual é assunto delicado porque toca no mais profundo da pessoa. A afetividade e o sexo nos conduzem ao mistério mais íntimo, à identidade de cada ser humano. Ninguém faz essa “viagem” sem alguma parcela de insegurança e mesmo de sofrimento. E no processo de construção interior do nosso ser mais profundo e do nosso projeto de vida, a sexualidade deve, de alguma forma, ser integrada, senão ela pode ser fator de desagregação pessoal e de sofrimentos. Para quem procura viver um caminho espiritual, integrar a sexualidade no seu projeto de vida é, em qualquer tradição espiritual que seja, elemento indispensável. Somente alguém que

² Cf. T. ANATRELLA, *A diferença interdita – Sexualidade, educação, violência*, São Paulo: Loyola: 2001, p. 149.

³ G. MURCHIE, *The seven mysteries of Life*, Boston, Houghton Mifflin Co., 1978 *apud* F. MATTHEW, *Pecados do espírito, bênçãos da carne*, Campinas: Ed. Verus, 2004, p. 85.

consegue assumir e integrar a sua afetividade e sua sexualidade com os outros aspectos do crescimento pessoal consegue realizar um verdadeiro diálogo consigo mesmo e uma abertura profunda às outras pessoas. Por isso, convido vocês a aprofundarmos mais a relação da sexualidade com a espiritualidade. Para isso, veremos como algumas das antigas tradições espirituais da humanidade falam a respeito disso. Nossa perspectiva será sempre macroecumênica, mas como cristãos, olharemos mais especificamente esse assunto na Bíblia. A seguir, veremos rapidamente como o assunto da espiritualidade foi tratado na tradição da Igreja católica, para, finalmente, concluir procurando integrar a sexualidade em nosso projeto de vida e nossa espiritualidade.

1. O corpo e a sexualidade nas religiões antigas

“Desde o começo da história, nenhuma sociedade conhecida existiu sem regras sobre o sexo.”⁴ Nas religiões mais antigas, a divindade é sempre identificada como a fonte da vida e, portanto, da fecundação. Por isso, a sexualidade era considerada o que havia de mais sagrado. No ato sexual, as pessoas sempre entram em relação com essa energia divina presente no universo e em cada ser. Daí que o desejo e mesmo a luxúria eram considerados experiências místicas. As religiões lidavam com a nudez, com o erotismo e os símbolos fálicos e femininos como sacramentos da divindade. Quem até hoje passa em Chucuito, perto de Puno, no Altiplano andino, pode visitar o templo da fecundidade, um terreno pequeno cheio de órgãos sexuais masculinos, de todo tamanho, feitos de pedra, para chamar a força erótica dos deuses e pedir que tornem fecunda a terra, os animais e as pessoas. No Candomblé e em diversas tradições de matriz africana, é comum que as pessoas de cultura ocidental se escandalizem ao ver as estátuas de Exu ou de outros Orixás nus e com o membro sexual ereto. É a forma antiga de mostrar o mais sagrado de sua manifestação. No hinduísmo tântrico,

⁴ D. O. ENDSJO, *Sexo e religião – Dos bailes de virgens ao sexo sagrado homossexual*, São Paulo: Geração Editorial, 2014, p. 13.

a energia sexual e genital é contemplada no segundo chacra, e sua expressão são também o desejo e a luxúria.

A luxúria é uma palavra que, em geral, a minha geração aprendeu a não usar. Era como falar em tesão. Não é assunto para conversas de sala. No entanto, um teólogo atual afirma: “Sem luxúria, nenhum de nós estaria aqui. Foi a luxúria de nossos pais que nos trouxe a esse mundo. Então, a luxúria é sagrada e santa. É o desejo místico e sagrado de se tornar um só com o outro”.⁵

Na Índia antiga, diversas tradições religiosas expressam a sacralidade de tudo o que diz respeito à vida afetiva e sexual. Em algumas poesias religiosas da Índia antiga, é através do desejo sexual que a alma se relaciona com a divindade. Krishna é o deus pastor, como que correspondente ao pastor do Cântico dos Cânticos, objeto do amor apaixonado de suas *gopi*, pastorinhas que se enamoram permanentemente das pessoas e, através do eros, as conduzem ao gozo divino.

No mundo greco-romano, encontramos de tudo. Conforme Clarissa Pinkola Estrés, numa fase muito antiga da Grécia, talvez no neolítico, havia uma deusa do ventre que se chamava Baubo que expressava a mulher selvagem e que algumas feministas de hoje, numa sociedade patriarcal e repressiva, gostam de recordar. Numa sociedade na qual parece que só o homem tem direito a ter desejo e luxúria ou tesão, as mulheres retomam o modelo da mulher selvagem que “*não é comida, mas come os seus parceiros masculinos*”.⁶

Na mitologia grega mais original, o desejo sexual e sua pulsão eram personalizados no deus Eros, filho de Afrodite (para os romanos, Vênus). Os antigos chamavam Eros de “o puro, amável e doce Eros”. Segundo vários autores antigos, “Eros estava entre as divindades mais importantes, ordenadoras do universo, que garantiam a estabilidade do cosmos. Tudo o que existe se rege por Eros. Ele é o verdadeiro e mais profundo mediador entre as divindades e os seres humanos”.⁷

⁵ F. MATTHEW, *Pecados do espírito, bênçãos da carne*, Campinas: Verus, 2001, p. 184.

⁶ Sobre a deusa Baubo, ver C. P. ESTRÉS, *Mulheres que correm com os lobos*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 419 ss.

⁷ Cf. R. VIRGILI *et al.*, *Eros, puro, amabile, dolce: un viaggio tra antichi testi erotici*, Assis: Cittadella, 2009, p. 9.

Hipólito era um jovem com pouco entusiasmo pelo sexo. Simplesmente não se interessava pelo assunto. *“Ele evita o leito do amor e não deseja nada que tenha a ver com o casamento.”* Só quer correr pelas florestas de Troezen, cidade grega da idade do bronze, à caça de animais selvagens. Afrodite, a deusa do amor, odeia Hipólito. [...] O belo efebo acabou seus dias mutilado, ao tombar com a carruagem quando os cavalos que a conduziam se assustaram diante de um monstro, enviado pelos deuses, especificamente com esse propósito.⁸

Nesse relato, vemos como, na antiga cultura grega, a sexualidade era vista não somente como algo positivo, mas o desejo e a prática sexual eram expressões de comunhão entre os seres humanos e a divindade. No entanto, algumas vezes, a literatura idealiza o mundo antigo e nem sempre considera que, numa sociedade marcada pela desigualdade entre homem e mulher, entre cidadãos e os que não eram cidadãos, entre homens livres e escravos, a sexualidade sempre foi a forma mais profunda de exercer o domínio e a exploração do outro. Numa sexualidade vivida dentro desse contexto, o dominador se apropria daquilo que é mais profundo na pessoa do dominado: sua intimidade ou a identidade do seu ser mais profundo. Nas sociedades antigas, por causa dessa estrutura social e política (e é bom ver se isso é muito diferente do mundo de hoje), para a maioria das pessoas – mulheres, mas também não cidadãos ou escravos –, jovens e mesmo crianças, para todos esses, a sexualidade não era e não podia ser um meio de comunhão com a sua divindade interior. Era, pelo contrário, um ato de violência interior e de conquista que revelava a não dignidade da pessoa, propriedade de outra que fazia dela o que melhor desejasse. Por isso, desde os séculos antigos, as escolas de filosofia grega, ao criticar a mitologia e romper com a sua religião, tomavam também posições antagônicas com relação ao corpo e à sexualidade humana.

⁸ A narrativa sobre Hipólito é primeiramente citada na tragédia de Eurípides de 428 a.C., também denominada *Hipólito*. A citação acima é de D. O. ENDSJO, *Sexo e religião*, São Paulo: Reflexão Editora, 2014, p. 11.

Platão criou um sistema complexo acerca do mundo real e do mundo ideal que preexiste na ideia ou substância de cada ser. Isso foi popularizado nem sempre de forma justa. Seus discípulos simplificaram e passaram a ensinar: o corpo é simples invólucro da alma. Certas correntes do neoplatonismo se tornaram responsáveis por um dualismo que considera a alma digna e nobre, enquanto o corpo, ou a matéria, é visto como suspeito. Algumas tendências influenciadas pelo estoicismo, ao propor a *Ataraxia* como supremacia da razão e busca da libertação das paixões, também colaboraram para uma visão negativa do corpo e da sexualidade. No entanto, em geral, nas sociedades antigas, o predomínio sempre foi o da mitologia e dos cultos de mistério, com seus ritos orgíacos e suas práticas da sexualidade como liturgia sagrada. Na cultura grega, já influenciada pelas várias escolas filosóficas dos últimos séculos antes de nossa era, Eros se torna o representante do instinto sexual sublimado. É como a personalização do desejo, como sentimento, mas purificado do que seria o puro instinto, ou o que a psicanálise do século XX chama de *libido*.

É importante sempre compreender essas sociedades a partir da sua estrutura patriarcal e desigual. Na maioria das religiões antigas, principalmente na Ásia, o fato de se considerar o sexo e a prática de atos sexuais como algo sagrado e divino subjugava as mulheres aos homens, criava regras rígidas e absolutas sobre o que era permitido e o que não era. Ao sacralizar a sexualidade, as tradições antigas a tiravam do arbítrio humano. As pessoas deviam cumprir a sexualidade como rito agrário para obter a fecundidade dos terrenos, para garantir felicidade para a casa real. A sexualidade era assim desvinculada, seja do amor, seja mesmo da liberdade pessoal. No mundo antigo, vários cultos eram baseados no que os ocidentais chamaram de “prostituição sagrada”. As hierofantes não eram, em geral, prostitutas, mas deviam se entregar sexualmente durante os êxtases nos templos de Baco, Apolo, Afrodite (Vênus), Deméter e várias divindades do Oriente Médio e do Ocidente antigo.

Isso perdurou por várias tradições medievais. Quem leu as histórias do rei Artur e da Távola Redonda, ou recentemente os romances que contavam a saga de Avalon, lembra-se de como, segundo a espiri-

tualidade celta, o rei tinha de passar uma noite na montanha e viver o orgasmo místico com uma virgem escolhida pelas feiticeiras para unir-se à deusa mãe.⁹

Nas tradições afro, a sexualidade também é uma energia positiva, mas ligada aos Orixás e com regras precisas. Quem se lembra do cinema novo brasileiro recorda-se de que o primeiro filme de Glauber Rocha é *Barravento* (1959). O filme conta a história de uma família de pescadores do litoral norte da Bahia. Conforme a comunidade acredita, não há mais pesca, e eles vão ser substituídos pelos grandes barcos pesqueiros das multinacionais, porque, em uma noite de lua, um rapaz da comunidade que Iemanjá tinha escolhido para si transou com uma moça da comunidade na beira da praia. Agora, Iemanjá, com ciúme e irritada, exigia a vida do rapaz e castigava a comunidade.¹⁰

Essa visão fatalista e trágica de algumas religiões antigas (não me refiro ao candomblé nem às religiões indígenas de hoje) acabava legitimando e divinizando estruturas injustas da sociedade. Ligavam a potência sexual ao poder político e social. Isso foi para o povo da Bíblia um obstáculo que acarretou uma subversão das leis cultuais e um esforço dos profetas bíblicos para dessacralizar a sexualidade e tudo o que estava a ela ligada. Vamos estudar isso no capítulo seguinte.

Na Índia, na Idade Média, um movimento religioso (o *bhakti*) propunha a união amorosa entre a divindade e o fiel. Como essas tradições ainda eram patriarcais e criavam tabus, bem mais tarde, a tradição do tantrismo representou um passo adiante nesse caminho de uma libertação da sexualidade em relação às estruturas patriarcais e escravocratas.

⁹ Cf. M. Z. BRADLEY, *As brumas de Avalon*, v. 1, Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

¹⁰ Essa visão da comunidade negra no filme *Barravento* de modo algum representa a visão de sexualidade e de vida do candomblé ou de alguma outra religião afro-brasileira. É a crença popular daquela comunidade que, por acaso, se expressa na linguagem do candomblé. Do mesmo modo, também não é verdadeiro ou justo incluir o candomblé como religião antiga que faz do sexo tabu. Ao falar das representações do Exu, citei o candomblé apenas como exemplo de que as cosmovisões mais antigas ligam a fecundidade à fonte divina do ser. Do mesmo modo, citei uma expressão da religião dos povos andinos. Além de ser apenas uma entre outras, essa expressão era dos habitantes da região de Puno e Chucuito nos séculos XV e XVI. Não é mais, atualmente.

O tantrismo é uma doutrina criada no século VII, na Índia. Em sânscrito, *tantra* significa *teia*, *rede*. Trata-se de um conjunto de práticas que preparam o corpo e a mente do ser humano para aumentar o conhecimento de si mesmo e da realidade ao seu redor. O tantrismo foi incorporado tanto pelas tradições hinduístas como por algumas escolas do budismo. Tem tantas linhas e orientações que fica difícil resumi-lo. Em geral, os que seguem o tantrismo ligam a energia da sexualidade feminina à deusa Shakti. Ela é a energia ativa e símbolo da matéria. Shiva é o princípio masculino. Não deixa de ser interessante notar que, no tantrismo, o princípio masculino (Shiva) é passivo, portanto, menos importante, e representa o espírito. Então, o mais importante é o corpo e é sempre representado pela dimensão feminina. Portanto, mesmo no mundo antigo, o tantrismo representou uma corrente antipatriarcal e de certa forma feminista. A ioga tântrica e os exercícios de meditação visam despertar e desenvolver a energia da Kundalini, serpente divina, energia sexual que diviniza o homem e a mulher. A união de Shakti e Shiva se dá no ato sexual, e isso é o Samadhi, uma espécie de êxtase místico que prolonga o prazer e une as pessoas a Deus. O tantrismo ensina que o orgasmo não é o mais importante do ato sexual e não deve ser procurado apenas por si mesmo. O prazer místico vai além do gozo meramente genital. Tem de envolver todo o corpo e o espírito, e isso, em geral, se consegue pelo prolongamento do ato sexual, das carícias, do estar juntos mesmo tranquilamente. Quando ocorrem, dizem os adeptos dessa corrente, o orgasmo pode durar horas e horas.¹¹

Para traduzir para nós essa cultura, já nos anos 1970, afirmava Leonardo Boff:

Kundalini é o símbolo da energia cósmica que se revela também no sexo. É o primeiro chacra, o da sexualidade genital. Mas a genitalidade é só o primeiro chacra. A expressão do

¹¹ Quem quiser aprofundar o conhecimento da tradição tântrica, a editora Tharpa (São Paulo) tem vários livros em português escritos pelo mestre tântrico Gesche Keisang Gyatso, como *Solos e caminhos tântricos* e também *Mahamudra Tantra: Uma introdução à meditação tântrica*. Também vale a pena ler o livro do guru Osho, *Tantra, espiritualidade e sexo*, São Paulo: Ed. Madras, 1970.

amor tem a sua dimensão genital, mas não pode se restringir a isso. Deve passar pelos sete chacras do corpo até chegar ao sentimento interior, à expressão da infinitude, da iluminação que capta a dimensão cósmica do amor. Quem faz a ativação desses sete chacras tem uma experiência da totalidade da libido humana.¹²

O budismo surgiu na Índia como uma reação a uma sociedade muito injusta e na qual a sexualidade era vivida no contexto dessas divisões entre castas e classes sociais. Sidharta Guatama, o Buda, era um príncipe e se tornou mendigo e monge. Na sua doutrina ascética, ele é muito crítico com relação aos prazeres da vida e inclusive com a prática sexual. Pregava claramente a abstinência sexual como forma de se evitar a multiplicação das reencarnações e se atingir o Nirvana.¹³

O xintoísmo é uma religião comum no Japão, seguida pela maioria dos japoneses. *Shintô* significa “caminho dos deuses”. Conforme a tradição, nasceu pelo século VI da nossa era. Resume uma prática espiritual vinda de diversas tradições orientais e consiste principalmente no culto à natureza e aos ancestrais. Segundo a espiritualidade xintoísta, o ser humano recebe dos *Kami*, espíritos superiores, um conhecimento superior aos animais. Por isso, não precisa de lei moral exterior ou codificada. No entanto, os espirituais dessa religião pregam regras bastante claras com relação à ética sexual. Ao explicar o ensinamento do xintoísmo sobre a sexualidade, Miyahiro Sadao, proeminente xintoísta japonês do século XIX, declarou:

Os órgãos sexuais são os sinais visíveis de um mandato recebido dos deuses. Os homens nascem equipados com órgãos sexuais masculinos e estes devem ser usados para o propósito para que foram criados, isto é, a procriação, ou seja, para aumentar a quantidade de pessoas em nossa terra. [...] Na verdade, o pênis é uma salvação para honrar a geração

¹² L. BOFF, *Dimensão ontológica da sexualidade*, em Frei BETTO; L. BOFF, *Mística e espiritualidade*, 6ª ed., Petrópolis: Vozes, 2010, p. 259.

¹³ D. O. ENDSJO, *Sexo e religião*, São Paulo: Reflexão Editora, 2014, p. 57.

de descendentes. Qualquer tentativa de evitar que alguém usasse seu órgão sexual masculino (como no celibato) seria um sacrilégio.¹⁴

Não devemos avaliar ou julgar precipitadamente culturas religiosas ou filosóficas às quais não pertencemos, principalmente tradições que têm tantas correntes diversificadas, algumas mais moderadas, outras mais radicais. A partir do século XX, o tantrismo penetrou muito no Ocidente e vários gurus ocidentais ou ocidentalizados o assumiram como proposta de espiritualidade. Sem dúvida, isso foi uma reação ao ambiente pouco aberto, em relação ao sexo, da maioria das religiões ocidentais e também orientais. No entanto, ao se misturar com a cultura individualista e liberal da sociedade ocidental contemporânea, algumas vezes as práticas tântricas foram e são invocadas no que têm de mais externo e até superficial, como aponta uma liberação sexual que insiste em troca de casais, nudismo indiscriminado e experiências sexuais de todo tipo, sem antes ou, ao mesmo tempo, propor algum aprofundamento filosófico ou cultural que fundamente esse caminho da liberação e cuide da integridade física e psicológica das pessoas, principalmente das mais frágeis ou despreparadas para isso. De todo modo, se fôssemos avaliar a contribuição do tantrismo para a história da sexualidade humana, deveríamos reconhecer que deu e dá uma grande contribuição. E nos mostra que é possível considerar a sexualidade como sagrada ou mesmo divina, sem, no entanto, desumanizá-la e tornar as pessoas submissas às divindades do sexo ou ao próprio sexo.

Aqui, vamos aprofundar mais a tradição bíblica e a espiritualidade cristã sobre a sexualidade e a afetividade humanas.

Questões de aprofundamento

1. O que a concepção de sexualidade como algo sagrado, positivo e, ao mesmo tempo, de responsabilidade pessoal pode trazer

¹⁴M. SADAŌ, *Kokucki honron*, traduzido em *La fleur*, 1992, apud *ibidem*, p. 93.

para o modo de ser do seu grupo de amizade e para você mesmo, como pessoa?

2. Desse resumo de como as religiões orientais antigas veem a sexualidade humana, o que você percebe que ficou para a sociedade atual e o que pode ser transformado?

2. A sexualidade na Bíblia judaica

O povo bíblico viveu em meio a povos que praticavam cultos para a fecundidade da terra e os ligavam à fertilidade da mulher. Para as culturas cananeias, em meio às quais surgiu e se desenvolveu o Israel antigo, note-se que a sociedade era patriarcal. A mulher era propriedade do pai e, a partir do casamento, pertencia ao marido. Toda a vida sexual estava orientada para manter, proteger e fortalecer esse tipo de laço social. O que favorecia a propriedade e a estabilidade do clã era legitimado. O que pudesse não favorecer essas instituições clânicas era tabu e devia ser condenado. Assim, a Bíblia chega a recomendar a relação sexual entre o homem e a mulher (cf. Pv 5,18-20 e Ecl 9,9). Permite a poligamia para o homem, já que era uma sociedade patriarcal, mas proíbe a poliandria (a mulher ter muitos homens) e condena o incesto, a relação com animais e mesmo a masturbação e as práticas homossexuais (cf. Ex 22,18; Lv 18,23 e Dt 22,5). O sentido dessas proibições e o seu contexto é o de proteger o clã e garantir a posteridade.

A Bíblia assume os costumes culturais do seu tempo e até os coloca como vontade divina. Alguns dos antigos costumes cananeus foram assumidos e vividos como se fossem normais. No Gênesis, por exemplo, algumas vezes, aparece como forma de juramento colocar a mão “debaixo da coxa do outro”, portanto, no órgão sexual (ver, por exemplo, Gn 24,2; 47,29). Devia ser uma forma de jurar dos cananeus, ligada aos cultos de fertilidade nos quais a sexualidade ocupava um lugar importante. Isso não nega que, “em relação a seus vizinhos, Israel procedeu a uma verdadeira desmitologização e dessacralização da sexualidade humana, da fecundidade e da sexualidade divina. O

casamento se torna não mais um rito divino, mas uma realidade desse mundo terrestre”.¹⁵

2.1. A cultura semita e a corporalidade

Para a antiga cultura semita, o ser humano é carne (*basar*) e faz parte de toda a natureza. Para o povo bíblico, não existe divisão entre inteligência e sensibilidade, entre alma e corpo.

O corpo é a totalidade da pessoa na sua dimensão de relação intersubjetiva, ou seja, de relação com as demais pessoas. A alma é a totalidade da pessoa na sua dimensão de vitalidade e na sua capacidade de promover a vida. O espírito é a totalidade da pessoa na sua dimensão de relação com o divino, na sua ação de deixar-se conduzir pelo divino. De modo que se pode afirmar que, em cada uma dessas dimensões, está sempre presente, de maneira inseparável, a pessoa na sua inteireza, na sua totalidade. A concepção bíblica de unidade da pessoa (corpo, alma e espírito – no hebraico: *basar*, *nefesh*, *ruah*, e no grego: *soma*, *psyché*, *pneuma* – ver 1Ts 5,23) não nos permite separá-la em “pedaços”, como se uma dimensão não estivesse presente na outra, em determinados momentos ou em determinadas situações.¹⁶

Assim, compreendemos melhor que não pode haver espiritualidade sem corpo e sem que todas essas dimensões da pessoa, como a corporal e a sexual, apareçam clara e profundamente. Não existe espiritualidade sem corpo. As pessoas oram com o corpo (os salmos invocam todas as partes do corpo presentes e atuantes na oração). O corpo tem de ser impregnado pela palavra de Deus. Dizia um rabino: “Tu conseguirás

¹⁵ Cf. P. GRELOT, *Le couple humain dans l'Écriture* (Lectio Divina 31), Paris: Cerf, 1962, p. 28-31. A mesma opinião se encontra em E. SCHILLEBEECKX, “Le mariage – Réalité terrestre et mystère de salut”, *apud* J. P. PRÉVOST, *O matrimônio: Realidade terrestre e mistério da salvação*, Petrópolis: Vozes, 1969, p. 187.

¹⁶ Cf. A. ROY, “Tu me deste um corpo”, São Paulo: Paulinas, 2000, p. 100-102, *apud* A. M. GUI-LHERMINA DE JESUS; J. L. M. OLIVEIRA, *Teologia do prazer*, São Paulo: Paulus, 2014, notas de rodapé, p. 33-34.

observar a Torá (a lei divina) se ela se fixar nos duzentos e quarenta e oito órgãos do teu corpo. Se ela não penetra em todo o teu corpo, logo a esquecerás”.¹⁷

Da mesma maneira, “o prazer e o gozo, inclusive quando brotam da relação sexual, não podem ser vistos como consequência do pecado original, mas como ato profundamente humano, querido por Deus, e que contribui para a plena realização humana”.¹⁸

Assumir a corporalidade e mesmo a identidade sexual como sinal da aliança, do casamento com a divindade se torna, assim, um elemento normal nas culturas antigas. Assim, para alguns povos do Oriente e até hoje em algumas tribos africanas, o sinal de pertença ao povo e sinal de consagração à divindade é uma incisão corporal, a circuncisão de toda criança do sexo masculino. Esse rito pode ser visto como de higiene corporal. No entanto, não é só uma questão de higiene. Nas culturas antigas, tudo é, ao mesmo tempo, terapêutico e sagrado. É questão de saúde e, ao mesmo tempo, é religioso. Por isso, na Bíblia, a circuncisão é o sinal da aliança com Deus. Evidentemente, é um rito ligado à cultura patriarcal, mas liga a sexualidade, desde o início da vida, como sinal de pertença a Deus através de um sinal no mais íntimo da masculinidade. O fato de a marca da pertença a Deus estar exatamente no órgão da sexualidade masculina é ligado a uma cultura na qual a relação com Deus era vista como algo íntimo e corporal.

2.2. *A sexualidade nos textos da Torá e nos profetas*

O povo de Israel atribuiu a Moisés a lei. Ele a teria recebido do próprio Deus. Na prática, as leis escritas no livro do Êxodo (o Código da Aliança, Ex 20,22-22,23), no Deuteronômio e no Levítico são leis estabelecidas nas culturas antigas e com algumas evoluções propostas pelos profetas, mas são leis patriarcais, em geral desfavoráveis à mulher. O casamento devia desenvolver-se dentro das relações de parentesco ou entre clãs que queriam se unir. As leis do casamento

¹⁷ Citado por L. MANICARDI, “La vita secondo lo Spirito”, em *Esodo*, out./dez. 2003, p. 30.

¹⁸ B. DE LANVERSIN, “Los fundamentos sagrados del orden de la creación en el matrimonio natural”, apud A. M. GUILHERMINA DE JESUS, J. L. M. OLIVEIRA, *idem*, p. 35.

e da sexualidade, como restrições ao divórcio, eram ligadas a essa preocupação. As comunidades de Israel atribuem essas leis e essa estrutura social a Deus, que eles chamam Adonai (Senhor), para não pronunciar o nome da divindade (JHWH).

Parece que, durante quase todo o tempo do Antigo Testamento, o povo bíblico não se distanciou da cultura que via a divindade como sendo feminina, deusa da fertilidade e do sexo sagrado. Parece que até nos tempos da destruição do templo de Jerusalém por Nabucodonosor (século VI) ainda havia ali uma imagem de Astarté, vista como esposa do Deus bíblico. É importante sublinhar isso para compreender melhor por que os profetas e escritos bíblicos usam frequentemente imagens conjugais para expressar a relação do povo com Deus (ver Jr 2,1-2; Os 1; Os 2,16-21 e muitos outros textos), mas, ao mesmo tempo, silenciam o tema da sexualidade. Nas profecias bíblicas, o casamento não se dá mais entre Deus (Javé) e Astarté, ou outra deusa qualquer, e sim entre Deus e o seu povo. O relacionamento entre Deus e Israel é apresentado como uma união íntima entre seres que se amam. Nessa linguagem parabólica, a comunidade de Israel é representada pela mulher, mas é frequentemente criticada por sua infidelidade à aliança. Para falar do povo infiel a Deus, os profetas o apresentam como se fosse uma mulher adúltera que trai o marido ou uma prostituta que vive atrás de seus amantes (os ídolos ou outros deuses). Um profeta, discípulo de Isaías, sintetiza a tradição da divindade como mulher e fala de Deus como mãe. Nos seus textos poéticos, há várias imagens nas quais a divindade é apresentada como mãe: em 42,14, é mulher que dá à luz; em 49,15, é mãe que ama o filho de suas entranhas; em 63,15, é coração comovido e compaixão; em 66,13, é mãe que consola.

2.3. A sexualidade nos livros sapienciais

Na Bíblia, a sabedoria (*hokma*) é a experiência do saber viver. Trata-se do viver dentro da justiça, na relação comunitária e na harmonia consigo mesmo e com Deus. Os livros sapienciais que a Bíblia hebraica chama de *ketubin*, os escritos, refletem a cultura do povo bíblico em reação à sabedoria helênica e dos povos que o dominavam. Assim

mesmo, os Provérbios contêm vários textos que hoje acusaríamos de machismo. Por exemplo: “Anel de ouro em focinho de porco é uma mulher bonita, mas sem bom senso” (Pv 11,22); “Mulher forte é coroa para o marido. Mulher de má fama é carie para os ossos” (12,4); “Mulher que se queixa é goteira que não para” (19,13); “É melhor morar no deserto do que com mulher briguenta e mal-humorada” (21,19). No entanto, a relação entre homem e mulher é vista positivamente, como bênção divina.

Na Bíblia, o livro no qual a sexualidade é vista de forma mais positiva é o Cântico dos Cânticos. É uma coleção de poemas de amor erótico entre uma mulher e um homem que foi incorporada na Bíblia como fundamental para se compreender a revelação divina. No século I de nossa era, o grande rabino Akibá ensinava: “O mundo inteiro não vale o dia em que o Cântico foi dado a Israel, porque todos os *Ketubim* (os escritos) são santos, mas o Cântico dos Cânticos é o mais santo de todos” (cf. *Yadaim III*, 5).¹⁹ Isso porque é o livro que fala do amor. E do amor em si mesmo, do amor pelo amor. Ali não se alude ao casamento nem à procriação. Apenas à beleza e à dignidade do amor. No Cântico, nunca aparece nenhuma lei, nenhuma proibição. O verbo mais usado é o do desejo: *chamad* – desejar, aspirar. Não há muros, não há contenção para o desejo amoroso. Em nenhum momento existe algo de mau nem violência entre os amantes. Nenhum domínio, nenhuma desilusão. Só o amor (“Eu sou do meu amado e o meu amado é meu”). O corpo aparece como expressão do desejo, e o amor é como uma tatuagem, um carimbo ou selo incancelável – forte como a morte (Ct 8).

“Na Bíblia, o texto mais expressivo a respeito da positividade do prazer sexual é o livro do Cântico dos Cânticos. Nele, o amor humano é apresentado com toda a passionalidade e erotismo que envolvem duas pessoas, que se amam, dentro de um furacão que arrebatou o humano em todos os níveis.”²⁰

¹⁹ Citado por J. P. PREVOST, Cântico dos Cânticos, em VV.AA., *Os salmos e os outros escritos*, São Paulo: Paulus, 1996, p. 180.

²⁰ I. STORNILO, *O mistério do amor humano. O mais belo cântico de Salomão*, São Paulo: Paulus, 2003, p. 9.

Alguns religiosos se espantam de que é o único livro bíblico no qual nenhuma vez consta o nome divino. Apenas num verso no final do livro (Ct 8,6) aparece *Jha*, uma abreviatura do nome divino. No entanto, seus comentaristas sempre ensinaram que, ao trazer tantas vezes o nome Amor, o livro fala sim de Deus.

O que mais chama a atenção nos cânticos é o protagonismo da mulher. É a mulher quem fala em primeiro lugar e quem, de certa forma, desenvolve a história. Embora a tradição atribua a autoria dos Cânticos ao rei Salomão, é possível que o Cântico seja um dos poucos livros bíblicos escritos por uma mulher. A mulher descrita no Cântico é camponesa de Sulan (sulamita) e está apaixonada por um jovem pastor, a quem ela busca e quer encontrar. Seus cânticos de amor são poemas de busca do amado. O ponto de partida é justamente o desejo erótico que ela expressa com imagens orientais muito explícitas. Outros livros bíblicos como Ester e Judite falam de mulheres. Essas mulheres realizam funções sexuais, mas em todos os casos é por uma questão política de libertar o povo, no caso de Judite ou Ester, ou com outros interesses como a suposta prostituta que atrai o patriarca Judá. A mulher do Cântico dos Cânticos é a única que busca realizar o desejo erótico simplesmente porque ama e não tem outro objetivo ou interesse além do amor. Ela se diz negra e vagabunda de amor, atraída pelo amado e totalmente enamorada. O homem se chama simplesmente “meu amado” (*Dodi*) e é buscado pelos vales, campos e pelas cidades. O livro se conclui sempre pela busca e por uma tensão que nunca é plenamente satisfeita.

A tradição cristã privilegiou uma interpretação alegórica na qual a esposa do Cântico é a comunidade de Israel ou a Igreja e o amado é Deus. Além do fato de que a tradição judaica não favorece essa interpretação, seria o único caso em toda a Bíblia em que Israel é vista como esposa e não se diz que ela é infiel, como nos profetas Jeremias e Oseias. Seja como for, o que fica de tudo isso é a revelação bíblica da dignidade do amor e da legitimidade do desejo erótico como expressão do amor e da busca.

O Eclesiastes (Qohelet) insiste na fugacidade da vida. “Tudo é vaidade”. No entanto, aconselha: “Goza a vida com a mulher que amas todos os dias de tua vida, pois esta é a parte que te cabe na vida e

no trabalho com o qual te afadigas sob o sol” (Ecl 9,9). “O prazer na relação de um homem com uma mulher é presente divino e, como deixa bem claro o texto, é a única coisa boa da vida humana.”²¹

Podemos resumir toda a visão do Judaísmo sobre a sexualidade com uma palavra do rabino Salomon Shimmel: “Na Bíblia hebraica, o deleite do prazer físico não é considerado pecaminoso. [...] A vida não é vista como uma luta contínua entre a carne e alguma parte superior a nós. A visão que os textos bíblicos têm sobre o corpo é, em geral, positiva”.²²

2.4. *A sexualidade nos textos do Novo Testamento*

No conjunto de textos do Novo Testamento, a sexualidade não é um assunto central nem é tratada por si mesma. Ao cuidar de comunidades de periferia no mundo greco-romano de regiões como a antiga Ásia Menor (atual Turquia), a Grécia e mesmo Roma, Paulo alude ou escreve diretamente sobre assuntos que tocam a sexualidade a partir dos costumes das comunidades.

No Novo Testamento, as primeiras comunidades cristãs vivem entre dois mundos: a cultura judaica, que para se defender dos povos vizinhos tinha estabelecido uma postura rígida com relação à sexualidade, e a cultura greco-romana (helenista), que, ao contrário, dá aos cidadãos romanos, proprietários de escravos e aos homens ricos do império, pleno uso até sexual de seus servos. Na cultura romana, frequentemente os nobres tinham uma esposa oficial e um efebo ou amante jovem que vivia em sua casa e lhe servia para apetites sexuais que ele não ousava fazer com a esposa. Essa realidade de dois mundos culturais faz com que Paulo e os autores do Novo Testamento naveguem entre a visão judaica que não trata desse problema e a visão greco-romana dos estoicos e outros grupos filosóficos que condenam essa prática romana. Não se trata de condenar atos sexuais e sim o aspecto comercial e opressor do mercado de efebos e de escravos gregos.

²¹ A. M. GUILHERMINA DE JESUS; J. L. M. OLIVEIRA, *Teologia do prazer*, São Paulo: Paulus, 2014, p. 115.

²² S. SCHIMMEL, *The seven deadly sins*, Nova York: The Free Press, 1992, p. 20.

2.4.1. As cartas de Paulo e o ensinamento ético sobre a sexualidade

Como no Oriente Médio, são comuns os cultos em que a relação sexual era usada como forma de consulta à divindade. Paulo insiste em condenar algumas práticas sexuais, para criticar os cultos dos coríntios a Baco e a Afrodite (Vênus); os cultos a Deméter ou Ártemis (Diana); a deusa terra, em Éfeso, e assim por diante. Paulo escreve sobre a sacralidade do corpo. Diz que cada pessoa batizada faz parte do corpo de Cristo. Então, alguém cristão, que se une a uma prostituta, se torna um só corpo com ela e nesse sentido compromete o corpo de Cristo. Paulo não afirma que o ato sexual com uma prostituta seja pecado ou seja pior do que outros vícios, mas ele chama a atenção para o fato de que a relação sexual se dá no mais íntimo da pessoa e envolve o que é mais nosso: o corpo. O fato de que o Cristo nos libertou da lei e do pecado não significa que não tenhamos critério no modo de agir. É como a questão da comida. No Antigo Testamento, havia alimentos considerados puros e outros que eram vistos como impuros. Jesus considerou todos os alimentos puros (cf. Mc 7). Mas e daí? Significa que a gente vai comer sem cuidado nem critério e vai se envenenar porque pode comer de tudo? Do mesmo modo, diz Paulo, “tudo é permitido”, mas nem tudo é conveniente e adequado como forma de viver. “O alimento é para o ventre e o ventre é feito para receber os alimentos e tudo isso caminha para a destruição” (1Cor 6,13). Mas, para Paulo (isso é muito importante observar), o corpo é mais do que um conjunto de órgãos; é mais do que uma máquina; é mais do que sua dimensão terrestre, destinada a desaparecer. Nesse sentido, não é como o ventre e a sexualidade, não é apenas como comer um alimento. É mais do que isso, compromete a pessoa num nível mais profundo. “O corpo é para o Senhor e o Senhor é para o corpo.” Por isso, pelo fato de o corpo ser destinado à ressurreição, ele não pode ser destinado ou entregue à fornicção. A sexualidade humana não pode ficar limitada ao encontro de dois órgãos genitais. É mais do que isso. Pelo fato de sermos parte do corpo de Cristo, a união entre duas pessoas (cristãs) compromete o Cristo. “Vocês não sabem que os corpos de vocês são membros do Cristo? Poderia eu tomar os membros de Cristo para transformá-los em membros de

uma prostituta? Quem se une a uma prostituta torna-se com ela um só corpo” (cf. 1Cor 6,15-18).

É claro que Paulo fala aos coríntios numa cidade que era sede de prostituição sagrada em vários templos e, por isso, quando ele fala da prostituição, não é a mesma que temos hoje na nossa sociedade; nesse sentido, a palavra dele não é adequada ao pé da letra. Mas serve sim para ver a importância que ele dá ao corpo e às relações humanas. No mesmo capítulo, Paulo diz que vários tipos de pessoas viciadas não herdarão o reino divino. Assim, os *pornoi* (em grego, seriam os impudicos, pessoas que praticam imoralidades), os *moiktos* (adúlteros), os *malakoi* (a tradução correta seria afeminados, e não homossexuais), os *arsenokotoi* (sodomitas, ou podia ser traduzido melhor por pederastas).

Aos gálatas e aos romanos, Paulo opõe carne e espírito. A Bíblia Pastoral tem traduzido *basar* (carne) por “instintos egoístas”, o que reduz a carne a algo interior à pessoa humana. Para Paulo, a carne era mais do que isso. Chegava a significar também a estrutura do mundo, o sistema social e econômico contrário ao projeto divino. “Carne é o ser humano viver para o mundo. Uma pessoa do mundo permite que todo o seu ser seja governado pelo mundo, dominado pelos poderes, *do estômago ou do desejo, da indulgência, ou da cobiça*, numa espécie de idolatria (cf. Cl 3,5), como que formando um deus a partir de coisas comuns”.²³

É importante não confundir carne e corpo. Corpo é um termo que se refere à pessoa como que por inteira, como já ficou claro no capítulo anterior. Carne é o que temos de estrutura do mundo interiorizada em nós. Entre as obras da carne, Paulo cita a impureza, a prostituição, as imoralidades, mas isso no contexto da idolatria (Gl 5,18-21).

Do mesmo modo, na carta aos romanos, Paulo faz uma análise de como a sociedade romana decadente está aprisionada ao pecado como um sistema injusto. No capítulo 1, Paulo faz uma lista de vícios dos romanos que vivem a ideologia do Império. Numa primeira lista, fala das questões sociais. Ele cita três aspectos da estrutura iníqua do mundo (romano): a injustiça econômica, a devassidão moral dos costumes

²³ J. A. T. ROBINSON, *The body: A study in Pauline Theology*, Londres: SCM Press, 1961, p. 25.

e a idolatria (Rm 1,19ss). Ao falar da devassidão moral, diz que “as mulheres trocaram o uso normal do sexo e os homens ardem de desejo uns pelos outros” (Rm 1,26-27). No final desse capítulo, vamos falar sobre o contexto e em que sentido ele diz isso. O importante é saber que ele afirma: as pessoas que se comportam conforme a carne, isto é, de acordo com a cultura dominante do Império, não poderão herdar o reino de Deus. Entre os tipos de pessoas que Paulo elenca, sempre constam os que se entregam às desordens econômicas (os avaros), às desordens sociais (os violentos) e às desordens morais. Paulo não está falando de uma tendência sexual ou orientação de vida e sim dos desregramentos dos costumes em Roma.

2.4.2. Os evangelhos e a ética sexual

Nos evangelhos, quase não se fala de sexualidade. No sermão da montanha, Jesus cita como bênção divina, bem-aventurança, *a pureza de coração*, que significa a integridade ou unificação da pessoa em Deus (cf. Mt 5,8). Ainda no sermão da montanha, Jesus radicaliza as regras da justiça. “Se a vossa justiça não for maior do que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus.” E nesse contexto, Jesus diz que não basta não matar. É preciso não odiar ninguém. Diz que não basta não fazer mal ao outro, é preciso nem falar mal. E aí no plano moral, diz que quem olha com desejo ou concupiscência para uma mulher é como se já tivesse adulterado com ela (Mt 5,21). Não se trata de uma proibição do desejo nem de condenação do prazer, mas da afeição da posse – é como desejar a propriedade do outro.

Assim também, quando, nos evangelhos da infância, Mateus e Lucas sublinham a virgindade de Maria ao gerar Jesus, a insistência não é no valor da virgindade no sentido que depois a tradição cristã assumiu, e sim em acentuar a pobreza de Maria. Aliás, ela mesma diz isso em seu cântico: “Ele olhou a pobreza (a condição humilde) de sua servidora” (Lc 1,48). Aos discípulos, Jesus pede que renunciem à família e, nesse contexto, fala em deixar casa, mulher e filhos por causa do reinado divino no mundo (cf. Lc 18,29).

Num texto correspondente (Mt 19,1-12), Jesus defende a mulher e proíbe, por isso, o divórcio. Os discípulos reagem, afirmando que

desse modo, não vale a pena o homem casar-se (sem poder dispor da liberdade de deixar a mulher na hora que quiser). Jesus responde: “Há eunucos que nasceram assim, há os que os homens fizeram assim e há outros que a si mesmo se fizeram eunucos por causa do reino dos céus” (Mt 19,12). Aos discípulos espantados, Jesus revela que uma pessoa divorciada pode renunciar a casar-se novamente por amor ao Reino. Até hoje, algumas Igrejas cristãs usam esse texto para afirmar que os cristãos não podem, em hipótese alguma, divorciar-se. É uma leitura fundamentalista do texto, já que Jesus fala a partir do contexto da defesa da mulher naquela sociedade (que não é a mesma coisa da nossa) e também da iminência do reino de Deus, que, hoje, compreendemos de outra forma.

Também uma antiga tradição da Igreja se apoiou nesse texto (Mt 19,10-12) para justificar o celibato das pessoas que se consagram a Deus. Aqui, Jesus está tratando das pessoas que se divorciaram. Entretanto, o que ele diz pode valer para todos os seus discípulos. Não se trata de renúncia ao corpo ou à atração física, mas de aceitar que diante da iminência do reino dos céus, quem crê é chamado(a) a se desapegar de todos os laços que prendem a pessoa à família, casamento e bens, para se dedicar com totalidade ao testemunho do reino que vem.²⁴

Jesus assume essa tradição e defende as pessoas contra a castração forçada (o caso dos eunucos). No entanto, contraditoriamente, diz aos discípulos que alguns homens se fazem assim (como se fossem castrados) por causa do reinado divino. Subtende-se que esse reino tem tanta urgência em chegar que casamentos e relações de exclusividade e pertença não podem mais ter prioridade na vida das pessoas que se consagram a ele (ver Mt 19). Não é nada contra o sexo em si. É o mesmo tipo de norma que, por um tempo, fazia com que pessoas que entravam em partidos comunistas (por exemplo, na Rússia dos primeiros tempos da revolução) renunciassem ao casamento.

Essa convicção de que o reino está chegando interfere em todas as relações e dimensões da vida, até na vida afetivo-sexual. Está muito presente na forma como Jesus fala do casamento e também no

²⁴ Cf. M. BARROS, *Conversa com Mateus*, São Paulo: Paulus, CEBI, 2002, p. 123.

ensinamento de Paulo (ver, por exemplo, 1Cor 7) sobre as relações humanas. Se “a figura desse mundo passa”, é importante, então, que os que se casam vivam como se não estivessem casados e os que têm mulher, como se não a tivessem. As relações afetivo-sexuais são relações que definem o ser da pessoa e tendem a prendê-la ao aqui e agora. Jesus pede aos discípulos que vivam em função de algo que está por chegar (o reino) e por isso todas as condições presentes são relativizadas. Novamente, vemos aí que não se trata de visão negativa sobre o sexo em si. É a perspectiva da iminência do reino que pede a nós a capacidade de relativizar tudo o que é ainda desse modo de viver mundano – economia, relações afetivas e inserção social – não para rejeitar ou simplesmente não viver, mas para viver em função do reino que vem. Mesmo hoje essa dimensão que a teologia chama de *escatológica*, isto é, a permanente tensão da espera do reino, é uma chave importante, uma espécie de critério, para se viver a afetividade e a sexualidade numa perspectiva evangélica. A sexualidade deve, sim, ser assumida, mas vivida como sinal da espera do reino que vem.

Os evangelhos não são biografias de Jesus.²⁵ Preocupam-se em testemunhar como Jesus anunciou e trouxe para nós o reinado divino. Escritos mais de cinquenta anos depois dos fatos, não contam nada sobre a vida íntima de Jesus. As alusões ao fato dele ter vivido alguma relação erótica ou conjugal com Maria Madalena é conjectura de documentos do século II e III. Alusões a alguma relação afetiva mais particular com João, que a tradição identifica como o “discípulo amado”, não tem nenhuma base histórica. Hoje, a maioria dos exegetas concorda que, no quarto evangelho, a figura do discípulo amado é simbólica e representa o grupo mais fiel da comunidade joanina. Não é uma pessoa. A atribuição dessa figura a João evangelista foi feita no século II e perdurou até nossos dias, mas é meramente hipotética e baseada num texto que foi acrescentado ao evangelho bem posteriormente, na época em que o conjunto do quarto evangelho foi escrito (cf. Jo 21,24).

²⁵ M. BARROS, *Boa Notícia para todo mundo* (Comentário ecumênico ao Evangelho de Lucas), Recife: FASA, 2014, p. 15ss.

Apêndice

O que a Bíblia diz sobre o homoerotismo

Acerca da ética sexual, poderíamos tratar várias questões em particular – o que a Bíblia ensina sobre as relações sexuais, sobre a masturbação e assim por diante. Não parece ser o caso de entrar em minúcias, neste estudo, sobre a relação da sexualidade com a espiritualidade, hoje. No entanto, como a Bíblia tem sido acusada de legitimar posturas e atitudes homofóbicas, é importante analisar mais diretamente como essa dimensão da sexualidade aparece nos textos bíblicos. Aqui já foi mostrado que, no Antigo Testamento, as leis sobre a sexualidade têm em vista não tanto julgar eticamente um comportamento humano e sim salvaguardar a pureza ritual – o cuidado com o sangue derramado – e garantir a função da sexualidade como instrumento de procriação e de organização social de uma sociedade patriarcal.

Aliás, ao abordar a questão de relacionamento sexual entre pessoas do mesmo gênero, é importante tomar consciência de que a própria noção de uma identidade homoerótica é, em grande parte, uma construção contemporânea. O próprio conceito de *homossexualidade* só foi inventado no século XIX. Sexo entre pessoas do mesmo gênero é algo que sempre existiu, mas nem sempre a sexualidade intragênero foi vista como um fator de identidade, como é o caso na sociedade ocidental de hoje.²⁶

Mesmo nos dias atuais, pesquisas revelam que, em vários países da África, homens procuram favores sexuais de rapazes mais novos, mas, tanto uns como os outros, devem ser casados ou casar-se com mulheres. No Paquistão, 49% dos motoristas de caminhão revelaram que, quando estão em viagem, fazem sexo com rapazes, mas são casados e, em casa, se sentem muito bem com suas mulheres. Mesmo na Europa, na Noruega, 14% dos homens que se afirmam heterossexuais se dizem abertos a relações sexuais com outros

²⁶ Cf. D. O. ENDSJO, *Sexo e religião – Dos bailes de virgens ao sexo sagrado homossexual*, São Paulo: Geração Editorial, 2014, p. 154.

homens e uma proporção grande deles já as praticaram ou as praticam.²⁷

As pessoas que fazem leitura fundamentalista da Bíblia usam alguns textos para dizer que a Bíblia, por exemplo, condena a homossexualidade. Mas, em geral, nos textos que aludem a essas questões, o problema é sempre outro e não a homossexualidade em si. Entre os cananeus, era muito frequente a prostituição sagrada. Alguns cultos tinham mulheres prostitutas, mas parece que havia também homens. Por isso, a lei de Israel proíbe que um homem se deite com outro homem: “Se um homem deitar com outro homem como se fosse mulher, ambos cometerão uma coisa abominável” (Lv 18,22). “Serão punidos de morte e levarão a sua culpa” (Lv 20,23). O contexto é o de se defender das práticas cananeias e não tratar do homoerotismo. Tanto é assim que não se fala no caso de mulheres que poderiam deitar-se umas com as outras. Mesmo entre homens, parece que, no decorrer da história, alguns rabinos mais fundamentalistas interpretaram que a relação entre dois homens só seria proibida e condenada à pena de morte se se tratasse de uma relação anal com penetração: “se um homem deitar com outro homem, *como se fosse mulher*”. De todo modo, há quem interprete que alguns textos bíblicos afirmam claramente uma relação especial entre duas pessoas do mesmo sexo, sem que, em nenhum momento, mesmo numa cultura patriarcal tão rígida, ninguém levante nenhuma suspeita. É claro que seria ridículo interpretar ao pé da letra, como se fossem relatos jornalísticos, textos escritos vários séculos depois e com intenções muito diversas de narrar relações apenas pessoais. Para citar dois casos: alguns grupos interessados nesse tipo de leitura tendenciosa de textos bíblicos procurando sinais de homoerotismo pretendem descobrir na relação entre Rute e Noemi uma afeição desse tipo. Conforme o texto sagrado, quando Noemi, viúva e sem filhos, volta de Moab para Judá, diz às suas duas noras para voltarem para o seu país. Mas Rute, a moabita, diz a Noemi: “Não vou voltar e nunca vou deixar você. Aonde você

²⁷ *Ibidem*, p. 155.

for, eu também irei. Onde você viver, eu viverei. Seu povo será meu povo e seu Deus será meu Deus. Onde você morrer, eu morrerei, e somente a morte nos poderá separar” (Rt 1,16-17). Na literatura bíblica, o povo estava habituado a escutar as palavras “até que a morte os separe” para a relação de um homem e uma mulher no casamento, e não de uma nora e uma sogra. No entanto, toda a exegese mostra que o livro de Rute é uma novela escrita no século V antes de Cristo e com a preocupação de mostrar como Deus quer que a fé de Israel e a herança messiânica se abram aos estrangeiros. Nada além disso. Do mesmo modo, nos livros de Samuel, a narrativa sobre a amizade especial entre Davi, ainda rapazinho, e Jônatas, o filho do rei Saul. Diz o texto sagrado: “Quando Jônatas viu Davi pela primeira vez, a alma de Jônatas se apegou à alma de Davi e Jônatas começou a amá-lo como a si mesmo. Nesse dia, Jônatas reteve Davi consigo e não o deixou voltar para a casa dos seus pais. Jônatas fez um pacto com Davi, porque o amava, como a si mesmo”. Jônatas tirou o manto que usava e o deu a Davi. “Também lhe deu suas outras roupas, sua espada, seu arco e o cinturão” (1Sm 18,1-4). Esses sinais do seu amor, naquela cultura, significavam a entrega de sua própria vida ao outro. Dar ao outro esses sinais era firmar uma aliança de amor que a Bíblia interpreta como fraternal e de amizade, mas quem quer ler de outra forma aproveita uma leitura fundamentalista dos textos. Os dois rapazes compreendem terem feito um “pacto sagrado”, isto é, tendo Deus como mediador. Quando o rei Saul começa a perseguir Davi, várias vezes, Jônatas salva o seu amigo da morte e, para protegê-lo, leva-o consigo para o campo, longe da cidade do rei (cf. 1Sm 20,11). Mais tarde, quando na batalha do monte Gelboé, Jônatas morre, Davi chora e faz um cântico de lamentação pelo seu amigo. E nesse cântico ele exclama: “Jônatas, sua morte me rasgou o coração. Jônatas, meu irmão, como sofro por você. Como eu lhe queria bem. Para mim, o seu amor era mais precioso do que o amor das mulheres” (2Sm 1,23-24). Na tradição judaica e cristã, esses textos escritos depois do exílio da Babilônia foram redigidos para insistir na relação entre os diversos clãs, aqueles que se sentem descendentes de Davi e os descendentes de Saul e Jônatas. A insistência é no pacto de amizade entre tribos ou

clãs, e não tem nenhuma pretensão de contar apenas a relação entre dois personagens mais antigos.

De todo modo, as relações sexuais entre dois homens sempre existiram e, na tradição judaico-cristã, se convencionou chamar isso de *sodomia*. O termo se refere à lendária cidade de Sodoma e ao relato que está no livro do Gênesis, cap. 19. Conforme esse texto, dois anjos (isto é: mensageiros de Deus) chegaram a Sodoma, e Ló os recebe em sua casa. Durante a noite, os habitantes da cidade cercam a casa e pedem que Ló lhes entregue os visitantes “para que nos deitemos com eles”. Ló tenta convencê-los a não fazer isso e chega a oferecer suas duas filhas virgens para satisfazê-los, mas eles insistem em violentar os visitantes. Não sabem que estes são anjos e que os castigarão destruindo a cidade. Essa narrativa é o que na Bíblia se chama “relato etiológico”, isto é, um conto para narrar a origem de um fenômeno natural. Nesse caso, a história de Sodoma serve para explicar por que o Mar Morto é morto, isto é, salgado e sem peixes. No caso da explicação do Gênesis, a história condena a quebra da hospitalidade que é sagrada, e não a questão sexual (homo ou heterossexual). Nenhum texto bíblico se refere a Sodoma e Gomorra como cidades homossexuais (ver, por exemplo, Ezequiel 16,49-50. Aí, o profeta critica as cidades, mas não conhece essa razão).

Do mesmo modo, no Novo Testamento, as pessoas que fazem leitura fundamentalista da Bíblia recorrem a São Paulo para condenar a homossexualidade. Vamos tentar compreender melhor o pensamento de Paulo. No mundo da época (do Novo Testamento), era muito comum que o escravo grego ou estrangeiro fosse castrado para poder servir na casa dos senhores. Era o tipo mais comum de escravo. Chamavam-se *eunucos*. Esse também era o termo usado para o prostituto sagrado ou o vidente assexuado ou afeminado, considerado por isso mesmo possuído pela divindade. Vários impérios antigos, como o dos assírios, babilônios e mesmo, por algum tempo, os romanos castravam meninos pequenos para os tornarem eunucos, isto é, escravos de dentro de casa. Mais tarde, na Idade Moderna, até o século XIX, em várias capitais europeias se fazia isso para ter cantores de vozes finas nos conservatórios e corais de Viena, Roma, Paris, Madri ou Londres.

Desde seus primeiros textos, a Bíblia sempre condenou toda amputação humana e mais ainda essas formas de castração (cf. Dt 23,2). Não é honesto ler textos bíblicos que se referem a eunucos como se se referissem a pessoas que vivem hoje relações homoeróticas.

Nos anos 50 da nossa era, Paulo fundou comunidades de discípulos de Jesus nas sinagogas de algumas cidades gregas, como Corinto, Éfeso, Tessalônica, Filipos e outras. Nessas cidades, as comunidades cristãs eram constituídas por pessoas, em sua maioria, de periferia e classes mais pobres. “Vejam, irmãos e irmãs, a comunidade de vocês. Entre vocês, não há muita gente estudada nem nobre, mas Deus escolheu o que não tem nenhum valor para o mundo a fim de confundir aqueles que se acham de valor” (1Cor 1,26ss). Então, nessas comunidades, devia ser comum que as pessoas convivessem com eunucos e escravos jovens obrigados a servir sexualmente a seus senhores. Paulo quer libertá-los dessas amarras. Para isso, era necessário desafiá-los a criar coragem e romper com aquela cultura. Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo alude a esse assunto no capítulo 6. É todo um capítulo sobre a justiça. Começa pedindo que as pessoas da comunidade não processem o irmão nos tribunais do Império, mas saibam resolver seus problemas na própria comunidade. E é nesse contexto que Paulo escreve: “Vocês não sabem que os injustos não herdarão o reino de Deus?” (1Cor 6,9). E para explicar isso, ele continua: “Não se iludam! Nem os imorais, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados e sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os caluniadores herdarão o reino de Deus” (1Cor 6,9-10).

Por que os idólatras seriam injustos? E os adúlteros, depravados, efeminados e sodomitas? Não estaria tudo isso ligado aos cultos que, em Corinto, praticavam prostituição cultural? Algumas traduções de Bíblias trazem “homossexuais”, mas os termos gregos usados nessas passagens (*malakoi* e *arsenokoitai*) poderiam melhor ser traduzidos por *afeminados*, o que não é a mesma coisa que homossexual. Na época, os afeminados ou eunucos eram os rapazes que eram profissionais como efebos e amantes de homens ricos como uma espécie de prostitutas (cf. 1Cor 6,9). Podemos também compreender essas passagens

como uma crítica a pessoas que fazem do coito uma idolatria. Ainda há outro texto (1Tm 1,8-10) que condena pederastas, isto é, homens que transam com rapazes mais jovens.

Na carta aos romanos (Rm 1,19ss), Paulo alude ao costume depravado dos homens dormirem uns com os outros e não com as mulheres. O contexto, como já foi explicado no capítulo sobre o Novo Testamento, é a crítica de Paulo à depravação do império, depravação que Paulo descreve como sendo econômica, social e moral. Os escravos gregos e efesos eram obrigados por seus proprietários a transar com eles. É isso que Paulo condena, e não a homossexualidade em si (ver Romanos 1,24-25). O argumento de Paulo é que a transa de homem com homem é contra a natureza. Mas em 1Cor 11, ele também diz que mulher cortar cabelo é contra a natureza (o termo é o mesmo). Hoje, não podemos repetir esse argumento.

O ensinamento de Paulo sobre a sexualidade se resume à importância dada ao corpo. Justamente, no capítulo 6 da Carta aos Coríntios, ele encerra o assunto afirmando: “Vocês não sabem que o seu corpo é templo do Espírito Santo, que está em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês já não pertencem a si mesmos. Alguém pagou um preço alto pelo resgate de vocês. Portanto, glorifiquem a Deus no corpo de vocês” (1Cor 6,19-20).

Questões de aprofundamento

1. A partir de como a Bíblia fala da sexualidade, como você insere em sua relação com Deus o seu jeito de ser e sua identidade afetivo-sexual?
2. No seu grupo de amizade, de pastoral ou de paróquia, como contribuir para que os ensinamentos evangélicos e neotestamentários sobre a sexualidade possam ser assumidos de modo atualizado e libertador?

3. A sexualidade na história e no pensamento cristão

O Cristianismo se inseriu no Império Romano e teve de se expressar para comunidades e povos que pensavam a partir da filosofia neopla-

tônica e de culturas orientais ocidentalizadas. No século V a.C., Platão elaborou sua filosofia, que privilegiava a alma e o mundo das ideias preexistentes e considerava a matéria e o corpo algo menos digno. Em *Fédon*, chegou a afirmar:

Parece que, enquanto estivermos vivos, continuaremos mais perto do conhecimento, se evitarmos ao máximo todo contato e associação com o corpo, exceto quando tal contato for absolutamente necessário e, em vez de nos infectarmos com a sua natureza, nos purificarmos dela, até o próprio Deus nos libertar [...] O corpo (e principalmente o sexo) perturba a alma e a impede de alcançar a verdade.²⁸

Essa visão negativa sobre o corpo e especificamente sobre a sexualidade se estendeu sobre as Igrejas, especialmente no Ocidente. A moral sexual é um tema sobre o qual há praticamente uma espécie de ecumenismo ou certa unidade e acordo entre as Igrejas. Elas estão divididas e têm posições diferentes quanto à doutrina, à liturgia, à disciplina eclesial, à ética social e assim por diante. Entretanto, quando se fala de ética sexual, salvo algumas exceções e posições pessoais de pastores, as Igrejas têm posições comuns e se identificam no mesmo conservadorismo. Isso se deve provavelmente ao fato de que todas vêm do mesmo ambiente cultural.

3.1. *Nos tempos antigos*

González Faus escreve que a Igreja católica nunca disse que o sexo é mau. De fato, explicitamente, não disse, mas, durante quase toda a sua história, sempre teve uma atitude de suspeita e rejeição para com a sexualidade, em geral. A tradição católica e a das Igrejas orientais dizem até que o casamento é um sacramento de Deus. É sagrado. A Igreja católica sempre defendeu o direito de os esposos viverem a união sexual, mas, na prática, quase sempre tinha a mesma cultura de olhar o corpo como mau e a sexualidade como algo suspeito.

²⁸ Citado por F. MATTHEW, *Pecados do Espírito, bênçãos da carne*, Campinas: Verus, 2004, p. 35.

No século II, um grupo de cristãos (encratistas) considerava o casamento mau. Taciano chegou a negar o batismo às pessoas que fossem casadas. O conjunto da Igreja não aceitou essa doutrina, mas sempre considerou a virgindade e o celibato mais importantes ou espirituais do que o casamento, até que o Concílio Vaticano II afirmasse a santidade como vocação universal, a ser vivida por cada batizado e batizada, nas mais diversas condições de vida (*Lumen Gentium*, cap. IV).

O pessimismo com relação ao corpo já foi, de certa forma, corrigido por Tomás de Aquino no século XIII. A teologia tomista nos ensina a crer na supremacia da alma sobre o corpo, mas valoriza o corpo e a matéria. Santo Tomás ensinava que o ato sexual é natural e lícito (Suppl. q. 41, a. 3, ad 3). No entanto, devido ao próprio fato de que a cultura vigente era patriarcal e legitimava a supremacia dos senhores, essa visão de tipo mais positiva sobre o corpo não mudou muito a forma como dentro da Igreja se compreendia a sexualidade. Santo Tomás insistiu no conceito da lei natural. Para ele, a lei natural (isto é, como a natureza nos fez) supõe que sexo é sempre relação, relação entre sexos diferentes (a homossexualidade seria contra a natureza) e essa relação entre homem e mulher deve ocorrer sempre dentro do contexto do matrimônio.

3.2. A partir do Concílio Vaticano II

A partir de Santo Tomás (século XIII) até o Concílio Vaticano II (de 1962 a 1965), não houve mais nenhuma mudança substancial na forma como a doutrina da Igreja católica encarou a sexualidade. Talvez valesse a pena citar uma encíclica do papa Pio XI (1931) chamada *Casti Conubii*. Nela o papa escreve que a finalidade principal do ato sexual no casamento é a procriação, mas reconhece que “o fortalecimento do amor mútuo” entra nos fins secundários do casamento. Essa mesma doutrina é reproduzida, mesmo depois do Concílio, por João Paulo II na carta *Familiaris Consortio* e no documento *Donum Vitae*, da Congregação da Doutrina da Fé.

O Concílio Vaticano II inova em alguns pontos fundamentais:

- a) Equipara na vocação universal à santidade de todos os batizados, os diversos estados de vida, o dos leigos e leigas, consagra-

dos ou não, dos religiosos e o dos presbíteros celibatários (cap. V da LG, 100-114). Deixa, portanto, de colocar virgindade e celibato acima do estado matrimonial e ainda contempla a vocação à santidade de viúvos e solteiros (LG 107).

b) Abandona a antiga doutrina dos fins do matrimônio: o fim primário, a procriação, e como fim secundário, servir de remédio à concupiscência. O Concílio coloca o amor conjugal como o único fim do matrimônio (GS 354-356).

c) No âmbito da fecundidade, propõe como princípio norteador a paternidade e a maternidade responsáveis (GS 357-359).²⁹

O fato é que, após o Concílio, ficou claro para os católicos que a meta da espiritualidade é a construção do ser humano maduro. A partir do Concílio, muitos ambientes eclesiais começaram a ter nova percepção acerca do ser humano e da liberdade pessoal. Essa abertura se deu até por causa de uma visão mais bíblica da fé. Nas Igrejas evangélicas, as posições mais abertas do Conselho Mundial de Igrejas favoreceram essa mudança. Tanto católicos como evangélicos buscaram uma ética cristã que levasse mais em conta a pessoa e que superasse a antiga rejeição do corpo (comum no platonismo e no neoplatonismo de Santo Agostinho), ultrapassando uma noção de lei natural que, no fundo, é pouco humana, pois apela para o determinismo e não para a liberdade, para a natureza e não para a pessoa. A característica do humano é a cultura, o desenvolvimento para além daquilo que simplesmente é natural. O critério da ética sexual tem de ser outro.

Na Igreja Católica, depois do Concílio Vaticano II, o critério moral passou a ser a dignidade da pessoa humana, sua liberdade interior e sua edificação como pessoa. O que ajuda a pessoa a se sentir inteira e realizada como pessoa é bom e o que prejudica isso é considerado mau. O critério tornou-se a realização da pessoa e o crescimento do indivíduo no sentido da sua autorrealização e dentro do respeito ao

²⁹ Depois do Concílio, na encíclica *Humanae Vitae* (1968), o papa Paulo VI acata o ensinamento do Concílio sobre "o sentido do amor matrimonial, assim como o princípio da paternidade e maternidade responsáveis", mas ao querer indicar os métodos válidos para o exercício dessa paternidade e maternidade responsáveis, restringiu-os aos meios até então considerados naturais.

outro em sua dignidade. A palavra de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância” (Jo 10,10) também vale para esse nível da vida pessoal. É importante a pessoa se realizar como pessoa e ser feliz. De acordo com esse critério, é ético o que me faz mais feliz e respeita o outro com um sentido de visão integral da vida. É claro que nem sempre é fácil definir o que faz mal à pessoa, se cada ser humano é diferente do outro. Às vezes, algo que é inadmissível para um não é para outro. Algo que choca alguém é recebido naturalmente por outro. Como saber o que realiza profundamente a você e ao outro? O critério seria o desejo do momento? Um elemento a discernir em toda a questão é se a pessoa envolvida por tal situação consegue manter certa unidade interior. Certos problemas afligem, mas não fragmentam a pessoa interiormente. Outros dividem a pessoa profundamente e a quebram por dentro, como os exercícios perversos da sexualidade, hoje aceitos em certos ambientes amorais. Esse tipo de situação, que quebra a pessoa interiormente, deve ser considerado negativo e ser evitado.

Para os cristãos, um critério moral importante deve ser, então, “atingir a maturidade em Cristo”. Nesse sentido, González Faus tem razão quando raciocina que a Igreja prega uma moral, mas não propõe uma mística. Somente uma opção espiritual de seguimento de Jesus e de unificação da vida em Deus é capaz de nos ajudar a viver no cotidiano e de modo sério e mais adulto uma opção sexual amadurecida e humana.

Algumas consequências e conclusões

Sobre a questão da sexualidade, em geral, muitas vezes, na sua história, o cristianismo e outras religiões têm contribuído mais para aumentar a fragilidade e a angústia das pessoas do que unificá-las espiritualmente no caminho de uma plena humanização e santidade. Muitas pessoas de boa vontade, crentes e não crentes, desejam que os ministros religiosos e as hierarquias eclesiais possam, como Jesus fez com as pessoas do seu tempo, testemunhar o amor de Deus para com todos, defender a dignidade e o direito de cada pessoa ser quem é e viver sua sexualidade de forma mais unificada e pacífica

num clima de veracidade e crescimento interior. Se, em todo ser humano, a carência afetiva e o instinto sexual já provocam naturalmente certa tensão, uma moral eclesiástica rígida e inflexível causa ainda mais constrangimento e dor porque emite um julgamento moral, um interdito que é duro, rígido e, ao mesmo tempo, irreal. Não leva em conta a vida como ela é e o direito das pessoas serem o que são. Elas são deixadas na angústia, sem ter como libertar-se dessa tensão. É realmente o contrário de uma verdadeira atitude espiritual, que parte do respeito à realidade da pessoa e da possibilidade de cada um evoluir dentro da sua veracidade interior. Em uma de suas cartas, Paulo insiste que “foi para que sejamos livres que o Cristo nos libertou” (Gl 5,13). Por isso, é importante afrontar essa questão com sinceridade e retirar todo o entulho de preconceitos e opressões. É urgente falar disso com sinceridade e ter uma nova atitude de abertura espiritual.

4. Para integrar a sexualidade em nosso caminho espiritual

Quando se quer caminhar, é bom ter claro de onde se parte e para onde se quer ir. No processo da construção do ser interior, também é preciso levar a sério o ponto de partida, ou seja, a realidade das pessoas em sua identidade e sua intimidade afetiva e sexual. Ao falar do plano social e econômico, Dom Helder Camara dizia: “Não adianta pregar o Evangelho a um estômago faminto. Primeiramente, temos de alimentá-lo”. A mesma coisa se pode dizer de alguém faminto afetivamente. Primeiramente, é preciso amadurecer afetivamente e só depois se pode pedir uma opção mais madura no campo afetivo-sexual. A espiritualidade não pode ser justaposta como uma capa que esconde a falta de estrutura humana básica. A Palavra de Deus deve atingir todo o ser humano: corpo, alma e espírito. A espiritualidade deve levar a sério a estrutura física e psicológica de cada pessoa, para ajudá-la a tornar-se “adulta em Cristo” e capaz de uma consagração mais profunda. Como tornar maduro espiritualmente alguém afetivamente carente?

4.1. A força da energia sexual no ser humano

Uma das figuras mais marcantes dos séculos XIX e XX foi Sigmund Freud (1856-1939). O inventor da psicanálise fundamentou sua teoria na força da *libido* e na importância do inconsciente para a pessoa. Seus estudos pioneiros sobre Eros e Tânatos, o instinto de vida e o instinto de morte, ou destruição, ainda hoje têm muitos seguidores. Um de seus discípulos, embora dissidente, foi Wilhelm Reich, médico e psicólogo austríaco. Nos anos 1950 e 60, Reich publicou a sua teoria da terapia pela libertação do prazer. Ele insistia que a energia sexual é absolutamente fundamental e central na vida humana. A imensa maioria dos traumas e dos problemas humanos, seja emocionais, seja sociais e políticos, vem, diz Reich, da repressão sexual e da impossibilidade de as pessoas viverem de forma positiva a sua sexualidade e, especificamente, o prazer (o orgasmo). Reich não pensava que isso se devia a algum condicionamento genético ou fisiológico. A culpa disso era da repressão social e política. Ele estava convencido de que a repressão sexual é, em última instância, cultural e política. Existe na sociedade, em todos os países, uma verdadeira “miséria sexual”. As neuroses, nas relações humanas, as perversões e mesmo os delitos sexuais de todo tipo são manifestações da miséria sexual da sociedade e, nela, das pessoas. Por outro lado, a libertinagem, a pornografia, a exploração comercial do sexo e a despersonalização da mulher ou do homem reduzidos a objeto sexual são fatores que só aumentam e sustentam a repressão sexual e alimentam a sociedade patriarcal opressora. Então, a proposta dele é de libertação dessa repressão, mas através de um processo interior de profunda individuação, de assumir a própria sexualidade, com seus desejos, carências e expressões próprias, e de haver comunicação grupal em liberdade com relação ao corpo e ao convívio com as pessoas mais próximas. Ele afirmava que 90% das mulheres e pelo menos 60% dos homens estão psiquicamente doentes porque são sexualmente perturbados e incapacitados (pela sociedade repressora) de experimentar a satisfação (o orgasmo). Reich culpava o capitalismo patriarcal e machista como grande cul-

pado dessa chaga da humanidade e via toda repressão sexual como sintoma e resultado desse sistema econômico.³⁰

A terapia somática (do corpo) foi muito criticada pelas Igrejas e por várias outras entidades. No entanto, ela teve o mérito de mostrar como a sexualidade é um assunto central na vida das pessoas e da sociedade. González Faus, teólogo católico espanhol, escreveu um livrinho no qual explica: “a força do sexo é, em geral, superior ao ser humano e desautoriza a razão iluminada que se acredita capaz de dominar todas as dimensões humanas”.³¹

Em nossos dias, o biólogo Lyall Watson traz uma explicação diferente de Reich. Ele atribui a maior parte da violência da humanidade ao sexo, pois acredita que nosso código genético exige que reproduzamos, custe o que custar. Ele afirma:

O assunto que mais ocupa o grande cérebro do macaco nu e toma a maior parte de sua mente e do seu tempo, fluindo para quase todas as outras atividades, é o sexo. [...] Nosso sentido de beleza, nossa capacidade para o amor, nossa tendência generalizada de sermos ciumentos e agressivos, até nossa pretensa inteligência, todas as coisas que parecem tornar nossa espécie tão especial são consequências naturais de nossa preocupação com o sexo. [...] Somos os primatas mais dependentes do sexo e, embora isso possa parecer um desenvolvimento de decadência recente, vale a pena lembrarmos que a situação já se estende desde milhões de anos.³²

Durante séculos, a sexualidade parecia algo simples e se diferenciava no sexo masculino e no sexo feminino. Hoje, tudo isso está em questão. Nada é simples. Há milhões de anos, o sexo que dominava

³⁰ W. REICH, *La irrupción de la moral sexual*, Buenos Aires: Homo Sapiens, 1973, p. 34ss. Além desses, é bom também rever outros livros de Reich, como *A revolução sexual*, São Paulo: Livraria Moreira, 1980; *A função do orgasmo*, Titanic Livros; *Escuta, Zé Ninguém...*

³¹ J. I. G. FAUS, *Sexo, verdades e discurso eclesialístico*, São Paulo: Ed. Loyola, 1999, p. 10.

³² Citado por F. MATTHEW, *Pecados do espírito, bênçãos da carne*, São Paulo: Verus, 2004, p. 186.

os seres humanos tinha expressões diferentes da sexualidade de hoje. Dizem os estudiosos:

No princípio, o sexo não era dividido em dois. Na era pré-cambriana, há mais ou menos um bilhão de anos, não havia no mundo nem macho nem fêmea. O ser andrógino de Platão é hoje uma constatação da ciência. Por essa herança e de alguma forma, todo ser humano é potencialmente bissexual. Tem mais do que uma dimensão masculina e feminina dentro de si. Tem ao mesmo tempo uma espécie de apelo que vem de ambos os lados. Embora o comum seja que, por causa da cultura e da educação se crie uma sensibilidade que só permite a cada pessoa escutar um dos lados (o outro é simplesmente ignorado e, pouco a pouco, como que atrofiado ou exaurido exatamente por nunca ter sido escutado interiormente), potencialmente a diferença entre os dois gêneros não nega uma identidade comum. E essa identidade está inscrita inexoravelmente nas células sexuais, que são muito persistentes. São *praticamente imortais*. Vivem, de geração a geração, *sem morrer, sendo passadas de pai para filho*.³³

Assim se expressa outra especialista em biologia:

A ciência mostra diferenças entre a constituição sexual do homem e a da mulher, mas existe também uma identidade ou semelhança básica. Há uma continuidade entre o desenvolvimento de um e de outro. O homem e a mulher têm a mesma constituição física e as diferenças anatômicas de ambos os sexos existem, mas são mais aparentes do que reais. No embrião, existe uma total ambivalência com relação aos tecidos germinais, aos órgãos acessórios da reprodução, à região pélvica e escapular, omoplata, cabeça do úmero e clavícula.³⁴

³³ G. MURCHIE, *The seven mysteries of Life*, Boston: Houghton Mifflin Co., 1978, p. 150.

³⁴ A. OAKLEY, *La Mujer discriminada*, Madri: Debates, 1967, p. 19.

Diante dessa constatação da ciência médica e biológica, é importante que as pessoas que estudam a ética e a moral possam tirar consequências disso para ajudar as pessoas a viver melhor, ser mais felizes e construir seu destino a partir dessa realidade.

4.2. Partir da realidade de cada pessoa

O diamante vem do carvão de pedra. Deve-se raspar e purificar o carvão, para que o diamante apareça embaixo ou dentro da pedra, como um carvão que há milhões de anos vem sendo petrificado. Sendo assim, se a pessoa quer ter um diamante, tem de aceitar o carvão como ele é. Poderíamos comparar: na questão afetiva e sexual, para se chegar ao diamante, temos de partir do carvão. Não estou dizendo que a sexualidade é o carvão e o amor é o diamante. A sexualidade pode ser o próprio diamante. A comparação é com formas primárias de atração e ação sexuais. A atração sexual não tem em si nada a ver com amor. Alguém se sente atraído sexualmente por uma pessoa que não conhece nem nunca viu. Isso é legítimo e humano, mas não leva a um caminho de maior humanização. Viver a sua sexualidade apenas neste nível é talvez melhor do que simplesmente reprimir o desejo. A pessoa em questão não deveria usar o outro ou explorá-lo sexualmente como se fosse mero objeto. Mesmo se este aceitar ou topa (por exemplo, por dinheiro), isso não deixa de ser um modo de exploração, tanto que na lei de quase todos os países, se isso se faz com menores de idade, é considerado crime. Mas mesmo se pessoas de maior idade podem se defender melhor, quando há pressões econômicas, sociais ou afetivas, a relação não é justa. Quando as duas pessoas querem livremente fazer sexo e esse encontro ocorre com respeito à dignidade de cada uma e às exigências de justiça, esse ato sexual pode ser eticamente válido e positivo. Nenhuma religião ou tradição espiritual deveria condená-lo. Entretanto, cada um dos parceiros desse tipo de encontro sexual sairá sentindo-se sempre sozinho e carente, mesmo depois de satisfazer o instinto. Por isso, é importante sempre visar um caminho de amadurecimento humano e espiritual. Em alguns casos, esse caminho pode levar a um esforço de sublimação do desejo e a um realismo maior consigo mesmo e com os outros. É preciso assumir

as carências e as formas de amor erótico. Não apenas para satisfazê-las a cada momento que elas nos dominam, e sim para elevá-las até a dimensão do amor gratuito e oblato. Este é o mais puro dom de Deus. Não se trata de um princípio de contenção ou de negação do valor da relação sexual. Pelo contrário, trata-se do cuidado de não banalizá-la. É preciso inserir a sexualidade em um projeto maior, colocar a sexualidade como elemento de uma utopia realizável: o da realização em nós do homem e da mulher novos e renovados dos quais falam tanto o Novo Testamento como o socialismo.

Se a realidade é essa, assumir essa complexidade da pessoa e da sexualidade humana supõe a humildade de se saber frágil e lidar com uma força que nem sempre dominamos totalmente.

Devemos evitar dois erros ou tendências exageradas: não podemos nos comportar como se já tivéssemos superado a fase das carências e tivéssemos nos graduado no que diz respeito ao total autodomínio de nossas pulsões. Por outro lado, também não podemos cair na farsa de tratar a sexualidade de modo leviano, como se fosse brincadeira e assunto restrito a piadas. Menos ainda podemos ceder a uma espécie de fatalismo de quem pensa: eu sou assim mesmo e não tenho o que fazer. Como uma pessoa viciada em sexo que se conformasse com sua dependência.

É preciso sempre partir do princípio de que, em nós e nas outras pessoas, a sexualidade merece respeito e pede cuidado positivo que ajude cada um de nós a sermos nós mesmos e a nos sentir bem conosco.

O ponto de partida de qualquer caminho de espiritualidade humana é a pessoa assumir sua realidade e viver o que em si é carência e realidade atual, mas de uma forma que respeite a si mesmo e às outras pessoas. A sexualidade é sempre, dentro de nós, uma força misteriosa, impulsiva e nem sempre integrada em nossa forma de viver as relações humanas. Quanto mais conseguirmos nos integrar, mais seremos tranquilos e capazes de viver com os outros um caminho de humanização. Quanto mais a pessoa fica interiormente dividida, menos conseguirá consagrar-se a alguma coisa. Por isso, pode ser mais compatível com a consagração uma masturbação ou uma rela-

ção sexual mesmo menos integrada ou integradora do que um *tesão* duradouro e angustiante que deixa a pessoa permanentemente tensa.

Frei Timothy Radcliff, ex-mestre geral dos dominicanos, numa carta a seus confrades, abordou a questão da vida afetiva nos conventos:

Não basta dizermos que temos de tomar mais cuidado com as pessoas que recebemos nos conventos. Será que o fato de recrutar somente jovens equilibrados e sem desordens afetivas aparentes será garantia de que tudo vai melhorar e andar bem? Será que esses jovens tão equilibrados estarão dispostos a dar a vida pelos outros? [...] Será que, apesar de ser tão inteiros, aceitarão comer e beber com as prostitutas e pecadores, como Jesus fez e ensinou? Tenho receio de que sejam limpos e abstinentes demais.³⁵

O antigo mestre dos dominicanos diz que, para uma vocação religiosa, é melhor ter pessoas que amam de forma imatura e desordenada do que pessoas que não amam, ou só amam profundamente a si mesmas.

A meta espiritual que Deus pede de cada pessoa não é a mesma que pede a outro que tenha história e estrutura interior sexual e afetiva diferentes. O amadurecimento em Cristo pode ter várias expressões. Há coisas que precisam ser vencidas em todas as pessoas porque as desumanizam. É preciso superar uma maneira de realizar o instinto sexual meramente fetichista, na qual o prazer é um bem descartável. Mas isso é um caminho, um processo, e o importante é que a pessoa se sinta crescendo.

4.3. *Integrar a sexualidade a um projeto de vida*

Para integrar a sexualidade num projeto de vida, o pressuposto é que se tenha claro esse projeto de vida. Isso que aqui está sendo chamado de “projeto de vida” tem diversos aspectos ou modalidades. Alguém pode compreendê-lo no sentido da vocação pessoal ou profissional. Para uma pessoa, esse projeto consiste em estudar medicina e se tornar

³⁵ T. RADCLIFF, “La Promessa di vita. Lettera ai domenicani”, em *Il Regno*, 824/nov. 1998, p. 627.

médico ou agente de saúde, para outro, pode ser uma carreira política, e outro ainda pensa em vocação religiosa. Mas o projeto de vida pode também, em qualquer que seja a profissão ou trabalho, significar um modo de encarar a vida e de ser pessoalmente. Alguém pode ter como projeto de vida ganhar dinheiro, se tornar rico e gozar de tudo o que o mundo pode oferecer. Outro pode ter como projeto de vida ser útil às pessoas e ter a alegria de colaborar para que elas vivam melhor.

O ser humano experimenta a capacidade de autodirigir-se, apesar de suas limitações e determinismos parciais, pois tem consciência de que, acima de tudo, pode orientar a sua existência dotando-a de um estilo peculiar e característico. A inteligência espiritual dá poder para transformar a vida em projeto, para ordenar as outras formas de inteligência ao fim livremente estabelecido. A realização pessoal de um projeto de vida não é um fechamento narcisista no próprio eu, mas a possibilidade de dedicar-se a uma tarefa que transcende o eu. O sentido da vida não está em fechar-se em si mesmo, mas em abrir-se aos outros.³⁶

Ter um projeto de vida pode ser comparado com um trabalhador que ajuda a construir um edifício. Ele pode conhecer o plano de conjunto da construção ou não. Se ele conhece, compreende o sentido de cada parede que levanta, de cada pedra que coloca no lugar. Se não conhece ou não sabe aquilo que está construindo, pode fazer uma bela construção, mas dirigida por outros. Ele é apenas o artesão e não o artista. Assim também as pessoas podem levantar-se pela manhã, trabalhar, comer, relacionar-se, estudar e dormir, tendo claro o que quer fazer de sua vida, ou pode, ao longo dos dias, ir vivendo cada momento, mas sem uma leitura do conjunto a ser construído.

Para que esse projeto de vida seja claro, é importante colocar todos os elementos do nosso ser e da nossa vida na direção e na construção desse projeto. A integração de todos os aspectos de nosso ser e de nosso

³⁶ F. TORRALBA, *Inteligência espiritual*, Petrópolis: Ed. Vozes, 2012, p. 221.

agir em um projeto de vida não é espontâneo, nem ocorre do dia para a noite. É uma construção e, podemos dizer, um caminho espiritual.

De acordo com o que for o nosso projeto de vida, nós viveremos nossa sexualidade de um modo ou de outro. Seria muito problemático e lamentável uma pessoa que tem como projeto de vida servir aos outros e construir um mundo mais justo viver um tipo de sexualidade baseado na exploração do outro como objeto ou mesmo uma sexualidade adolescente, centrada em si mesma e no seu prazer solitário. Alguém que queira viver como projeto a construção da libertação do povo pode perceber em si mesmo um desejo ou gosto sexual ainda egoísta ou autocentrado e pode conviver com isso, mas não pode aceitar um tipo de prática sexual na qual se deixa desrespeitar ou permite ser explorado ou, ao contrário, explorar sexualmente outra pessoa.

A relação corporal é uma expressão do dom recíproco. E aí, intuitivamente, alguém pode gostar do outro na cama, mas não sentir nada em comum com relação ao conjunto da vida. E pode construir uma relação assim. No entanto, essa relação será mais humanizada quanto mais for integrada no conjunto da vida. Todos nós conhecemos casos em que duas pessoas estão casadas há anos e se amam, mas ele gostaria de viver com os índios ou fazer um trabalho social, que pede doação de vida, e ela não quer, não permite, então ele não pode fazer. Como se amam, não se separam, mas essa relação será sempre tensa e incompleta.

Um mundo que favorece a indeterminação e a ambiguidade está aquém de uma ética adulta. O desafio maior da sexualidade é a necessidade de uma opção na qual a pessoa se determine. Na cultura dominante, há uma ambiguidade não apenas afetivossexual ou principalmente nesse setor. Ela se situa na indefinição, na falta de determinação, de clareza nas relações com os outros, na quase impossibilidade de relações mais profundas e gratuitas de amizade recíproca e transparente. É uma atitude espiritual optar por evoluir, independentemente da sensibilidade erótica que se tenha. É preciso esforçar-se para alcançar uma maior veracidade na relação consigo mesmo, com os outros e com Deus. São Paulo escreve: “Deus sabe que a respeito de vocês o meu modo de proceder não é um *Sim* e um

Não. Cristo não se relacionou conosco como um *Sim* e um *Não*, mas sempre com o *Sim*, o *Amém* de Deus” (2Cor 1,18).

4.4. *Passos para se viver essa integração interior e social*

Já ficou claro que o caminho espiritual é sempre um processo. O ser humano tem sempre algo de inacabado e em permanente construção. Podemos aqui recordar não receitas ou regras, e sim algumas dicas de como percorrer esse caminho para integrar a sexualidade num caminho espiritual.

- a) “Para encontrar a Deus, é preciso encontrar o outro ser humano”, lembrou Paulo VI, no final do Concílio Vaticano II. Poderíamos continuar refletindo que, para encontrar o outro, é necessário que cada um encontre a si mesmo. Deus prefere a gente amando de forma imatura do que não amando. O importante é que essas relações tendam à verdade e à profundidade. É melhor e mais santo uma pessoa com uma vida sexual desorganizada e humana do que uma pessoa “equilibrada” e “casta” que se centra no poder e se deixa dominar pela vaidade e pelo narcisismo.
- b) A proposta de mudança e conversão não visa simplesmente a uma renúncia ao corpo nem a uma vitória sobre uma afetividade desordenada. A proposta é de humanizar-se cada vez mais, integrar-se interiormente como pessoa e se tornar cada vez mais semelhante ao Cristo.
- c) Hoje, na defesa de alguns animais como a preguiça ou o mico-leão, fala-se muito em *ecossistema*. Se se destruir a Mata Atlântica, não será possível salvar essas espécies ameaçadas. Do mesmo modo, no plano psicológico e espiritual, para conservar certo modo de viver, é preciso manter certo ecossistema necessário a esse estilo de vida, seja no nível pessoal, seja no aspecto comunitário. Não adianta mentir para si mesmo. Não adianta a pessoa dizer que quer viver isso e, ao mesmo tempo, não procurar um método adequado. Numa sociedade que favorece a promiscuidade sexual e o comércio do erotismo e da pornografia, é preciso manter certo ecossistema para viver uma ética se-

xual mais respeitosa de si e dos outros, seja como homossexual, seja como heterossexual. É urgente fazer uma proposta clara e concreta sobre como viver as relações e a sexualidade a partir da realidade pessoal. O maior inimigo do real é o ideal. Se a proposta da gente for idealista demais, acabaremos não vivendo o real que poderíamos viver.

- d) A sexualidade é um elemento fundamental da vida que não pode ser isolado. A compulsão ou dificuldade de autocontrole que aparece no comportamento sexual existirá noutras áreas da vida, no modo de lidar com o dinheiro, na forma de sentir outros prazeres, na falta de integração entre mente e sentimento, no modo de comer, vestir, dormir, lidar com o poder e assim por diante.

Outras religiões e correntes da psicologia nos ensinam a lidar com a energia sexual, com o corpo, como integrá-los no caminho espiritual. Esse é um elemento que algumas espiritualidades orientais têm trabalhado mais do que nós, ocidentalizados. Respirar corretamente e deixar a vida fluir são excelentes instrumentos para nos ajudar a coordenar melhor os pontos de energia que existem em nós, desde o primeiro ao último chacra, desde o mais alto da cabeça até o cóccix.

4.5. Uma palavra para concluir

A sexualidade não é um assunto que se possa viver ou aprofundar numa vida isolada dos outros. Ela está intimamente ligada à afetividade. Pode tomar um caráter totalizador na vida de alguém. Assim como há alcoólatras, hoje se fala em viciados em sexo. Isso é favorecido por situações de vida nas quais parece que a maior preocupação ou a coisa mais importante da vida seja transar. Alguém que se dedica aos outros no plano do serviço social; alguém que se engaja num caminho político, vive a sexualidade de forma igual a qualquer outra pessoa, mas não está, em todo momento, com a mente fixa nisso. Tem outras dimensões de interesse. Alguém que desenvolve amizades maduras e gratuitas tem outro jeito de sentir-se amado e amando. Tudo isso ajuda. No plano espiritual, todas as tradições espirituais convidam a pessoa a passar da autocentração (viver centrado em si mesmo) para

a vida em função do outro (a alteridade espiritual). Esse parece ser o melhor caminho de uma sexualidade feliz.

Uma psicóloga afirmava: “Viver é sempre enfrentar a desarmonia, corrigir as distorções e os erros, até encontrar um repouso, um equilíbrio que, mesmo não sendo ainda a harmonia, possa servir, naquele momento, de equilíbrio”.³⁷

Esse processo diz respeito a todos os elementos da vida pessoal e social. Permanentemente, devemos estar dispostos a colocar em questão nosso modo de pensar, nossos sentimentos, nossa afetividade e tudo o que diz respeito à sexualidade. Isso supõe aceitar a si mesmo com humildade, mas também com autoestima, e vencer as divisões interiores. A meta é nos tornarmos plenamente humanos, como cremos que Jesus se tornou. Então, descobrimos que esse caminho de amadurecimento e mesmo de conversão necessária em todos os campos da vida não é tanto fruto de um esforço nosso, mas sim de um dom divino, uma força que, conforme Paulo diz, “nos vem de Deus, que, progressivamente, transformará nosso corpo de fragilidade para torná-lo de acordo com o corpo glorioso do Cristo” (Fl 3,20-21).

Questões de aprofundamento

1. Partindo do princípio de que somos todos pessoas em permanente construção e que ninguém está completo, o que essa reflexão sobre como integrar a sexualidade em nosso projeto de vida trouxe de novo e de importante para você e para o seu grupo?
2. Da lista de elementos sobre como viver essa integração, que elementos diferentes, a partir da sua experiência e do seu grupo, você acrescentaria?

Referências bibliográficas

MATTHEW, F. *Pecados do espírito, bênçãos da carne*. São Paulo: Ed. Verus, 2004.
ARROCHELLAS, M. H.; FERNANDES, E. (orgs.). *Desejo e mistério. Olhares distintos sobre a sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Expressão, 2013.

³⁷ A. LECLERCQ, *Hommes et femmes*, Paris: Ed. Grasset, 1986, p. 40.

MAÇANEIRO, M. *Eros e espiritualidade – Desejo e mistério no cotidiano da fé*. São Paulo: Paulus, 2010.

JESUS, A. M. G.; OLIVEIRA, J. L. M. *Teologia do prazer*. São Paulo: Paulus, 2014.

4

IGREJA E SOCIEDADE - CF 2015

Pedro A. Ribeiro de Oliveira¹

É motivo de alegria saber que a CNBB escolheu o tema “Fraternidade, Igreja e Sociedade” para a CF-2015, porque cinquenta anos depois da publicação da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (Alegria e Esperança), ainda temos muito a refletir sobre a maneira de a Igreja católica encarar suas relações com o mundo em que vivemos. Com efeito, a mudança introduzida por aquele documento do Concílio foi tão radical que até hoje muita gente não a entende ou, pior, a rejeita. Convidado a expor o que isso significa para nossa realidade, no Brasil de hoje, tomo aqui o estilo testemunhal: partindo sempre da experiência vivida, tento explicar o que ali se manifestava.

Esclareço que me limito ao campo do catolicismo porque a relação entre Igreja e Sociedade nas Igrejas de origem protestante é muito diversificada e me falta capacidade para abordá-la de modo responsável no espaço de um capítulo.

1. A virada na Ação Católica

Nascido e criado numa família rica e firmemente católica, e só estudando em escola católica, até os catorze anos, eu estava convencido de ser a Igreja católica a única Igreja verdadeira, porque fundada por Jesus Cristo para salvar o mundo pela prática dos sacramentos. Naquele final da década de 1950, eu ouvia falar de muitas mudanças no mundo e no Brasil, que se modernizava pela industrialização e

¹ Sociólogo, ISER-Assessoria.

pela urbanização, introduzia a arquitetura moderna e inventava a bossa-nova, enquanto as Reformas de Base entravam na pauta do dia dos debates políticos. Nada disso, porém, parecia afetar a Igreja, que era sempre a mesma, sem ligar para essas novidades, exceto para combater o comunismo ateu. Aprendi que devia desconfiar de qualquer proposta de mudança social ou política que tivesse apoio de comunistas, porque eles queriam acabar com o cristianismo e impor um totalitarismo ateu. Mas isso não era motivo para temor, porque, depois da derrota do nazismo e do fascismo em 1945, a democracia ocidental-cristã derrotaria também o comunismo e a Igreja católica triunfaria para imprimir ao mundo sua orientação social e política. Embora muito simplificado, este esboço de como eu via a relação entre Igreja e mundo ao deixar a infância e começar a me situar no mundo externo ao ambiente familiar provavelmente expressa a realidade de muitos outros jovens de minha geração.

Felizmente, em 1958, tive a graça de ser convidado a participar da JEC – Juventude Estudantil Católica – e assim entrei num grupo de jovens que se propunha a fazer uma revolução a partir do Evangelho. Frades dominicanos abertos à moderna teologia europeia e influenciados pelo movimento de origem francesa “Economia e humanismo” nos traziam novas categorias de pensamento para entender o momento que vivíamos na adolescência, quando estávamos a descobrir a sexualidade, a política, o cinema, a ciência, o movimento estudantil e tantas outras novidades. Em vez de situar nossos problemas em termos de céu e inferno, nos incentivavam a buscar no Evangelho ensinamentos para uma vida mais humana na terra. O foco da existência não seria mais a obsessão em não pecar contra a castidade e passava a ser seguir o Evangelho para tornar o mundo mais humano. A missão primeira do militante da JEC era motivar os colegas para a tarefa de humanizar o colégio e a sociedade. Essa ideia-força da JEC me fez perceber um novo horizonte para a vida cristã.

Os grupos de JEC eram pequenos – não mais que dez, doze pessoas – sendo raros os colégios com mais de um grupo. Em compensação, seus militantes estavam permanentemente envolvidos em múltiplas atividades, no colégio e fora dele. Eram atividades de vários tipos:

religiosas (“missa do estudante”), culturais (semana do estudante e “cines-fórum”), assistenciais (serviço voluntário num ambulatório de periferia) e sociais (encontros dançantes nas casas dos militantes). Cada um e cada uma convidava outros jovens para essas atividades e assim os grupos cresciam. Fr. Betto,² ao escrever sobre “o que me fez ser o que sou”, dedica seis saborosas páginas a essa experiência que marcou nossa geração. O método “ver, julgar e agir” obrigava a refletir seriamente em grupo sobre a atitude a tomar diante das situações vividas. A reunião começava com a leitura e a meditação do Evangelho em grupos e logo em seguida vinha a pergunta: o que aconteceu de mais importante desde a semana passada? Podia ser um fato da escola, da cidade, do país ou do mundo. Sobre ele, refletíamos, tentando saber como Jesus teria reagido, e assim traçávamos a linha de ação. Era a “formação na ação”, sempre incrementada por quem lia um livro interessante ou trazia novidades de algum encontro do qual havia participado. Continuávamos anticomunistas, é claro, mas agora de modo mais sofisticado. Em vez de simplesmente endossar propostas conservadoras ou alinhadas à política dos EUA, éramos desafiados a formular um projeto alternativo ao comunismo e ao conservadorismo que se abrigava sob o manto católico. Ao tomar conhecimento da “democracia cristã” como “terceira via”, nela embarcamos sempre inspirados no Evangelho como guia para humanizar o mundo.

Terminados os estudos secundários, fui para o Rio de Janeiro, ingressei na universidade e assim passei da JEC para a JUC – o ramo universitário da Ação Católica. No início dos anos 1960, o clima social e político já era bem mais complexo, e a JUC tinha um papel importante no movimento universitário, fazendo parceria com os comunistas para vencer o conservadorismo da política e o elitismo da universidade. Foi então que descobri quanto eu estava desinformado sobre os comunistas. Descobri que, tal como os cristãos, eles lutavam por um mundo humanizado e livre de opressão, mas para isso não sentiam falta de uma motivação religiosa. Eu tinha admiração por esses colegas do movimento universitário, porque eu não teria o

² *O que a vida me ensinou*, São Paulo: Saraiva, 2013, p. 13-20.

mesmo ardor revolucionário, não fosse a firme crença no Evangelho que me fazia ver Jesus presente na pessoa do pobre (Mt 25,35-40).

É claro que muitas dúvidas vinham à minha cabeça: não seria ingenuidade continuar a crer no Evangelho quando meus estudos e a própria realidade social e política do momento pareciam contradizê-lo? Como permanecer na Igreja se seus representantes oficiais pareciam estar tão longe do Evangelho? Felizmente, nessa época, havia padres afinados com o mundo contemporâneo (no Rio de Janeiro, destacavam-se Fr. Eliseu Lopes, OP, e o Pe. Henrique de Lima Vaz, SJ) e antigos membros da JUC que levaram sua militância para a vida profissional (como Herbert de Souza, o Betinho, e Luiz Alberto Gomes de Souza), e eram uma excelente referência teológica e filosófica. Apoiado neles, aquelas dúvidas se resolviam: ver o Evangelho não como livro de receitas, mas como revelação do sentido da história e da vida, e entender que somos todos Igreja – e não apenas seus ministros ordenados.

Conto tudo isso para dizer que, no que tange à relação entre Igreja e Sociedade, a JEC, a JUC e outros movimentos da Ação Católica se anteciparam aos ensinamentos de João XXIII e ao Concílio Vaticano II. Por isso, os documentos do Concílio foram recebidos pela minha geração como confirmação de nossa experiência de Igreja – até então na contramão do ensinamento oficial e da maioria dos católicos. Hoje, porém, ao refletir sobre os cinquenta anos do encerramento do Concílio e a promulgação da *Gaudium et Spes*, vejo quanto eles são importantes e atuais. É o que quero mostrar aqui.

2. O Catolicismo no mundo moderno: tradição e renovação

Hoje chamamos de tridentina a forma de catolicismo que vivi na infância, por se fundamentar nos decretos do Concílio de Trento (1545-1563). Até o início do século XX, ela se definia como a única forma legítima de cristianismo. Consequentemente, quem dela se desviasse estaria contaminado pelas heresias (os protestantes e outros evangélicos), pela magia (os espíritas e praticantes das tradições afro-

-brasileiras) ou pela ignorância (no caso das devoções populares). Era, portanto, um catolicismo intransigente: fechava-se em sua tradição particular atribuindo-a aos ensinamentos de Cristo, seus Apóstolos e sucessores. Tudo isso favorecia a percepção do catolicismo como uma religião perene, imutável e imune aos acontecimentos da história humana. Por isso, a Igreja entendia-se a si mesma como “sociedade perfeita”, detentora das verdades eternas que devem organizar toda sociedade humana: falava-se então da necessidade da *ordem cristã*. Vejamos mais de perto o que isso significa.

A doutrina da *ordem cristã* foi elaborada em reação contra a Revolução Francesa e visava impedir que seu ideário liberal continuasse a se expandir pelo mundo. Para o magistério eclesiástico de então, qualquer revolução deveria ser condenada por sua insubordinação contra o princípio da autoridade que vem de Deus. O projeto de restauração da *ordem cristã* representava a idealização de um passado que nunca existiu, mas que tinha o respaldo da tradição. No Brasil, esse projeto se encarna em D. Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro de 1921 a 1942. Herdeiro do processo de reestruturação interna da Igreja católica iniciado na segunda metade do século XIX, ele visa reconduzi-la à posição de guardião da ordem social e política da nação. Conforme sua biógrafa, Irmã Maria Regina do Santo Rosário,³ ao ser nomeado arcebispo de Olinda e Recife, em 1916, ele disse: “a nós homens de fé e da Igreja, cabe impor ao mundo a ordem cristã”.

No cerne desse projeto está a reintrodução de Deus na sociedade e a conformação da Constituição brasileira às leis divinas. Convém observar que essa formulação genérica concentra-se em alguns poucos pontos específicos. Quando se fala de “sociedade”, o foco real da atenção está na família, pois esta é entendida como sua célula matriz: a sociedade cristã seria o produto da família cristã. As mudanças constitucionais viriam justamente reforçar a família, ao proibir o divórcio e favorecer o ensino religioso nas escolas. Não entravam na concepção de *ordem cristã* outras dimensões da ordem social, como acesso à terra para as famílias rurais, justiça nas relações trabalhistas,

³ O cardeal Leme, Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p. 53.

distribuição de renda e outros pontos que mais tarde serão colocados na pauta política a partir da defesa dos direitos humanos.

Não por acaso a revista publicada pela elite intelectual católica e fundada em 1922 tinha por título *A Ordem*. Diante de um mundo em crise – basta lembrar a mortandade humana na Grande Guerra europeia de 1914-18 e o triunfo da Revolução Russa, em 1917, a ameaçar a estabilidade do capitalismo –, a Igreja católica apresentava-se como a instituição incumbida de levar ao mundo a ordem social desejada por Deus, a quem pertence todo poder. Isso é bem representado pela devoção ao Cristo Rei, a quem devem se curvar os poderes seculares, instruídos pela Igreja católica. A construção do monumento/imagem do Cristo Redentor no alto do Corcovado, inaugurado em 12 de outubro de 1931, expressa bem esse projeto de *ordem cristã*: no ponto culminante da capital da República vê-se a representação simbólica do “reinado do Coração Eucarístico de Jesus”. Tudo isso era tão óbvio para os fiéis católicos daquele tempo que por muitos anos se entoou em Minas o hino do congresso eucarístico de Belo Horizonte, de 1937, cujo refrão proclamava:

Tu, que és Rei, e que aos povos dominas
Firma aqui teu trono, Jesus!
E das plagas formosas de Minas
O Brasil para a glória conduz!

Coerente com essa concepção, a proposta de *ordem cristã* concretizava-se no acordo de cúpulas entre Igreja e Estado. No discurso de encerramento do Congresso Eucarístico de 1922, no centenário da Independência, D. Leme apresenta a Igreja católica como “a voz do Brasil que tem fé, do Brasil que ama, do Brasil que espera em Jesus Cristo! Nós somos a alma da Pátria!”. Nesse acordo, a Igreja se propõe a ser a alma da nação, enquanto o Estado deve ser o corpo que age por meio das instituições governamentais. A Igreja define os valores morais que devem reger a sociedade, enquanto o Estado assegura sua aplicação pelos meios legais. É importante observar que esse acordo de cúpulas se reproduz de alto a baixo nas diferentes instâncias de poder: assim como o cardeal arcebispo tem acesso direto ao presi-

dente da república, também o pároco se entende diretamente com o prefeito nos municípios do interior. Cumpre notar que isso não era visto como interferência da Igreja na política!

Essa proposta de *ordem cristã* que influenciou profundamente a sociedade brasileira e de outras partes do mundo na primeira metade do século XX perde força à medida que as mudanças provocadas pelo fim da 2ª Guerra Mundial impõem ao mundo um novo paradigma de sociedade. Basta lembrar, entre as muitas novidades, o rápido desenvolvimento científico e tecnológico que introduz novos padrões culturais na vida cotidiana, com os modernos meios de transporte e comunicação, aumento da escolaridade, aperfeiçoamento da medicina, aceleração da urbanização, enfim, inicia a globalização da cultura moderna. No plano econômico, o mundo vive “os anos dourados” de 1945 a 1973 – surto de prosperidade nunca visto –, mas acompanhado do aumento da desigualdade e da visibilidade do Terceiro Mundo, subdesenvolvido. No plano político, o socialismo avança na Europa oriental, na Ásia e chega até nossa América com a revolução cubana de 1959, enquanto os movimentos anticolonialistas sacodem a Ásia e a África num quadro mundial de aumento da consciência democrática. Por outro lado, o clima de Guerra Fria entre os países de governo comunista e os de economia capitalista era uma permanente ameaça à paz mundial, tendo em vista que as armas nucleares – depois dos massacres de Hiroshima e Nagasaki – começavam a ser produzidas em larga escala. Nesse contexto, a Igreja católica reforçou sua oposição ao comunismo, mas seu discurso doutrinário e intransigente era incapaz de propor alternativas viáveis para tornar o mundo mais humano e pacífico.

É nesse contexto que se percebe a grande importância de João XXIII, cujo pontificado põe fim ao que o saudoso Pe. Libânio chamou de a “pequena tradição dos Pios”: o modelo de Igreja antimoderna vigente de 1775 a 1958 (de Pio VI a Pio XII), que se apresentava como única tradição autenticamente católica. Sem negar a condição da Igreja como *mãe e mestra*, o “bom Papa” João dirige-se a todas as pessoas de boa-vontade – e não somente aos fiéis católicos – para conclamá-las a buscar a *paz na terra* (Encíclica *Pacem in Terris*, de

abril de 1963). Essa abertura ao diálogo com o mundo, tendo em vista a construção da paz, quando a Guerra Fria atingia seu auge pela instalação de foguetes soviéticos em Cuba (crise de outubro de 1962), representa o início da grande transformação a ser depois completada pelo Concílio Ecumênico do Vaticano II. Esse contexto de debates abre um novo horizonte para toda a Igreja católica. Tudo se passa em pouco tempo, tendo em vista o peso das suas instituições. Do início do pontificado de João XXIII, em 1958, e a leitura latino-americana do concílio Vaticano II, em Medellín, em 1968, decorreram apenas dez anos! Esse turbilhão de ideias e de inovações fez desmoronar o modelo tridentino que pretendia ser perene e imutável e abre as portas da Igreja, tanto para a necessária renovação de suas estruturas quanto para dialogar com as pessoas de boa-vontade, independentemente de suas crenças religiosas.

3. Atualidade da *Gaudium et Spes* após a restauração identitária

O contraste entre o modelo de catolicismo vigente até 1958 e o modelo que se difunde a partir de 1968 foi enorme. Aquelas novidades da teologia e da liturgia que me fascinaram na adolescência e juventude configuram uma forma de catolicismo radicalmente distinto da forma tridentina. O que até então tinha sido a forma de um grupo minoritário, quase sempre à margem da tradição, torna-se, após o concílio Ecumênico de 1962-1965, a forma oficial de ser católico. Não tem mais cabimento a proposta de *ordem cristã* em moldes de cristandade, porque a missão da Igreja só se realiza efetivamente em diálogo e em prática comum com outras forças sociais.

Podemos tomar como exemplo o Movimento Fé & Política, criado em 1989, que exprime bem a teologia da *Gaudium et Spes*, embora não a mencione. Sua carta de princípios resume numa frase o espírito que deve congrega seus membros: “Está aberto a todas as pessoas que consideram a política uma dimensão fundamental da vivência de sua fé, e a fé, o horizonte de sua utopia política”. Isso significa que a política, entendida como atuação transformadora nos espaços públicos – da

sociedade, da economia, da cultura ou do Estado – pode ser assumida como um campo de vivência da fé, desde que a fé seja força de mobilização e de inspiração para essa atuação dos cristãos e cristãs.

Não cabe aqui a análise dos documentos conciliares, nem mesmo daquele cujo cinquentenário agora celebramos: a “Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje”. Não posso, contudo, deixar de apontar uma de suas maiores contribuições para a nova forma de relacionar-se Igreja e sociedade: o uso do método “ver, julgar e agir”. Embora ele seja explicitado com palavras hauridas do vocabulário teológico, disso trata sua introdução, sobre a condição do homem no mundo de hoje, quando, ao expor o método de abordagem do tema, diz: “é dever da Igreja investigar a todo momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas” (GS 4).

Investigar os “sinais dos tempos”: aí está a ruptura com o método doutrinário antes em vigor, que pretendia ser possível partir de verdades eternas para aplicá-las à realidade do tempo presente. Não se trata, é claro, de simplesmente constatar fatos da realidade, como quem lê jornal para saber notícias, mas buscar nos fatos o que eles estão a sinalizar. É preciso uma leitura atenta e crítica das realidades do tempo presente para se perceber nelas os sinais do que elas trazem para o futuro, como já ensina Jesus em tom de desafio (Mt 16,2-3). É a partir dessa leitura que se faz a interpretação *à luz do Evangelho* e, conseqüentemente, se formulam respostas ao mesmo tempo fundamentadas e adequadas ao momento histórico. Ou seja, a Igreja não abre mão da Revelação recebida, mas não se limita a repetir suas verdades como fazia noutros tempos. Antes, faz todo esforço para adequar sua mensagem à realidade vivida por seus destinatários. E isso se dá na medida em que as relações entre Igreja e sociedade são fundadas sobre o diálogo.

É claro que essa mudança tão radical só foi possível porque desde meados do século XIX havia lideranças católicas que discordavam da postura antimodernista e que, em pequenos grupos, buscavam uma

maneira de relacionar-se melhor com o mundo moderno. Embora suas vozes fossem abafadas, elas davam origem a novas formulações que vinham à tona em outro tempo ou lugar. Além disso, o florescimento dos estudos bíblicos e teológicos no campo evangélico desafiava os católicos a aprimorar seu pensamento e sua produção.⁴ Por isso, ao irromper com força já na fase preparatória do Concílio, esse novo pensamento teológico pegou desprevenido o setor conservador que não estava intelectualmente aparelhado para contrapor seu pensamento. Sua reação retardou, mas se fez sentir já no final do pontificado de Paulo VI e intensificou-se após a eleição de João Paulo II com seu projeto de *restauração identitária*, que visava unificar a Igreja católica sob a suprema autoridade papal. Inicia-se então o período de disputas sobre a melhor interpretação dos documentos do Vaticano II.

O projeto restaurador de João Paulo II não buscava o simples retorno ao passado tridentino, mas impor a interpretação do Concílio Vaticano II a partir do Concílio Vaticano I, que tornou a autoridade do Papa suprema e incontestável sobre toda a Igreja católica. Para levar em frente esse projeto, João Paulo II contou com a indispensável participação do renomado teólogo J. Ratzinger, que deu continuidade ao projeto ao sucedê-lo como papa. Vários instrumentos eclesiásticos foram utilizados para implementar essa restauração, sendo os principais deles: nomeação de bispos afinados com a mesma linha, reforma do direito canônico, elaboração do Catecismo Universal da Igreja católica e normas restritivas para a liturgia. Esse projeto encontrou apoio em movimentos eclesiais como *Opus Dei*, Comunhão e Libertação, *Focolari*, neocatecumenato, Renovação Carismática Católica e outros de menor alcance, que se tornaram os grandes parceiros na sua execução. O arco de alianças formado pelo papa, a Cúria Romana, os bispos de sua confiança em dioceses-chave, e os movimentos eclesiais passou então a difundir sua própria interpretação dos documentos

⁴ No Brasil, devemos muito a Richard Shaull, teólogo presbiteriano, que introduziu a teologia de Karl Barth, Paul Tillich, Rudolf Bultmann e outros. Na Europa, o movimento ecumênico estimulava a abertura à sociedade, deixando de lado a atitude proselitista. Isso certamente influenciou a abertura também na parte católica, quebrando sua intransigência.

promulgados pelo Concílio como sendo a única interpretação autêntica, ao mesmo tempo que desqualificava qualquer interpretação que dela divergisse.⁵

O projeto restaurador teve como resultado o enfraquecimento de muitas inovações introduzidas a partir do Concílio (a atitude ecumênica e inter-religiosa, a Teologia da Libertação, os organismos colegiados, a liturgia inculturada, a renovação da vida religiosa, a abertura dos seminários e outras), mas não conseguiu implantar um novo modelo de Igreja católica apto a dialogar com o mundo contemporâneo. O enrijecimento institucional da Igreja, ao insistir em sua convicção de ser portadora de verdades absolutas em oposição ao “relativismo” do mundo, criou uma barreira na comunicação entre eles. De um lado, estava o corpo clerical cada vez mais dotado de poder pelo projeto de *restauração identitária*; de outro, estava a grande massa de leigos e leigas reduzidos à condição de auxiliares dos padres, senão de simples usuários dos serviços religiosos.

Essa distância cada vez maior entre clero e laicato, que se desdobra como distanciamento entre Igreja e sociedade contemporânea, deve ter sido a mais forte causa da renúncia de Bento XVI, que pôe fim ao fracassado projeto de *restauração identitária*. Vale a pena ver mais de perto esse fenômeno que a sociologia chama de *desafeição religiosa*.⁶ A desafeição se dá sob três dimensões:

- a) psicossocial: quando o laço afetivo a unir o fiel à instituição religiosa se esgarça ou se perde, provocando indiferença religiosa;
- b) teologal: quando há divergência essencial entre a fé pessoal e a fé professada pela Igreja, tornando a pertença à Igreja meramente funcional: permanecerá, enquanto sentir-se confortável nela;
- c) prática: quando o fiel deixa de seguir as normas e orientações da Igreja, afastando-se das celebrações ou desobedecendo à sua orientação moral.

⁵ Veja-se o instigante e abrangente balanço da recepção e da controvérsia sobre o sentido do Concílio, aos cinquenta anos da sua abertura: M. FAGGIOLI, *Vaticano II: a luta pelo sentido*, São Paulo: Paulinas, 2013.

⁶ Trabalhei esse tema na revista *Horizonte* (dez. 2012. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2012v10n28p1230).

São muitos os sinais de desafeição religiosa no catolicismo de hoje. Basta pensar nas baixas taxas de frequência à missa dominical e a incompreensão do seu significado pela maioria da população católica. Quero, porém, trazer um dado do censo do IBGE de 2010 até agora pouco explorado pela sociologia do catolicismo: a diminuição de católicos com menos de trinta anos de idade.⁷ Não se trata apenas da diminuição relativa de católicos no conjunto da população residente no Brasil, mas sua redução em números absolutos. Para facilitar a leitura, os números são apresentados em milhares, com “arredondamento”.

População católica, por faixa etária e sexo (em milhares)

Fonte: IBGE, censos de 2000 (1.3.3) e 2010 (1.4.3)

Idade	Sexo	2000	2010	Alteração %
0 - 4 anos	Masculino	5.900	4.350	- 26,2
	Feminino	5.700	4.200	- 26,3
	Total	11.600	8.530	
5 - 9 anos	Masculino	6.100	4.750	- 22,1
	Feminino	5.900	4.550	- 22,9
	Total	12.000	9.300	
10 - 14 anos	Masculino	6.500	5.500	- 15,4
	Feminino	6.350	5.260	- 17,2
	Total	12.850	10.760	
15 - 19 anos	Masculino	6.700	5.500	- 17,9
	Feminino	6.600	5.330	- 19,2
	Total	13.300	10.830	
20 - 24 anos	Masculino	5.900	5.550	- 5,9
	Feminino	5.900	5.440	- 7,8
	Total	11.800	10.990	
25 - 29 anos	Masculino	4.950	5.390	+ 8,9
	Feminino	5.050	5.360	+ 6,1
	Total	10.000	10.750	

⁷ Esse dado do censo é tratado aqui apenas para ilustrar a desafeição religiosa no catolicismo. Quem quiser uma boa análise dos resultados, encontrará em F. TEIXEIRA, R. MENEZES, *Religiões em movimento – o censo de 2010*, Petrópolis: Vozes, 2013, e nos artigos de *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 14, n. 24, jul./dez. 2013. (DOI: <http://dx.doi.org/10.1234/dner.v2i24>).

A tabela coloca em evidência o rápido declínio da população católica nas faixas de idade abaixo de 29 anos. Considerando que as faixas abaixo de 9 anos seguem a religião da mãe (salvo declaração em contrário), é clara a desafeição crescente ao catolicismo. Tendo em vista que são as mulheres (a mãe, as avós e tias) as principais agentes de transmissão religiosa de uma geração para outra, sua desafeição torna-se mais desafiadora à permanência do catolicismo nas futuras gerações. Sem dúvida, está chegando ao fim a “cultura católica de longa duração” que há séculos tem sido uma característica brasileira. Não é necessário sofisticar a análise para se prever que, quando as atuais crianças, adolescentes e jovens chegarem à idade adulta (ao mesmo tempo que morrerem os atuais idosos), o catolicismo não terá mais o peso que ainda tem na sociedade brasileira. Mais importante, contudo, do que a diminuição numérica, é a evidente fragilidade da identidade religiosa: embora muitas famílias continuem a transmitir o catolicismo às novas gerações, difunde-se cada vez mais o modelo religioso de “crer sem pertencer”, que é o fruto maduro da desafeição.

Essa realidade visibilizada pelos dados do censo não é peculiar ao Brasil: desde meados do século XX ela já podia ser percebida em outras partes do mundo, com maior ou menor intensidade, e por isso João XXIII propôs a necessidade de *aggiornamento*⁸ da Igreja católica. Antes, porém, que as reformas estabelecidas pelo Concílio Ecumênico do Vaticano II se consolidassem, elas foram restringidas pela proposta de *restauração identitária* implementada por João Paulo II e Bento XVI. A crise provocada por seu fracasso provocou a eleição de Francisco, que abre um novo tempo de mudanças na Igreja católica.

4. A proposta de Igreja em saída

A expressão foi usada na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (n. 20 a 24) e significa o apelo à Igreja para sair às ruas levando a alegria do Evangelho ao mundo de hoje, mesmo correndo o risco de voltar

⁸ Essa expressão italiana significa colocar em dia. No caso católico, atualizar o modo de ser da Igreja para torná-la compatível com as realidades do nosso tempo.

suja e ferida. Antes mesmo de publicar sua mensagem, Francisco já a havia proclamado por certos gestos, como sua visita a Lampedusa (encontro com imigrantes sem documento, na maioria muçulmanos) onde fez uma prece pelos mortos na travessia por barcas clandestinas. Também seu diálogo público com rabinos judeus, pastores evangélicos e um ateu confesso, Scalfari, diretor do jornal *La Repubblica*, indicam sua disposição em sair dos limites eclesiásticos e abrir-se a todas as pessoas que buscam a paz e a justiça.

Esse projeto se inscreve, portanto, na linha pastoral da *Gaudium et Spes*, atualizando-a para a linguagem de hoje. Ele amplia a convocação de leigos e leigas para a ação transformadora do mundo. Ao contrário do projeto de *restauração identitária*, voltado para a reafirmação da Igreja e desconfiado de tudo que não tivesse a marca católica, o projeto de Igreja *em saída* quer a Igreja em missão de serviço à sociedade.

Cabe então uma breve reflexão sociológica sobre as condições de sua realização. Com olhar sociológico, sem otimismo ingênuo, enfrentemos a pergunta: está hoje a Igreja apta a contribuir efetivamente para a humanização do mundo contemporâneo?

Tudo indica que o modelo tridentino de catolicismo e sua proposta de *ordem cristã* para o mundo está a perder credibilidade desde que a renúncia de Bento XVI abalou sua base mais forte: a autoridade incontestada do papa. Apesar disso, ele continua contando com adeptos em poderosos setores eclesiásticos além da Cúria Romana, que é seu principal reduto. Dois apoios importantes são os movimentos eclesiais que explicitam ou disfarçadamente cultivam a tradição tridentina, e um amplo setor do clero onde não poucos bispos, padres e seminaristas definem sua missão como sendo a de levar as pessoas para a Igreja, onde encontrarão Jesus – de modo todo especial no Santíssimo Sacramento.⁹ Também entre as religiosas e religiosos se pode perceber essa concepção de missão. Embora esses setores eclesiásticos declarem ser devotamente obedientes ao papa, há indícios

⁹Basta ver os programas católicos na TV: neles se assiste à missa, se reza o terço, se incentivam devoções a Maria, à hóstia consagrada e aos santos, com a participação de padres midiáticos e bispos que os legitimam.

de que lhes desagradam tanto as críticas de Francisco à ostentação mundana de pessoas consagradas quanto seus gestos e palavras de estímulo a uma Igreja pobre e servidora dos pobres.

Além disso, existe o patrimônio econômico acumulado pela Igreja! Ele pode assegurar à Cúria Romana – e com ela ao modelo tridentino – uma sobrevivência cuja duração seria difícil estimar, porque não depende das contribuições dos fiéis e sim de aplicações financeiras. Por tudo isso, embora não seja mais uma alternativa plausível para a Igreja católica no século XXI, aquele modelo ainda consegue colocar sérios entraves à proposta de Igreja *em saída*.

Nessa crise, estamos hoje: o modelo tridentino está em franco declínio, mas ainda mostra ter força suficiente para criar obstáculos ao desenvolvimento do modelo alternativo trazido pelo Vaticano II. Seria ingenuidade pensar que o Papa por si só conseguiria impor a toda a Igreja católica seu projeto de Igreja *em saída*, porque seu poder é fundamentalmente um poder moral, isto é, repousa sobre sua capacidade de convencer e mobilizar as pessoas. Sua personalidade, seus gestos proféticos e suas falas sem censura estão conquistando as bases da Igreja e ofuscam os setores saudosistas da cristandade, mas isso não é o bastante para tirar a Igreja católica da sacristia e levá-la aos espaços públicos: é indispensável a mobilização das bases eclesiais para a realização efetiva do projeto do Vaticano II. Cabe então aos cristãos e cristãs identificados com essa proposta encontrar meios realistas para reforçá-la, pois a mudança teve seu início na cúpula eclesiástica ao ser assumida pelo papa, mas seu desenrolar depende agora principalmente das bases dispersas pelo mundo. É de baixo para cima que as mudanças se fazem e se consolidam.

Conclusão

Se estamos em meio à crise, é bom lembrar que é na crise que somos mais criativos. E essa criatividade precisa descortinar meios eficazes de mobilização das bases em favor da proposta de Igreja *em saída*. Não se pode contar para isso nem com a massa agregada em torno do catolicismo popular centrado na devoção aos santos nem com as elites

congregadas pelos movimentos eclesiais de raízes tridentinas. Há que se buscar a sustentação do projeto nos setores da Igreja cujas raízes se encontram no Concílio Vaticano II: de um lado, as Comunidades Eclesiais de Base e Pastorais sociais; de outro, os grupos congregados pelo Movimento *carismático*. Vejamos mais de perto a realidade atual desses grupos.

Nascidos dentro do processo de renovação provocado pelo Concílio Ecumênico de 1962-1965, eles foram introduzidos no Brasil nos anos 1970 pela Renovação Carismática Católica – RCC –, que buscou “atrair os afastados” por meio de música, entretenimento e oração. Sua organização por meio de *grupos de oração* lhe dá grande autonomia perante as autoridades eclesiásticas, enquanto sua ênfase na prática dos sacramentos favorece sua integração nas estruturas paroquiais, deixando nelas sua marca de louvação e confiança no poder de Deus. Embora sua sistematização teológica seja frágil, ele atinge não somente leigos e leigas, mas também um amplo setor do clero, bispos e religiosas.

Pesquisa recente¹⁰ mostra que seu desenvolvimento não foi linear. Em sua fase inicial, tendo ou não aprovação eclesiástica, criavam-se *grupos de oração* como espaço religioso próprio de leigos e leigas. Eles multiplicaram-se rapidamente e corriam o risco de se tornarem espaço paralelo à estrutura paroquial, com catequese, celebrações, centros de formação e vários “ministérios” modelados pela RCC. Para evitar esse paralelismo de fato, a hierarquia católica reconheceu de direito a RCC como Movimento eclesial. Com o incentivo de João Paulo II, esses grupos se integraram na estrutura paroquial da Igreja, dando-lhes feições carismáticas. Na fase de consolidação, a partir dos anos 1990, a RCC desdobrou-se em duas vertentes: uma assumiu a pastoral nas paróquias e passou a dar o tom pastoral ao catolicismo no Brasil, enquanto a outra formou movimentos independentes com comunidades “de vida” e “de aliança” que gradualmente retornaram

¹⁰ Cf. B. CARRANZA, “Perspectivas da neopentecostalização católica”, em B. CARRANZA, C. MARIZ e M. CAMURÇA, *Novas comunidades católicas em busca do espaço pós-moderno*, Aparecida (SP): Ideias & Letras, 2009.

ao catolicismo tridentino de salvação individual, dando-lhe um estilo carismático.

Tudo faz pensar que a forma carismática tornou-se hoje a forma hegemônica em muitas, senão na maioria, das dioceses e paróquias do Brasil. Isso significa que esse setor da comunidade católica tem um papel crucial nos rumos que a Igreja tomará.

Aqui reside, em meu entender, o grande desafio para a Igreja católica: a criação de uma forma de catolicismo resultante da combinação do que o movimento *carismático* e o catolicismo da *libertação* têm de melhor. Certamente, o entusiasmo dos grupos de oração carismáticos tem peso importante nessa combinação, assim como a teologia da missão evangelizadora elaborada a partir das CEBs e pastorais sociais.

O ajuste entre eles ainda está por ser feito, mas já há sinais de que ele é possível e mesmo há algumas experiências em caminho em muitas CEBs que assumiram um jeito *carismático* sem por isso se afastarem das lutas e movimentos sociais. Pelo lado da RCC, não são raros os casos de pessoas que, sem abandonar seu jeito de rezar e louvar, assumiram responsabilidades em lutas sociais. Fica o desafio de encontrar espaços não apenas para avanços individuais, mas para a mútua fecundação dessas duas formas de catolicismo.

Tudo isso para indicar que uma Igreja *em saída*, como quer Francisco, não é sonho ou utopia irrealizável. Para viabilizar-se, porém, será necessário o concurso de muitos fatores não examinados aqui. Tendo presente esta análise, cabe agora mobilizarem-se as vontades para realizar o projeto, antes que a inércia institucional das burocracias eclesiais o corroam e desfigurem.

